

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Elisângela Rüdiger Johann

**FOTOGRAFIA E IDENTIDADE TERRITORIAL A PARTIR DOS JOVENS  
NO VALE DO RIO PARDO-RS**

Santa Cruz do Sul

2016

Elisângela Rüdiger Johann

**FOTOGRAFIA E IDENTIDADE TERRITORIAL A PARTIR DOS JOVENS  
NO VALE DO RIO PARDO-RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Linha de Pesquisa em Território, Planejamento e Sustentabilidade, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Ângela Cristina Trevisan Felippi

Santa Cruz do Sul

2016

Elisângela Rüdiger Johann

**FOTOGRAFIA E IDENTIDADE TERRITORIAL A PARTIR DOS JOVENS  
NO VALE DO RIO PARDO-RS**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Linha de pesquisa em Território, Planejamento e Sustentabilidade, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

---

*Dra. Ângela Cristina Trevisan Felippi*  
Professor Orientador - PPGDR UNISC

---

*Dra. Liliane Dutra Brignol*  
Professor examinador - UFSM

---

*Dra. Grazielle Brandt*  
Professor examinador - PPGDR UNISC

Santa Cruz do Sul

2016

## AGRADECIMENTOS

Às instituições de ensino, que gentilmente autorizaram a realização da pesquisa, e aos meus queridos onze jovens que aceitaram o desafio, participando com entusiasmo e seriedade deste trabalho, meu profundo agradecimento.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo apoio financeiro foi fundamental para conclusão da pesquisa.

À minha orientadora Ângela Cristina Trevisan Felippi, deixo aqui registrado um agradecimento especial pela dedicação, paciência e amizade. Sou grata pelos conhecimentos compartilhados e pelas palavras de incentivo que tanto colaboraram com o andamento deste estudo.

Aos meus pais e familiares, por acreditarem em mim e por fornecer incentivos, nos momentos mais difíceis, a continuar prosseguindo.

Ao meu namorado, por compreender a minha ausência e mostrar-se paciente tantas vezes.

Aos meus queridos colegas de curso, em especial ao Adriano Emmel, que me ajudou em vários sentidos, à Cláudia Cardoso pelo auxílio e pelos conselhos, à minha querida professora e amiga Raquel Lazzari Pacheco e à Alice Raquel Piovesan, pela amizade.

À querida prima e amiga Josiane da Silva, que sempre esteve presente, e ao grande amigo Rafael Pauli, que me auxiliou quando foi necessário.

Ao meu grupo de estudos, que torceu para que tudo desse certo, compreendendo a minha ausência em diversos momentos.

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar como o público juvenil percebe a identidade territorial de sua região, correspondente ao COREDE Vale do Rio Pardo. A pesquisa utilizou um formulário com questões fechadas e abertas e fotografias como recursos metodológicos. Os jovens entrevistados formaram dois grupos distintos: um grupo foi formado por jovens provenientes de vários espaços rurais do Vale do Rio Pardo que estudam na mesma escola, em zona urbana. O outro grupo foram jovens residentes na área urbana da municipalidade de Santa Cruz do Sul e estudam em outra escola, também, em zona urbana. O presente trabalho empregou uma abordagem qualitativa para a construção das análises sobre o objeto empírico. O referencial teórico foi composto pelos estudos culturais e pelos estudos de território, região e desenvolvimento regional. A diversidade das identidades, provenientes de várias formações culturais dos dois grupos de jovens entrevistados, mostrou que cada grupo traz percepções a partir do espaço territorial onde residem, apresentando, nas fotografias e nas entrevistas, aspectos peculiares de sua região, ou seja, tanto do espaço urbano, como do rural. A análise dos resultados sugere que os jovens percebem seu espaço a partir de suas vivências cotidianas, levando em consideração imagens que refletem, distintamente, aspectos culturais, históricos e turísticos, por parte dos residentes urbanos. As imagens que representam interesse por aspectos econômicos, sociais e ecológicos são mais salientes por parte do grupo de jovens rurais.

Palavras-chaves: fotografia, cultura, identidade territorial, jovens.

## **ABSTRACT**

This study aimed to analyze how young people, in the region of the Rio Pardo Valley's Regional Development Council (COREDE), perceive territorial identity. The research used a questionnaire with closed and open questions together with photographs taken by the participants as methodological resources. The young interviewees formed two distinct groups: one group consisted of young people from various rural areas of the Rio Pardo Valley who study at the same urban school. The other group was of young people living in the urban area of Santa Cruz do Sul municipality and studying at another urban school. This study used a qualitative approach to analyze the empirical object. The theoretical framework was composed of cultural studies together with studies related to territory, region and regional development. The diversity of identities, from various cultural backgrounds of the two groups of young people interviewed, showed that each group brings perceptions from the territorial space where they live, captured by the photographs and interviews, illustrating specific aspects of the urban and rural areas. The analysis of the results suggests that young people perceive their space from their daily experiences. The young urban residents take into account images that distinctively reflect cultural, historical and touristic aspects. Images that represent an interest in economic, social and ecological aspects are more prominent in the group of young people from the rural area.

**Keywords:** photography, culture, territorial identity, young people.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 01 – Região do COREDE do Vale do Rio Pardo .....	68
Figura 01 – Comparativo da população do Vale do Rio Pardo de 2000 e 2010 por faixas etárias.....	72
Mapa 02 – Mapa da VAB da Agropecuária dos municípios do Vale do Rio Pardo (2012).....	76
Quadro 01 – Indicadores de educação dos jovens nos municípios de abrangência do estudo (2010). .....	80
Figura 02 - Quais os lugares que costumam viajar.....	91
Figura 03 - Os meios de comunicação mais utilizados pelos jovens.....	92
Figura 04 - Os meios de comunicação mais utilizados para acessar internet.....	93
Figura 05 - Qual o aparelho que normalmente costuma utilizar para fotografar .....	93
Fotografia 01 - Cultivo de hortaliças .....	95
Fotografia 02 - Égua.....	96
Fotografia 03 - Experiências escolares .....	96
Fotografia 04 - Paisagem.....	97
Fotografia 05 - Memórias familiares .....	99
Fotografia 06 - Laços familiares.....	100
Fotografia 07 - Animais.....	106
Fotografia 08 - Produção de peixes .....	107
Fotografia 09 - Morro Itacolomi e o fumo .....	108
Fotografia 10 - Grupo de mulheres .....	109
Fotografia 11 - Esporte favorito .....	110
Fotografia 12 - Pracinha do colégio .....	110
Fotografia 13 - Onde tudo começou .....	110
Fotografia 14 - Praça Getúlio Vargas .....	111
Fotografia 15 - Namorada.....	112
Fotografia 16 - Família.....	112
Fotografia 17 - Bovinos.....	113
Fotografia 18 - Símbolo da cultura gaúcha .....	113
Fotografia 19 - O mundo dentro de casa .....	114
Fotografia 20 - Lugar seguro .....	115
Fotografia 21 - Política.....	116

Fotografia 22 - Quiosque da escola .....	116
Fotografia 23 – Escola: segunda casa.....	117
Fotografia 24 - Catedral São João Batista .....	117
Fotografia 25 - A Cruz .....	118
Fotografia 26 - Vista da cidade.....	119
Quadro 3 - Percepções dos estudantes da escola comunitária.....	125
Quadro 4 - Percepções dos estudantes da escola particular.....	129
Fotografia 27 - Pôr do sol.....	130
Fotografia 28 - Produção do tabaco.....	131
Fotografia 29 - Família envolvida com o tabaco .....	132
Fotografia 30 - Cavalo, representação do gaúcho .....	133
Fotografia 31 - Diversidade de produção .....	133
Fotografia 32 - Araucárias.....	134
Fotografia 33 - Túnel verde .....	134
Fotografia 34 - Área escolar .....	135
Fotografia 35 - Monumento do Imigrante .....	136
Fotografia 36 - Praça da Prefeitura de Santa Cruz do Sul.....	136
Figura 06 - Imagens representativas dos jovens entrevistados.....	138



## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Dados demográficos dos municípios abrangentes do estudo e Região do Vale do Rio Pardo (2010).....	71
Tabela 02 – Estimativa Populacional do municípios abrangentes da pesquisa por faixas etárias (2014). ).....	73
Tabela 03 – PIB e PIB per capitados municípios abrangentes do estudo e Região do Vale do Rio Pardo (2012). ).....	74
Tabela 04 – Estrutura Produtiva dos municípios abrangentes do estudo e Região do Vale do Rio Pardo (2012). ).....	74
Tabela 05 – Valor da Produção do Tabaco em comparação a outras lavouras agrícolas temporárias (%).....	75
Tabela 06– Índices de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM (2010).....	77
Tabela 07 – Estabelecimentos de Ensino Médio.....	78
Tabela 08 – Matrícula no Ensino Médio.....	79

## LISTA DE ABREVIATURAS

CNES	Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde
COREDE	Conselho Regional de Desenvolvimento
DHMCM	Dispositivo Híbrido Móvel de Conexão Multirredes
EFASC	Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul
FEE	Fundação de Economia e Estatística
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
NEPO	Núcleo de Pesquisas Populacionais
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNDR	Política Nacional de Desenvolvimento Regional
PNUD	Programadas Nações Unidas para o Desenvolvimento
RS	Rio Grande do Sul
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>IDENTIDADE CULTURAL</b>	<b>18</b>
2.1	Cultura diante da globalização	18
2.2	As múltiplas identidades	25
2.3	A crise identitária	27
<b>3</b>	<b>DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA PERSPECTIVA TERRITORIAL</b>	<b>31</b>
3.1	Região e Regionalização	31
3.2	A perspectiva territorial	32
3.3	Territorialidades no espaço rural e urbano	37
<b>4</b>	<b>DINÂMICAS IDENTITÁRIAS E APROPRIAÇÕES CULTURAIS DOS JOVENS</b>	<b>42</b>
4.1	Formação juvenil: Critérios para uma definição de juventude	42
4.2	Transformações juvenis contemporâneas	44
4.4	A relação entre juventude e consumo tecnológico	52
4.5	A fotografia como expressão fotográfica	57
4.6	A popularização do telefone celular como múltiplas tarefas	60
4.7	As representações identitárias nas manifestações juvenis	63
<b>5</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES EM ESTUDO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>67</b>
5.1	Caracterização da região do COREDE do Vale do Rio Pardo	67
5.2	Procedimentos metodológicos da pesquisa de campo	82
<b>6</b>	<b>FOTOGRAFIA E IDENTIDADE: PERCEPÇÃO JUVENIL SOBRE O TERRITÓRIO VIVIDO</b>	<b>89</b>
6.1	Análise da percepção dos jovens entrevistados sobre o território	94
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>139</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>143</b>
	<b>ANEXO A – Formulário</b>	<b>153</b>
	<b>ANEXO B – Carta de apresentação às instituições</b>	<b>156</b>
	<b>ANEXO C – Texto aos participantes</b>	<b>157</b>
	<b>ANEXO D – Termo de consentimento aos participantes</b>	<b>160</b>
	<b>ANEXO E – Perfil dos participantes</b>	<b>161</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A relação social entre os diferentes atores que se apropriam do espaço faz parte do processo de construção social, imprimindo uma identidade ao território. Perceber e compreender a importância da identidade territorial e os elementos culturais que caracterizam as práticas sociais no território como algo que se constrói em determinado tempo e espaço por meio de suas próprias características é fundamental. Nesse sentido, a identidade está sempre em movimento, pois as estruturas mudam e o sujeito muda.

Podemos dizer que identidade territorial é constituída por um conjunto de elementos culturais que demarcam espaços e que a cultura contribui para a construção da identidade territorial, assim como o faz para a identidade do indivíduo e dos grupos.

Os indivíduos se tornam sujeitos pelo processo de construção individual e coletivo da identidade, construindo as representações do espaço onde vivem. As diferentes culturas influenciam diretamente na vida dos indivíduos e cada grupo social busca evidenciar determinadas características como sendo pertencentes à sua identidade cultural. A identidade não nasce conosco, mas é formada e transformada com o passar do tempo a partir da cultura do vivido. Por meio da cultura valorizamos a identidade, que é constituída socialmente.

Para Hall (1997), as identidades sociais são constituídas no interior da representação por meio da cultura, sendo o resultado de um processo de identificação na qual nos posicionamos frente às definições das práticas sociais, caracterizando o indivíduo como um ser que interpreta e estabelece sentidos. Toda a ação social é cultural, bem como as práticas sociais resultam em um significado de ação, portanto são práticas de significação. Isso conduz à ideia de que cada indivíduo desenvolve seus próprios atributos e significados, para assim desenvolver sua identidade cultural.

Segundo Castells (1999), a identidade se dá por meio de um conjunto de significados culturais, experiência de um povo ou um conjunto de atributos culturais inter-relacionados sob outras fontes de significados. Hall (2011) afirma que há uma crise de identidade, que vem provocando discussão desde as últimas décadas, quando mudanças do conceito têm passado por muitas críticas, causando conflitos de desconstrução nas perspectivas anteriores e fazendo com que novas identidades surjam. O indivíduo anterior era considerado unificado, hoje o indivíduo moderno é compreendido como fragmentado, composto por várias identidades.

Buscar compreender o território na sua diversidade em que os atores sociais interagem com o meio é fundamental para os estudos sobre desenvolvimento regional. Dessa forma o papel da identidade cultural no desenvolvimento regional se torna fundamental para poder

perceber o território como algo que se constrói em tempos e espaços determinados por meio de suas próprias características, como processos históricos e naturais.

Para o desenvolvimento regional, a identidade se torna indispensável para a compreensão dos territórios e dos atores sociais. Conforme Etges (2013), o desenvolvimento regional procura reduzir as desigualdades regionais, que se expressa pela concentração de capitais e de rendas derivando à exclusão econômica social e geográfica, consideradas como particularidades que devem ser potencializadas como forma alternativa que vem de dentro do desenvolvimento regional.

Hoje o desenvolvimento das regiões, segundo Cappelo (2008 *apud* Oliveira 2012), está direcionado às condições e dinâmicas internas, pois o seu desenvolvimento se dá por meio dos atores econômicos em um espaço de competição e os fatores como a inovação, economia de escala e processos de aprendizagem são fundamentais para o aumento da produtividade.

A identidade do território refere-se à capacidade de sua identidade ser reconhecida como única ao longo do tempo, através dos elementos e características que a individualizam. Nesse sentido, as imagens contribuem para a construção e a representação da realidade, transmitindo de alguma forma informações. Flusser (2002) entende que as imagens têm o propósito de representar o mundo. Elas se tornam mediadoras entre nós e o mundo. Elas têm a possibilidade de representar as identidades e os significados culturais de uma região para o mundo, percebendo assim a grande relevância das imagens como um meio de divulgação de uma região e reconhecendo sua real importância para a preservação da memória e como forma de valorização cultural.

Cada vez mais se percebe a importância das imagens para a divulgação de um território como produto de consumo e propagação. Muitos territórios constroem sua imagem com a finalidade de ser conhecidos como um destino diferenciado e atrativo tanto no espaço regional, nacional e global. A fotografia, desde o seu surgimento no início do século XIX, foi utilizada como forma de representação pelo homem, dando forma aos seus conceitos de realidade. Portanto, as imagens são relações dos homens com o mundo, que pretendem representar algo no espaço e no tempo. A fotografia tem sido utilizada como um grande meio de expressão artística, sendo um eficiente contribuinte nas áreas de investigação, planejamento e divulgação, despertando cada vez mais interesse de profissionais de diferentes áreas das ciências humanas, onde a fotografia serve como instrumento de conhecimento, análise e reflexão.

Para Martin-Barbero (2003 *apud* Tufte2011), os jovens da atualidade vem se destacando em relação aos jovens das décadas passadas pela sua transformação, deixando de ser apenas um jovem “comum” e passando a ser reconhecido como ator social e agente de mudança, ajudando a constituir um grupo social independente com oportunidade de agir e experimentar mudanças na sociedade.

Entender e compreender os novos valores e processos pelos quais estes jovens, que ainda estão em desenvolvimento, constituem-se e reconstituem suas identidades territoriais é algo desafiante. O presente estudo se limita a pesquisar a juventude, pois este grupo social oferecerá as respostas possíveis para os problemas futuros com os quais a maioria de nós se deparará individual e coletivamente. É preciso dar destaque também ao fato deste estudo ter se amparado do recurso da fotografia registrada por meio de aparelhos de celular, tecnologia que está amplamente inserida nos grupos sociais utilizados como amostra, cuja escolha se mostrou favorável.

Os jovens são indivíduos que hoje desempenham um importante papel na sociedade como consumidores de produtos culturais e nos processos de mudanças sociais, como nos explica Tufte (2011). Por serem considerados indivíduos inovadores e criativos em relação às mídias e tecnologias de informação e comunicação, eles se expõem e usufruem cada vez mais a esse meio midiático com intuito de navegar, se conectar, compartilhar e divulgar conhecimentos, fazer novos contatos sociais, mobilizar grupos e muitas vezes se tornarem formadores de opiniões nas redes sociais e na sociedade.

Nesse sentido, Jacks (2014) destaca que o público juvenil brasileiro tornou-se grande consumidor de tecnologias de informação, principalmente em tempos de convergência. Atualmente a mídia oferece uma grande variedade de produtos e conteúdos à sociedade estimulando o consumo e aquisição desses meios e influenciando em suas tendências, comportamentos, identidades, desejos e entre outros.

O tema proposto para esta pesquisa é compreender a percepção juvenil sobre a identidade territorial da região no Vale do Rio Pardo por meio da fotografia, de forma que estes novos atores sociais possam ser compreendidos e interpretados por suas diferentes imagens criadas da sua região, por meio de seus usos e hábitos. Desta forma, a pesquisa aqui contida vem a colaborar também com os estudos sobre o desenvolvimento regional, juventude e tecnologias da comunicação e informação.

Dentro do contexto apresentado, este estudo fundamenta-se na seguinte questão: de acordo com a percepção do público juvenil, como a identidade territorial de uma região é percebida por meio da fotografia? A partir desse problema de pesquisa foi estabelecida uma

relação entre o jovem e os aspectos identitários da região, a fim de saber como essas identidades são percebidas por estes grupos juvenis, por meio das tecnologias de informação e comunicação.

“Analisar como o público juvenil identifica/percebe a identidade cultural de sua região por meio da fotografia” foi o objetivo geral para guiar o estudo e, com base nele, foram elaborados alguns objetivos específicos. Procurou-se identificar as percepções do público juvenil em relação à identidade cultural do território por meio da fotografia. Ainda, buscou-se analisar a diversidade das identidades culturais provenientes de várias formações sociais e culturais dos grupos juvenis por meio das manifestações representativas do seu cotidiano e, por fim, estabelecer relações entre a identidade cultural presente nestes grupos juvenis e o processo de construção da identidade territorial do Vale do Rio Pardo e o desenvolvimento regional.

Entender e compreender os novos valores e processos pelos quais estes jovens, que ainda estão em desenvolvimento pessoal e de caráter, constituem e reconstituem suas identidades territoriais foi à que este estudo se propôs. Foi preciso, porém, levar em consideração a fragmentação identitária contemporânea, processo a qual os jovens estão sujeitos pela condição mutável que possuem e pelo acesso às culturas e identidades distintas que chegam com mais facilidade a eles através das tecnologias de informação e comunicação.

Neste sentido, a escolha do público juvenil se deu, principalmente, por muitos deles estarem pela primeira vez experimentando oportunidades e desafios que a sociedade e o mundo apresentam, respondendo pelas suas próprias escolhas, que em breve intervirão nessa mesma sociedade.

A proposta de trabalho desta pesquisa se refere a uma análise qualitativa, tendo como ferramenta de pesquisa a técnica da entrevista e a aplicação de um questionário, nas quais o pesquisador busca obter informações e compreensões nas narrativas dos jovens. Após estas pesquisas de campo e da pesquisa bibliográfica sobre o tema, foi realizada também a análise das imagens fotografadas pelos jovens, onde eles buscaram retratar as suas percepções relativas à sua região.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), juventude compreende a faixa etária de 15 a 29 anos. Para esta pesquisa, por sua vez, foi necessário fazer um recorte na faixa etária, trabalhando apenas com jovens de 15 a 18 anos, que residiam na região do Vale do Rio Pardo e que estivessem cursando o ensino médio. Isto foi feito para garantir uma maior homogeneidade em alguns aspectos do grupo estudado, uma vez que a faixa completa proposta pelo IBGE é bastante ampla.

Para a seleção dos jovens participantes da pesquisa foram definidas duas escolas de Santa Cruz do Sul, escolha que se deu pela cidade estar no centro da Região do Vale do Rio Pardo e por ser caracterizada, segundo a Fundação de Economia e Estatística - FEE (2010), como um polo econômico regional, centralizando diversos serviços, o que resulta na atração frequente de pessoas de outras cidades, que viajam em busca de estudo, trabalho, compras, turismo, entre outras.

A dissertação é composta por cinco capítulos. No primeiro capítulo da dissertação, se propôs a discutir os aspectos culturais e a identidade cultural no desenvolvimento regional, sendo explanadas de uma forma mais detalhada e específica as múltiplas identidades e a crise identitária que Hall (2011) destaca.

No segundo capítulo, realizou-se uma abordagem sobre as definições do que é região e regionalização, os espaços territoriais, e como se dá à construção da identidade territorial por meio das obras de Flores (2006) e Raffestin (1993), que conceitua o território como a relação social de diferentes atores se apropriando do espaço por relações de poder, estando em constante mudança por meio das ações daqueles que fazem parte do seu processo de construção social, imprimindo uma identidade no território. Esses espaços territoriais serão abordados dentro de uma concepção de espaço rural e urbano.

No capítulo três, tratou-se da formação da juventude no Brasil e as representações identitárias nas manifestações juvenis. Conforme Gumes (2008), as diferentes fases históricas dos grupos juvenis, comprovam que os jovens possuem um vasto leque de identidades, e ainda Hall (2001), que destaca sobre as diversas identidades e as mudanças estruturais e do sujeito. Analisar as questões culturais dos grupos juvenis, buscando entender quem são estes jovens por meio de Tufte (2011) e entre outros autores. Realizou-se também neste mesmo capítulo uma explanação referente às tecnologias de comunicação e informação envolvendo os grupos juvenis. Segundo Lemos (2005) a era da conexão móvel está ocupando um novo espaço na sociedade, transformando também a fotografia com a utilização de aparelhos móveis e assim as tecnologias móveis. No que se refere a fotografia, Cartier-Bresson (2004) evidencia a importância do registro fotográfico, na qual permite observar os fatos e acontecimentos passados, podendo visualizar quantas vezes forem necessárias para um estudo, pesquisas e divulgação, permitindo assim, análises críticas sob o registro fotográfico e contribuindo para uma observação, análise e crítica visual.

No capítulo quatro, abordou-se a caracterização dos municípios do Vale do Rio Pardo com a análise de dados, históricos, geográficos e demográficos. Foi descrito o processo metodológico para a coleta e categorização dos dados primários.



Já no capítulo cinco, para a realização da análise, foram utilizadas obras de autores que falam sobre identidades culturais com enfoque na região do Vale do Rio Pardo, na qual se pretende analisar as várias formações culturais dos grupos juvenis. Na análise, a definição de identidade territorial possibilitou verificar a importância da cultura vivenciada pelos jovens, levando em consideração que, no meio social, as relações pessoais são dadas pelo convívio em sociedade, e inegavelmente ligado ao território vivido. Através das imagens, os jovens retrataram suas percepções identitárias referente ao território.

Por último, são apresentadas as considerações finais da pesquisa, onde, com base nos objetivos específicos, ocorre à discussão e análise final dos resultados. A relevância do estudo da cultura e identidade juvenil possibilita assim conhecer quais são as percepções dos jovens contemporâneos na sua territorialidade, por meio da fotografia. Observando, por fim, que os hábitos, as culturas e as práticas sociais de determinadas territórios influenciam diretamente na vida dos indivíduos, neste caso, os jovens.

## **2 IDENTIDADE CULTURAL**

O capítulo a seguir apresenta, de forma abrangente, uma discussão sobre as definições do campo cultural e a importância do mesmo para a sociedade, auxiliando a compreender como a construção da identidade dos indivíduos está relacionada aos processos culturais e vice-versa. Trata-se também sobre a chamada “crise identitária”.

### **2.1 Cultura diante da globalização**

A cultura é considerada como o produto da aculturação de diversas origens. É uma fusão de diversas manifestações e elementos culturais que podem ser identificados como características, podendo ser nacionais, particularidades regionais ou outras tantas possibilidades. Nesse sentido a cultura é percebida como o conjunto de valores espirituais e materiais acumulados através do tempo (ORTIZ, 1994).

Williams (1993, p. 93) considera a cultura comum, pelo fato de que os significados, o propósito e a forma de como essa sociedade interage com o meio faz parte de uma particularidade presente na sociedade humana, ou seja, toda a sociedade tem a sua própria cultura. Todas elas expressam os significados nas instituições, nas artes e na educação. O autor diz ainda que “o fazer da sociedade é a busca dos significados e das direções comuns, e eles surgem no debate e no aperfeiçoamento pressionado pela experiência, contato e descoberta, escritos eles mesmos na terra”.

A dimensão da cultura no desenvolvimento regional é observar a cultura como modo de vida dos grupos sociais de determinado território, ou da população de uma região, para, então, se pensar sobre o desenvolvimento. Esta dimensão está presente desde o início dos estudos e das intervenções sobre desenvolvimento, e hoje, ainda mais, no intuito de compreender a cultura dos grupos para novos estudos. A cultura passou a ser vista de forma diferente, como uma potência das diversidades regionais, assumindo uma posição central e causando uma revolução conceitual nas ciências sociais e humanas. Uma condição indispensável da vida social.

A cultura também é considerada como o legado de um povo, evidenciada por crenças e atitudes comportamentais de seu grupo, cujos valores são reflexionados como sendo as características mais profundas do ser humano, capazes de influenciar no seu comportamento.

Hall (2003) relaciona a cultura como um conjunto de fatores representativos e significativos que refletem as experiências comuns da sociedade. Para Williams (2000) a cultura é algo da ordem do dia, do ordinário, das significações comuns da vida.

Desta forma, falar em cultura é falar da produção artística cultural e de todas as práticas sociais que estão impregnadas nas formas culturais do fazer, o significado que o homem dá as coisas, nos simbolismo e nas representações. Segundo Hall (2003) o primeiro conceito de cultura é o domínio das ideias, e o segundo conceito se refere às práticas sociais, apoiado nos estudos antropológicos, relacionando a cultura como um modo de vida. Para o autor, a cultura não é só uma prática e nem a soma de conjuntos de costumes e culturas populares das sociedades, e sim é o estudo da organização, é a capacidade de compreender, analisar e entender como as inter-relações das práticas sociais são vividas e experimentadas como um todo.

De acordo com Ortiz (2007), a cultura é um campo de pesquisa originalmente associado à antropologia, que estuda práticas de cultura, entendidas no sentido amplo de modo de vida e de pensamento. Para os antropólogos que estudam as diferenças, o povo é considerado como uma entidade, possuindo diferenças de uma entidade para outra, sendo mundos diferentes um dos outros.

Foi a partir dos anos 60 que o conceito de cultura expandiu-se como objeto de estudo pela pesquisa. A cultura, então, passou a ser entendida em sua dimensão material, que vai além da imaterial, significando que, enquanto forma, ela interfere nas práticas sociais e na concretude da vida. A cultura tem um papel fundamental na forma de fazer política e na maneira como ocorrem as trocas econômicas. No momento em que a cultura passa a ser entendida enquanto dimensão material, o papel do sujeito como reprodutor da cultura passa a ser o de um produtor de sentidos, permitindo que a cultura seja compreendida como local de negociação e de resistência (WILLIAMS, 1993).

O campo da cultura é um domínio dos símbolos, e por meio deles é possível apreender e relacionar as coisas. Deste modo, o símbolo é o homem, e uma das principais ferramentas que define a humanidade é a linguagem. Portanto, é impossível uma sociedade existir sem a cultura, assim como a linguagem e a sociedade estão ligadas por uma relação de dependência mútua. Nesse sentido, o mundo simbólico tem como função nomear as coisas, vincular as pessoas entre si e constituir visões de mundo (ORTIZ, 2007).

Nesse sentido, Molano (2006) diz que a dimensão e o entendimento de cultura estão cada vez mais imbricados ao desenvolvimento. Isso acontece pelo fato de que a cultura, antes conjugada apenas com a organização político administrativa, passou a ser também relacionada com o interior do ser humano; num momento posterior, o plural da palavra passou a compreender, também, um povo, nação ou território.

Conforme Mattelart (2005), na Conferência Mundial do México, ocorrida em 1982, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) estabeleceu uma relação entre cultura e desenvolvimento, e afirmou a cultura como o conjunto de características espirituais e materiais, intelectuais e emocionais que definem um grupo social. Nessa concepção a cultura englobaria os modos de vida, os direitos fundamentais da pessoa, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. No mesmo evento, a UNESCO afirmou o desenvolvimento como um processo complexo, holístico e multidimensional, que vai além do crescimento econômico, a democracia e o avanço tecnológico.

A ideia de desenvolvimento diz respeito ao campo da racionalidade, ela implica sobre a sociedade as possíveis maneiras de atuar, desta ou de outra forma. Nesse âmbito ela não é uma dimensão constitutiva da sociedade e sim uma visão histórica. A noção de desenvolvimento vinculado ao progresso econômico, tecnológico e a valores políticos específicos, conquistou sua existência na era da modernidade, mais precisamente com as sociedades urbano-industriais. Na Antiguidade, os gregos e os chineses reconheciam-se como os homens “civilizados” e os “bárbaros”, existindo entre eles um abismo. Com o passar do tempo, o progresso dessas categorias se tornou inevitável, o desenvolvimento e a civilização dos “bárbaros” avançaram, hierarquizando os homens em um mesmo conjunto (ORTIZ, 2007).

A modernidade é ocidental, a partir de um centro ela se irradia para o planeta; ela é o padrão de excelência em relação ao qual todos os outros “desenvolvimentos” deveriam ser comparados (mensurados); isto permitiria dividir os povos, países e regiões em “mais” ou “menos” modernos (basta lermos a sociologia da modernização produzida nos Estados Unidos nos anos 40 e 50, para nos darmos conta disso). O raciocínio pressupõe um tempo linear e homogêneo, ele avança de maneira contínua em relação ao futuro, e uma visão teleológica, o centro europeu (norte-americano) projetaria para os outros o caminho a ser seguido. (ORTIZ, 2007, p. 4)

No trecho acima, Ortiz (2007) destaca que a discussão em torno da modernidade esteve marcada por um intenso eurocentrismo. É preciso dissociar a modernidade de seu lugar de origem, ela apenas realiza-se historicamente em determinados lugares da “Europa”, dessa forma ela não é propriamente ocidental. É por meio das diversidades e dos contrastes que as modernidades são percebidas. Nesse sentido, o autor afirma que o desenvolvimento não constitui da sociedade, mas sim, ele é intrínseco às sociedades modernas.

O vínculo entre cultura e desenvolvimento, embora não seja necessário, é decisivo. É isso que nos permite trabalhar temas como: erradicação da pobreza, melhoria das condições de gênero, incentivo ao turismo, preservação do meio ambiente. Mais ainda, é no contexto da modernidade

mundial que torna-se possível valorizar as diferenças. Dizer que as culturas são um “patrimônio da humanidade” significa considerar a diversidade enquanto um valor, se não “universal”, pelo menos, extensivo à um conjunto amplo de indivíduos. “Todos” devemos cultivá-lo e respeitá-lo. A crítica ao etnocentrismo, assimilada na maioria das vezes à dominação ocidental, somente pode ser validada quando se manifesta como algo que transcende a província de cada cultura, de cada identidade. (ORTIZ, 2007, p. 5)

Porém, a atividade cultural tem sido vista com frequência, pela economia, como um campo secundário alheio ao crescimento econômico. Não raro, aponta Kliksberg (2001), a cultura tem sido considerada com uma área que consome recursos, sem gerar retornos econômicos correspondentes ao investimento. Por sua vez, o âmbito cultural também tem manifestado tendência em si mesmo e, dessa forma, não se cooptando, de modo intenso, com os programas econômicos e sociais.

Conforme Hall (1997), assim como as mudanças no mundo e na vida social ocorrem, a noção de cultura sofre mudanças fundamentais para a sociedade, de uma forma lenta e desigual, ela passa a ser vista de uma maneira diferente pelo pensamento humano. Uma revolução conceitual nas ciências humanas e sociais inicia. A questão cultural assume uma posição central ao lado dos processos econômicos, das instituições sociais e da produção de bens, da riqueza e de serviços, nesse sentido, indo muito além da aprendizagem. E esta abordagem da análise social contemporânea provocou nos últimos anos uma grande mudança, causando uma revolução conceitual nas ciências sociais e nas humanidades, passando a ver a cultura não como uma condição variável dependente e sim como uma condição indispensável da vida social.

Já que a nossa maneira de ver as coisas é literalmente a nossa maneira de viver, o processo de comunicação, de fato, é o processo de comunhão: o compartilhamento de significados comuns e, daí, os propósitos e atividades comuns; a oferta, recepção e comparação de novos significados, que levam a tensões, ao crescimento e a mudança. (HALL, 2003, p.135)

Esta mudança comentada por Hall (1997) se tornou conhecida como a “virada cultural”, que se iniciou por meio de uma revolução de atitudes em relação à linguagem. De acordo com o autor, o interesse pela linguagem por especialistas e estudiosos da literatura e das línguas sempre foi de extrema importância. Aqui, “linguagem” deve ser interpretada em sua forma mais ampla, relacionada às práticas de representação, ocupando uma condição privilegiada na construção e circulação do significado.

Da mesma forma, Hall (1997) aponta que, por meio da linguagem, é possível dar significados às coisas, e a cultura é um conjunto de diferentes sistemas de classificação e diversas formações discursivas.

A “virada cultural” está intimamente ligada a esta nova atitude em relação à linguagem, pois a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas. O próprio termo “discurso” refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento. (HALL, 1997, p. 10)

Assim que ocorreu essa mudança de paradigma nas ciências sociais e nas humanidades, a ideia de linguagem, segundo Hall (1997), passou a ser ampliada para a vida social como um todo. Nesse sentido, os processos econômicos e sociais também se encaixam nessa perspectiva, pois são entendidos como práticas culturais e como práticas discursivas.

A virada cultural ocorreu a partir dos anos de 1960 na Inglaterra e na França, com o trabalho de Lévi-Strauss e Roland Barthes, e com Raymond Williams e Richard Hoggart, no Reino Unido. A partir deste momento os estudos culturais tiveram um impacto maior na vida intelectual e acadêmica, instigando o interesse de estudiosos daqueles locais e de outros continentes, passando a ser incorporados pelas disciplinas e carregando para diversos campos científicos a noção de cultura, em especial na análise sociológica (HALL, 1997).

Ainda conforme o mesmo autor, a “revolução cultural” ocorrida no final do século XX foi de suma importância a nível global, pois resultou na expansão do domínio estabelecido pelas atividades, instituições, práticas e tecnologias ligadas às indústrias culturais que modificaram os circuitos globais tradicionais da economia, da indústria, dos modos de viver da sociedade e da cultura em si. A revolução cultural permitiu um aceleração na distribuição de imagens, conteúdos e movimentos mundiais de informação para a sociedade. Hoje, em poucos segundos, pessoas de diferentes lugares, com diferentes modos de vida e de cultura, se comunicam em tempo real. Nesse sentido, a cultura se tornou muito importante nas relações da estrutura e organização da sociedade moderna tardia, nos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e na disposição de seus recursos econômicos, se tornando fundamental para a expansão dos meios de produção, circulação e troca cultural por meio das tecnologias e da revolução da informação. As indústrias culturais têm se tornado elementos mediadores fundamentais nestes e em outros processos.

Atualmente, os circuitos globais de trocas econômicas dos quais dependem todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e ideias são sustentados pela mídia, que é um dos setores mais relevantes das indústrias culturais, seja na dimensão econômica, como na influência na construção dos sentidos sobre o mundo.

Os produtos culturais da revolução cultural não podem ser comparados, em termos de valor, às conquistas de outros momentos históricos, como às conquistas das civilizações egípcias, da antiga China, ou da arte do Renascimento italiano. Contudo, em comparação com a estreita visão social das elites, cujas vidas foram transformadas por esses exemplos históricos, a importância das revoluções culturais do final do século XX reside em sua escala global, em sua amplitude de impacto, em seu caráter democrático e popular (HALL, 1997).

Segundo o autor conta, percebiam-se claramente as mudanças nas culturas da vida cotidiana das pessoas, como o declínio do trabalho na indústria e o crescimento dos serviços, as mudanças no tamanho das famílias, o envelhecimento da população. A revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação e comunicação (TICs), a interação global dos mercados financeiros, o colapso do estadismo soviético, o enfraquecimento do estado ocidental, a descentralização e expansão das empresas, a individualização e diversificação das relações de trabalho, a incorporação das mulheres no mercado e a formação de blocos econômicos constituem os principais aspectos dos antecedentes da globalização.

A revolução da cultura a nível global causa impacto sobre o modo de viver, sobre o sentido que as pessoas dão à vida, sobre suas aspirações para o futuro, bem como sobre a cultura num sentido mais local. Portanto, a cultura é uma parte que constitui a política e a economia, e da mesma forma, ambas são fundamentais para a cultura (HALL, 1997).

No final do século XX, o fenômeno da internacionalização da cultura relacionado à globalização se configura. Conforme Mattelart (2005), o conceito da internacionalização se refere ao movimento de trocas comerciais e a circulação dos bens culturais, um aumento de uma relação mais pacífica entre os Estados, uma intensificação nos acordos de normatização em diversas áreas com o intuito de estabelecer um lugar onde as trocas comuns podem ser articuladas e o fortalecimento de uma união entre as organizações sociais e profissionais que derivam de todos os lugares do mundo.

O campo da cultura ganhou força nas últimas décadas com o crescimento das indústrias culturais, com a mundialização da cultura e com a globalização da economia. Conforme Ortiz (1994), a mundialização da cultura refere-se às especificidades do campo da cultura e da comunicação, na qual corresponde à mudanças de ordem estrutural. A uniformidade não é uma característica do mundialismo, ela se identifica com a diversidade de estilos, conjuntos de valores, diferentes formas de pensar e de viver de grupos sociais, ou seja, ela convive e se fomenta de outras manifestações culturais. Ele é um processo que se reproduz e se desmancha constantemente, atuando como um fenômeno social total, que se localiza, atua e se envolve nas práticas diárias e nas relações sociais dos indivíduos.

Todas essas mudanças, como a compressão espaço e tempo, a velocidade nas trocas e o hibridismo cultural, podem tender a uma homogeneização cultural, excluindo as particularidades e diferenças das culturas locais e transformando os lugares em um lugar único com uma única cultura. Segundo Hall (1997), no entanto, a diferença na cultura global é fundamental para que ela possa se desenvolver e se difundir para o mercado mundial. As novas identificações globais e locais se tornam muito mais simultâneas do que uma cultura global uniforme e homogênea.

Num cenário de hibridismo cultural, analisar a cultura da mídia requer deixar de lado as ideias de purismo cultural, de autenticidade (do popular, por exemplo) e de hierarquia entre as manifestações culturais distintas. É preciso levar em conta as interações entre cultura popular, de elite, local, nacional e global e as indústrias culturais. Conforme Ronsini (2008), é entre o espaço/tempo cotidianos e a competência cultural que será possível compreender o uso social dos meios de comunicação na constituição das identidades híbridas do mundo globalizado.

A hibridação é composta pelas estruturas ou práticas discretas (que não podem ser consideradas fontes puras), que em algum momento existiram separadamente e se combinaram para que novas estruturas, objetos e práticas surgissem, podendo ser a união de experiências heterogêneas a outras mais homogêneas, resultando nos processos socioculturais. A criatividade individual e coletiva é um dos fatores que mais contribuem para o surgimento da hibridação, mas na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico ela também é frequente (CANCLINI, 2003).

Quanto ao caráter híbrido das culturas, Ronsini (2011) refere-se tanto à mescla – no campo da produção e do consumo cultural – entre elementos de diferentes procedências geográficas, quanto ao intercâmbio entre hegemônico e subalterno ou culto, popular e massivo. Sobre o mesmo assunto, Canclini (2003) afirma que o híbrido pode surgir da incorporação do dominante, da negociação ou da resistência frente ao dominante.

As mudanças ocorridas com a globalização sob as perspectivas históricas fazem com que novas formas de organizações se constituam no setor econômico com intuito de enfrentarem as inovações impostas pelo capitalismo. Com imposição hegemônica imposta pela globalização, as dimensões globais e locais se tornam mais complexas, ocasionando uma transformação no mercado, na tecnologia e nas redes de conexões influenciando ainda mais na importância da cultura para a sociedade.

Dito isso, entende-se que a cultura global não é homogênea, ela se alimenta destas culturas locais, com o propósito de destacar a territorialidade, criando uma memória



internacional que revela o imaginário da sociedade globalizada. Para a cultura global crescer, é necessário que haja a “diferença”, e o fortalecimento dessas culturas locais, podendo ser um produto cultural que possa ser convertido para o mercado mundial, provocando com que “novas identificações” globais e locais se desenvolvam (HALL, 1997).

Portanto, pode-se dizer que para a cultura a globalização se tornou fundamental, pois esta última proporcionou uma maior troca cultural entre países e regiões, acarretando modificações nas culturas locais e nacionais, o surgimento de uma cultura global viabilizada pelos meios de comunicação, bem como o reavivamento das culturas regionais.

## **2.2 As múltiplas identidades**

As identidades sociais são construídas no interior da representação por meio da cultura, sendo o resultado de um processo de identificação na qual nos posicionamos frente às definições das práticas sociais, caracterizando o indivíduo como um ser que interpreta e estabelece sentidos. Toda ação social é cultural, e estas práticas sociais resultam em um significado de ação, portanto são práticas de significação (HALL, 1997).

O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. (HALL, 1997, p.8)

Ronsini (2008) sugere que, provisoriamente, a cultura organiza as identidades e as identidades organizam os significados, ou seja, a identidade é um processo de fazer-se, individualmente e coletivamente, por meio da relação social com os materiais simbólicos disponíveis ou desejados, que são confrontados ou abandonados de acordo com a circunstância e a conveniência. Sobre os processos sociais que formam e sustentam a identidade, a autora aponta que são determinados pela estrutura social, sendo que a maneira de expressar e legitimar a identidade se dá pelo grau de superioridade do grupo, ou seja, quanto mais subalterno é o grupo, maior é a dificuldade.

A identidade não pode ser determinada em termos absolutos, e sim uma relação contrastiva com outros grupos, definir com um “nós” compromete o contraste com “outros”. A mesma autora ressalta que a identidade é utilizada também nas relações sociais como um modo de preservar certos interesses pelo grupo ou pelo indivíduo. E por fim ela descreve as identidades como conjuntos de representações coletivas, ideologias e estigmas que são narrados e imaginados.

A identidade se dá por meio de um conjunto de significados culturais, experiências de um povo ou um conjunto de atributos culturais inter-relacionados sob outras fontes de significados. Estas fontes de significados se originam dos próprios atores, construídas por eles não só de forma coletiva, mas por meio de um processo individual de significados. Portanto, cada indivíduo desenvolve seus significados dentro da cultura, mas esses significados pertencem a uma forma de pensar de um coletivo, dentro de uma história (CASTELLS, 1999).

Para Larrain (2003), a construção da identidade é entendida como um processo cultural, social e material, em que os atores se identificam a partir de categorias de significados nas relações de diferenciação com o outro.

Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios. (SILVA, 2000, p. 109)

As representações dos indivíduos tendem a ser manifestadas pelas relações pessoais, que ocorrem pelo convívio em sociedade, em um mesmo espaço, constituindo desta maneira as identidades territoriais. Cada região possui os seus diferenciais, formando assim seus conjuntos de hábitos, culturas e práticas sociais, que influenciam diretamente na vida do indivíduo, de maneira que cada grupo acaba buscando evidenciar as suas peculiaridades como sendo pertencentes à sua identidade cultural, ou seja, as identidades são constituídas e reconstituídas com aspectos já existentes ao longo do tempo e do espaço.

Castells (2003) identifica a construção da identidade por meio da história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, por instrumentos de poder e revelações de particularidades religiosas. Com isso, a identidade como construção social é permeada pelas relações de poder. Entretanto, todos esses significados são reorganizados em direção a tendências sociais e projetos culturais estabelecidos na sua base social, temporal e espacial por intermédio fundamental dos indivíduos, grupos sociais e sociedades. Quando a construção social da identidade é determinada por relações de poder, Castells (2003) distingue a construção da identidade em três formas e origens: a identidade legitimadora, a identidade de resistência e a identidade de projeto.

A Identidade legitimadora procede de uma sociedade civil, ou seja, é um conjunto de organizações e instituições introduzidas pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar seu domínio sob os atores sociais. Identidade de resistência se origina de formas de resistência coletiva face à uma opressão que não seria suportável, como movimentos sociais identitários - feminista, negro, ambientalista etc. Identidades de resistência podem resultar em identidades de projeto ou

legitimadoras. Identidade de projeto é quando os atores sociais estão ao alcance dos diversos tipos de material cultura, tendo o potencial para a construção de uma nova sociedade civil e Estada, de modo que, provoque a transformação de toda a estrutura social. (CASTELLS, 2003, p. 4-5)

Por outro lado, Larrain (2003) destaca três percepções de identidade: a essencialista, a construtivista e a histórico-estrutural. A primeira não se refere a um tipo de alma, e nem a um conjunto de regras imutáveis que não se modificam, mas sim uma essência interior que nasce com o indivíduo. A identidade construtivista é a identidade onde os discursos estão em constantes mudanças, é onde as práticas sociais estão à margem da discussão. Refere-se a um processo de construção simbólica, em que o indivíduo vai se definindo por meio da interação com outros indivíduos, portanto o indivíduo constrói a sua identidade por meio de relações sociais mediadas por materiais simbólicos que são adquiridos com a interação com o outro. E a terceira identidade que Larrain refere-se é a identidade histórico-estrutural, como uma construção social, que se dá na relação que um indivíduo estabelece com outro, quando vai assumindo ou rechaçando certas características dadas pelo “outro”/coletividade, através de categorias compartilhadas.

A identidade se constitui pela diferença, num trabalho de fechamento de fronteiras simbólicas. As identidades podem funcionar como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir. Por ser considerada relacional, ela precisa de algo de fora para existir, ou seja, é marcada pela diferença e por símbolos. Conforme Hall (2001), “aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado”. De certa forma, as novas identidades são reconstruídas a partir de identidades já existentes, por meio de vários códigos simbólicos de acordo com as necessidades socioculturais. “A representação inclui as práticas de significação e sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos” (HALL, 2012, p. 17-18).

### **2.3 A crise identitária**

As antigas identidades que estabilizaram a esfera social e estiveram presentes por muitos anos no seio da sociedade sofreram uma “crise de identidade”. O conceito de identidade tem passado por muitas críticas, causando conflitos de desconstrução nas perspectivas anteriores e resultando no declínio das antigas identidades. Nesse sentido, novas identidades se formaram e o indivíduo que antes era considerado unificado, hoje passa a ser compreendido como um indivíduo moderno fragmentado.

A partir do final do século XX, as transformações ocorridas pela mudança social modificaram as sociedades modernas, fazendo com que as categorias de cultura de classe,

gênero, sexualidade, etnicidade, raça e nacionalidade se fragmentassem. Além dessas modificações houve uma transformação das identidades pessoais causando um conflito em relação à ideia de sermos sujeitos integrados, ou seja, houve uma perda do “sentido em si”, também conhecida como o deslocamento ou descentramento do indivíduo do seu mundo social e cultural quanto de si mesmos. Esse deslocamento se refere ao sujeito estar deslocado de si mesmo e de seu mundo cultural e social, constituindo a “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2011).

Para entender as questões que envolvem as identidades, Hall (2011), caracteriza três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo que tinha como base o conceito de centralidade no indivíduo e sua racionalidade, apresentando características extremamente individualistas do sujeito e da identidade; o sujeito sociológico, que é o resultado das transformações complexas do mundo moderno e o entendimento de que seu eu interior não era independente e autossuficiente, mas constituído por um conjunto de valores, significados e símbolos presentes na sociedade, ou seja, a identidade do sujeito sociológico é formada pela interação social, entre o eu e a sociedade; Por último, a essência interior, o “eu real”, que o sujeito sociológico possui, é constituído e transformado por interações contínuas entre os mundos culturais externos e pelas identidades oferecidas, ou seja, é uma ligação entre o “interior” e o “exterior” (HALL, 2011).

No momento em que o sujeito se projeta nestas identidades culturais, ele interioriza e incorpora seus significados e valores, como sendo “parte constitutiva de nós mesmos”. Dessa forma, a identidade interliga e alinha o sujeito à estrutura, estabilizando os sujeitos e os mundos culturais, tornando-os mutuamente mais unidos e previsíveis no lugar em que habitam. É nesse momento que o autor destaca as mudanças ocorridas com a identidade do sujeito. Antes ele era considerado unificado e invariável, e nesse momento apresenta uma identidade fragmentada e formada por muitas identidades, muitas vezes contraditórias, problemáticas e não definidas. Este novo sujeito é caracterizado como um sujeito pós-moderno, apresentando uma identidade flexível, impermanente e não-essencial, constituída e transformada pelos sistemas culturais que nos rodeiam, nos quais somos representados e tratados. O sujeito não adquire uma identidade centrada, unificada, e coerente, pelo contrário, ele adquire as identidades em momentos diversos ao longo de sua vida, por meio de relações sociais, representação cultural e por meio dos sistemas de significação. Portanto, o sujeito pós-moderno é considerado fragmentado e caracterizado por um conjunto de várias identidades, algumas vezes contraditórias e conflituosas (HALL, 2011).

Ainda conforme Hall (2011), a época moderna fez emergir uma nova e decisiva forma de *individualismo*, surgiu um novo entendimento a respeito do sujeito individual e de sua identidade. Devido às grandes mudanças relacionadas à modernidade, o sujeito passou a acreditar nas mudanças culturais, libertando-se da ideia de que a base nas tradições e nas estruturas eram estáveis e pré-estabelecidas. Uma ruptura fundamental com o passado aconteceu após o surgimento do “indivíduo soberano”, entre o humanismo renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII. Para muitos autores, este foi o momento crucial do sistema social da “modernidade”, pois foi o período em que se iniciou o movimento.

A concepção de sujeito moderno se deslocou da modernidade tardia por meio de rompimentos nos discursos do conhecimento moderno. Um dos primeiros deslocamentos importantes refere-se ao pensamento marxista no século XIX. Conforme este, dependendo das condições dadas ao homem, ele fará história ou não. Ou seja, o seu pensamento foi interpretado como sendo impossível o sujeito ser “autor” da história, devido ao fato de que o homem nasce em uma condição histórica, e se apropria de recursos materiais e de cultura criada por outros sujeitos, desse modo, a história já está dada, ele apenas a continuará. Conforme os escritos de Karl Marx, sobre a filosofia moderna, cada indivíduo possui uma essência interior singular, diferenciando os homens uns dos outros.

O próximo descentramento que influenciou o conhecimento moderno do século XX refere-se à teoria de Sigmund Freud, a descoberta do inconsciente. Ele destaca que a formação das nossas identidades, a sexualidade e a composição dos nossos desejos se baseiam em métodos psíquicos e simbólicos do inconsciente. O terceiro descentramento que Hall (2011) analisa é o trabalho do linguista estrutural Ferdinand de Saussure. Segundo ele, o sujeito não é “autor” das afirmações feitas e significados, que são expressas por meio da língua. Na verdade a língua é um meio utilizado para expressar valores e significados sociais e não individuais, é através dela que expressamos os pensamentos interiores e os significados introduzidos em nossa língua e dos sistemas culturais. Os significados das palavras são instáveis, eles surgem por meio da relação entre a semelhança e a diferença no mundo da língua e de objetos. Por mais que se tente encerrar o significado das palavras, novos valores e outros significados são atribuídos a elas constantemente (HALL, 2011).

O quarto descentramento, refere-se ao “poder disciplinar” do filósofo e historiador Michel Foucault. A preocupação que o poder disciplinar tem com a regulação, onde a vigilância é o governo da espécie humana ou de toda a população e do indivíduo e do corpo, ou seja, tem como objetivo controlar, disciplinar e administrar a vida do indivíduo por meio de profissionais capacitados e especializados nas áreas das Ciências Sociais. Seu objetivo

maior é poder criar um indivíduo que seu corpo possa ser manipulado de uma maneira flexível. E o impacto com o movimento feminista que surgiu em meados dos anos 60, é último descentramento (HALL, 2011).

Conforme Hall (1996), o processo da globalização foi um dos motivos da mudança na modernidade tardia e o impacto sobre a identidade cultural. De acordo com Robins *apud* Hall (2012), as novas identidades são produzidas por meio da interação entre os fatores econômicos e culturais geradas pela globalização. Muitas dessas novas identidades são simbolizadas e representadas pelos jovens, que podem ser encontrados em diversos lugares do mundo por meio de estilos musicais, roupas, alimentação e entre outros, formando um grupo de “consumidores globais”. Na verdade, esse consumismo global sempre existiu, não é algo novo, o que mudou é uma nova integração de culturas e estilos de vida social que são reveladas na esfera global. Os diferentes resultados identitários provocados pela globalização podem gerar um deslocamento da identidade a comunidade e à cultura local (HALL, 2012).

A globalização tem produzido deslocamentos identitários. De um lado, vê-se o avanço de uma cultura global, padronizando produtos, gostos, formas de pensar e a formação de uma identidade em nível planetário; de outro, uma reconstrução das culturas e identidades regionais, como movimentos fortes pela defesa do direito de se apresentar. O intercâmbio sem precedentes entre os povos, as tecnologias da informação e de comunicação, o recuo da ação do Estado-nação na manutenção da coesão e as novas configurações sociais estão transformando o cenário cultural do mundo e alterando as identidades postas até então. (FELIPPI, 2009, p. 34-35)

As antigas narrativas, tradições e estrutura que foram construídas ao longo dos anos, na qual o sentimento subjetivo do indivíduo se vinculava com o espaço vivido no mundo social e cultural, foram se deslocando devido às transformações que afetaram as sociedades contemporâneas. A partir do momento em que o processo da globalização conectou os espaços em todo o planeta, diluindo as fronteiras e aproximando as distâncias, as culturas nacionais tornaram-se mais expostas, facilitando assim um compartilhamento de tradições, culturas e identidades entre os povos. Nesse sentido, o sujeito passa a ter uma nova concepção de identidade, a todo o momento ela é construída e reconstruída, ao contrário da identidade anterior que era considerada fixa, essencial ou permanente. Assim os espaços se multiplicam, se expandem geograficamente, de uma forma simbólica, imaginária e cultural (GALVÃO, 2008).

### 3 DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA PERSPECTIVA TERRITORIAL

Neste capítulo buscou-se compreender as definições de região e regionalização, por meio do espaço vivido, criando assim particularidades que identificam cada região, espaço e território.

#### 3.1 Região e Regionalização

Desde o século XIX o conceito de região está em construção, e segundo Lencione (2001), a definição de região, muitas vezes, possui um caráter ideológico, servindo de referência para a construção de mistificações geográficas, sendo mais importante a classificação das regiões e a hierarquização, verificando suas relações funcionais, sendo assim considerado como um instrumento de manipulação política e menos relevante o reconhecimento das regiões historicamente definidas. O conhecimento geográfico se deu como ciência por meio da filosofia iluminista, na qual teorias e conceitos gerais possibilitaram a construção de generalizações e abstrações. Com o passar do tempo, a geografia percebeu que é preciso entender a sociedade para se entender o espaço, pois, o espaço é uma construção social. Portanto o surgimento da corrente de conhecimento fenomenológico foi um aspecto fundamental para a construção de novos parâmetros para o estudo regional percebendo uma maior preocupação com o caráter social da geografia.

Ainda conforme Lencione (2001), o espaço vivido é constituído a partir das concepções das pessoas e revelador das práticas sociais, e passou a ser referência central no enfoque regional, surgindo novas discussões de como o espaço é percebido, quais as percepções, significados e valores modelados pela cultura e pela estrutura social que são atribuídos ao espaço, ou seja, analisar e compreender o sentimento que o indivíduo tem de pertencer a uma dada região. Portanto a região passou a ser reconhecida como uma construção mental, individual e na consciência coletiva de um grupo social.

Santos (1982) considera espaço igual a território, e região como uma particularidade. O todo está sempre influenciando as partes e as partes estão influenciando o todo.

As regiões existem porque sobre elas se impõem arranjos organizacionais, criadores de uma coesão organizacional baseada em racionalidades, criadores de uma coesão organizacional baseada em racionalidades de origens distantes, mas que tornam um dos fundamentos da sua existência e definição. (SANTOS, 1997, p. 226)

No meio social, as relações pessoais são dadas pelo convívio em sociedade e, inegavelmente, ligadas à região em que vivem os atores sociais. Hábitos, culturas e práticas sociais de determinadas regiões influenciam diretamente na vida dos indivíduos.

O processo de globalização que vem reconfigurando os territórios mundo afora na atualidade não se resume a uma única face. Há pelo menos duas faces: a da perversidade do processo em si, expressa na territorialização dos interesses dos segmentos hegemônicos, e a da oportunidade, que se apresenta aos atores regionais, quando se apropriam de conhecimentos que lhe permitem reagir, superar a passividade. Milton Santos (1996) é categórico a esse respeito quando afirma que a única forma de frear o caráter perverso da globalização é fortalecer as regiões. (ETGES, 2013, p. 125)

Limonad (2004) identifica uma região como uma construção social, atendendo interesses político precisos, mesmo se tratando de uma região funcional ou uma região natural. É o resultado de todas as práticas sociais, dos interesses hegemônicos e contra hegemônicos, sendo uma representação e parte de construções sociais particulares de uma sociedade, fundamentada a partir de ações sociais de distintos atores em diversas escalas, por meio de reflexões teóricas ou por políticas setoriais. Sendo assim, região são particularidades que estão sempre em movimento com o todo, influenciando o todo, e o todo influenciando essas particularidades.

Segundo Benko (1999), o desenvolvimento local é de grande importância para o desenvolvimento regional e global. É na construção que emerge de “dentro para fora” que as regiões conseguem estabelecer relações multifacetadas num âmbito econômico, social, cultural e político. Enquanto que o meio acadêmico inicialmente focava num ambiente totalmente globalizado, em contraponto começou a direcionar seus estudos a redes locais, trazendo assim uma visão mais realista do que cada região realmente necessita.

Conforme explica Santos (1997), mesmo que os interesses hegemônicos sejam mais fortes, os lugares podem fortalecer-se horizontalmente por meio de particularidades construídas por ações conjuntas do local, aumentando sua produtividade.

No momento em que a sociedade local se sente parte de uma história, ela cria uma proximidade, assim sua interação com a região será muito maior. Pode-se dizer que se trata de um sentimento de territorialidade, dos atores pelo território em que estão instalados e suas culturas e práticas oriundas deste processo. Nesse sentido, entendendo a região como um conjunto de fatores culturais, sociais, políticos e econômicos, o subcapítulo seguinte destaca a apropriação do espaço por meio do território.

### **3.2 A perspectiva territorial**

Por muito tempo a noção de território esteve ausente na ciência econômica e nos processos de globalização. Nos últimos anos o significado de território vem atraindo muitos estudiosos de diferentes áreas, com o intuito de ter uma compreensão mais aprofundada em relação ao espaço usado por diferentes atores e de diversas formas. Conforme Flores (2006),



inicialmente o conceito de território se dava nas ciências naturais, considerado uma organização entre as espécies animais ou vegetais com uma determinada área física. Logo após, o território passou a fazer parte da geografia, relacionando o espaço, recursos naturais, sociedade e poder. Ao longo do tempo a sociologia, a antropologia, a economia e a ciência política incorporaram o conceito da territorialidade.

Para compreender o conceito de território é preciso entender o conceito de espaço, pois o espaço é anterior ao território, ele se forma a partir do espaço. Nesse sentido, Raffestin (1993) conceitua o espaço como sendo o patrimônio natural existente numa dada região e o território como a relação social de diferentes atores se apropriando do espaço por relações de poder, estando em constantes mudanças por meio das ações daqueles que fazem parte do seu processo de construção social, criando uma identidade no espaço determinado. A partir do momento que o indivíduo produz uma ação, ele se apropria de um espaço, ou seja, ele territorializa o espaço. O surgimento de um território se dá por um processo de construção social, através do resultado de uma ação social que se apropria de um espaço.

Para Raffestin (1993), o espaço existe antes de qualquer ação. Um local é considerado como espaço a partir do momento em que o indivíduo possa manifestar a intenção de se apropriar por meio de práticas de qualquer noção e possibilidade de realizar qualquer tipo de ações. Certamente, o território se baseia no espaço, a partir de uma produção, na qual integra todas as relações envolvidas se registrando num campo de poder.

Evidentemente, o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

A identificação de um território, conforme Oliveira (2002) refere-se a um grupo de indivíduos que se apropria de um espaço material e passa a constituir relações de posse e de domínio. Então, o território no seu interior passa a ser uma apropriação e estabelecimento de relações de poder. Neste caso, considera-se a formação do território dado, muito mais pelas relações de poder, do que pela apropriação concreta de um espaço material. As relações de poder constituem o território que se manifestam no espaço social.

O território é uma construção social, onde a construção da realidade e as relações humanas territorializam um espaço. E a representação do espaço se dá por meio de códigos e de sistemas sêmicos, marcado pelas forças de trabalho e pelas relações e modos de trabalho. No momento que o ator constrói o espaço, este último se torna o território do ator. Este

processo só acontece se houver uma relação social de comunicação, ou seja, é preciso que o ator propague suas intenções e a realidade material, por meio de um sistema sêmico. Raffestin (1993) considera o espaço uma arena de possibilidades. É o local onde acontecem as inter-relações, onde as forças globais se confrontam com as forças locais, onde se constituem as relações humanas, políticas, econômicas, sociais e culturais permitindo que os indivíduos possam tomar decisões. E é por meio dessas possibilidades que o indivíduo articula seus interesses por meio de redes no território.

Isso conduz a sistemas de malhas, de nós e redes que se imprimem no espaço e que constituem, de algum modo, o território. Não somente se realiza uma diferenciação funcional, mas ainda uma diferenciação comandada pelo princípio hierárquico, que contribui para ordenar o território segundo a importância dada pelos indivíduos e/ou grupos às suas diversas ações. Esses sistemas constituem o invólucro no qual se originam as relações de poder. (RAFFESTIN, 1993, p. 150-151)

De acordo com Perico (2009), o entendimento do território pode se dar por diversas maneiras, pois o seu poder abrange uma vasta dimensão da sociedade tornando-o multidimensional. Nesse contexto, o conceito de território definido pelos olhares do jurídico-político é um espaço demarcado e controlado por meio do poder cultural e simbólico, e este espaço que é sentido, vivido e compartilhado resulta em um produto que é constituído da apropriação e valorização simbólica de um grupo sobre esse espaço. A inovação, a diversificação, a utilização e articulação de recursos locais ou regionais que a esfera econômica possui para fornecer oportunidade de trabalho, renda, fortalecimento das cadeias produtivas e integração de redes de produtores faz com que o território seja para ela um conjunto de recursos, de relações capital-trabalho ou da divisão territorial do trabalho. E o território sobre o ponto de vista da esfera naturalista, destaca as relações que se manifestam no meio ambiente, o homem, a natureza e a sociedade.

Conforme Etges (2001), a região é uma particularidade, onde o todo está sempre influenciando as partes, e as partes estão influenciando o todo. No momento em que a sociedade se instala no território, ela vai se moldando conforme os seus interesses econômicos, sociais, político e culturais, ou seja, o território é visto como algo que está sempre em processo de formação, construção, união entre o passado e o futuro, um campo de forças que duelam entre si, a verticalidade e a horizontalidade, o estado e o mercado, ou seja, é uma luta global que se insere, com a competitividade das forças hegemônicas, que vem da verticalidade, de cima para baixo.

Segundo Pecqueur (2009), o território construído no período pós-fordista se manifesta por meio de estratégias de desenvolvimento dos sistemas produtivos. Definindo dois tipos de

territórios. Um deles é o estabelecido por decisões político-administrativas num processo *topdown*, ou seja, é o interesse do estabelecimento de políticas de desenvolvimento da região pré-definida, sendo chamada de território dado. O outro território que o autor relata é o construído, ou espaço-território, que são atores sociais que se reúnem em um espaço geográfico dado, identificando e analisando os problemas comuns do todo a serem resolvidos. O território é o resultado dos fatores criados pelos próprios atores.

Para Etges (2001), a definição de uma região, atualmente, não pode mais relacionar-se apenas a fatores físicos ou naturais, visto que sofrem interferência direta em seus territórios de acordo com as características de determinado grupo. Compreende-se que quanto mais desenvolvida tecnologicamente for dada região, mais ela desenvolve aspectos que intervêm na natureza e que atendem suas necessidades e interesses. Logo, o conceito de território integra o uso que foi dado e vem sendo dado a determinado território, motivado por interesses econômicos, sociais, políticos e culturais.

Conforme Pecqueur (2004), os territórios possuem dois tipos de recursos, os genéricos e os específicos, ou seja, os recursos genéricos, quando transformados em produto, geram renda e o seu valor é definido independentemente da forma como o processo de produção se deu. Possuem valor pelos seus valores de troca determinados pela oferta e demanda do mercado, não produzindo uma caracterização identitária do local. Os recursos específicos são definidos por valores de uso, o conhecimento do indivíduo adquirido e transmitido para o uso comum, sendo impossível de dar um valor a eles. Nesse sentido, a probabilidade de formar estratégias por meio da diferenciação dependerá exclusivamente do entendimento de quais os tipos disponíveis de recursos específicos e por meio de ações que são capazes de divulgar o território de acordo com as diferenças disponibilizadas por essas particularidades.

Pecqueur (2009) afirma que a globalização tende a eliminação das particularidades, através de uma padronização vigente de hábitos e consumo. O autor destaca o pensamento de autores de uma formação em rede que se interligariam com as economias regionais direcionadas para as particularidades e diversidades dos territórios. Realçando um caráter endógeno da inovação, visto como resultado de uma construção social dos atores com o meio. Daí vem o conceito de cesta de bens, onde, os territórios produzem vários bens e serviços, associando a ideia de pertencimento e lugar. É um modelo de oferta de bens e serviços que é co-construída por fornecedores e consumidores, ou seja, os lugares também podem ser pensados como produtos.

No momento em que a sociedade local se sente parte de uma história, ela cria uma proximidade, assim sua interação com a região será muito maior. Pode-se dizer que se trata de

um sentimento de territorialidade, dos atores pelo território em que estão instalados e sua cultura e práticas ativamente deste processo.

O sentido da palavra territorialidade como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence... esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado. Assim, essa ideia de territorialidade se estende aos próprios animais, como 'sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos é privilégio do homem.' (SANTOS, 2001, p.19)

Sendo assim, Brunet (1990 *apud* Flores 2006), defende que a partir do momento que os atores locais se sentem parte da identidade construída, ligados ao interesse comum de se apropriarem ao espaço por meio de uma ação coletiva, consolidando um sentimento de solidariedade entre esses atores, se percebe o território construído.

Para muitos geógrafos o território é entendido como um espaço vivido, carregado de significados sentimentais e materiais, onde o indivíduo (re) constrói lugares e relações de vivências, atribuindo significado e sentido a este lugar. Conforme os conceitos foram avançando, foram surgindo novas definições e interpretações para compreender os fatores que constituem e desenvolve um território. Dentro disso, não se pode pensar em um território sem pensar na identidade, pois são interligados. Em um território os indivíduos sociais produzem suas próprias identidades, seus símbolos e seus significados para assim se desenvolver. Os indivíduos expressam a diversidade das relações sociais por meio da identidade. O conceito de identidade territorial na modernidade vem se destacando, e ao mesmo tempo se torna um desafio, pois o seu conceito ainda está em construção e discussão. (HAESBAERT, 1999).

Partimos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. [...] De forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes. (HAESBAERT, 1999, p. 172)

A multiplicidade, a diferença e o contraste são aspectos fundamentais na concepção da identidade nas ciências sociais contemporâneas. A heterogeneidade das relações sociais e atitudes de autopercepção e de atribuições são expressadas pelas identidades. Aqui, houve uma preocupação em diferenciar as identidades das diferentes ações desempenhadas na sociedade, e desta forma, Castells (2003) ressalta que as fontes de significado são constituídas pela identidade e destinadas para os indivíduos, causado por eles e construídas pelo sistema de individualização. A partir desse aspecto, foi percebido que as instituições dominantes também

podem formar as identidades, mas isso só acontece no momento em que os indivíduos internalizam as instituições dominantes. Ou seja, essa internalização se torna a base para que os autores sociais construam o seu significado. Ainda para o autor, toda a identidade passa por um processo de construção, por meio dos fatores históricos, geográficos, biológicos, instituições produtivas, reprodutivas e dominantes, por meio da memória coletiva, religiosa entre outros. Portanto, os indivíduos, os grupos sociais e sociedade processam esses fatores, dando um novo significado de acordo com as mudanças sociais, cultural, temporal e espacial enraizadas na estrutura social.

Portanto, se torna necessário resgatar o processo histórico de ocupação da região, a constituição de seus grupos sociais e formas de organização social e política, os principais movimentos sociais, migrações, conflitos sociais, manifestações culturais, ambiente natural e recursos, sistemas agrários e acesso à terra e formas de produção e comercialização, tendo em vista apreender a forma como esses aspectos se inter-relacionam e são processados pelos atores sociais, atribuindo-lhes significados que indicam pertinência territorial. (PERICO, 2009, p. 38)

Perico (2009) sugere que as identidades são conjuntos de características do território, que se relaciona com suas origens, com a forma de vivência no espaço, com a construção do conjunto social e uma relação recíproca entre os indivíduos. E o território é o espaço em que a diversidade é valorizada, os fatores se aglutinam, a mediação de interesses é facilitada e fornece o entendimento de princípios e convergência.

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. (SANTOS, 2002, p. 96).

A especificidade de um território de identidade, conforme Perafán (2007), pode ser diagnosticada por meio da comunicação e suas interações diárias entre os indivíduos que vivem no local, permitindo assim, reconhecer os fatores culturais, sociais e históricos. Portanto, compreendendo o território como a apropriação do espaço e as diferentes territorialidades como as relações nela vivenciadas, o próximo subcapítulo visa abordar com essas perspectivas as peculiaridades do espaço rural e urbano.

### **3.3 Territorialidades no espaço rural e urbano**

Cada vez mais os conceitos sobre o que é rural e o que é urbano são utilizados nas ciências sociais e na geografia para distinguir as características sócio-espaciais específicas que

estão inseridas nos diversos grupos sociais. Ao longo dos anos o mundo acadêmico debateu e discutiu as diferentes peculiaridades do urbano e do rural, e nos dias de hoje essas características se modificaram a partir dos novos acontecimentos e ações inseridas no meio, dificultando a compreensão do que é o espaço rural e o urbano.

Por muitos anos o espaço rural e o espaço urbano eram vistos de forma distinta, devido às transformações sócio-espaciais geradas pelo desenvolvimento do modo de produção capitalista. O espaço rural era entendido por ser responsável pelas atividades agropecuárias, com a função de fornecer produtos às cidades, enquanto o espaço urbano era o berço da produção industrial, do comércio e serviços. Tal visão poderia levar a mau entendimento do primeiro como “atrasado” e do segundo como “moderno”. Porém, nos dias atuais essas diferenças estão desaparecendo. O que antes pertencia apenas ao espaço urbano, hoje também pertence ao espaço rural. O acesso à informação, os diferentes serviços, o transporte, a informática e pesquisa avançada de centros universitários estão sendo levados pelos complexos agroindustriais, provocando uma procura por esses espaços (ANDRADE, 2014).

O meio urbano, todavia, não domina a técnica e a artificialidade com exclusividade, segundo Alentejano (2003). O autor considera fundamental os fatores econômicos, sociais e espaciais na relação dos indivíduos com a terra para uma definição do espaço rural.

Assim, independentemente das atividades desenvolvidas, sejam elas industriais, agrícolas, artesanais ou de serviços, das relações de trabalho existentes, sejam assalariadas, pré-capitalistas ou familiares e do maior ou menor desenvolvimento tecnológico, temos a terra como elemento que perpassa e dá unidade a todas essas relações, muito diferente do que acontece nas cidades, onde a importância econômica, social e espacial da terra é muito mais reduzida (ALENTEJANO, 2003, p. 11).

Os moradores de ambos os meios possuem os mesmos recursos, fazendo com que muitas pessoas optem os espaços rurais em busca de maior segurança e qualidade de vida. Com isso, o rural também se está modificando. Muitos autores defendem a ideia de que o rural está desaparecendo e sofrendo interferências do urbano devido às diversas atividades não-agrícolas que surgem diariamente, atraindo pessoas de baixa renda para as periferias das cidades, fazendo com que o rural se alastre cada vez mais para os centros urbanos. (ANDRADE, 2014).

[...] refletir sobre a relação campo/cidade significa pensar sempre na interação, visto que não se pode dizer simplesmente que os valores da cidade invadiram o campo, é preciso ir além e perceber como esses valores estão, na verdade, interagindo o tempo todo no viver das pessoas, ou seja, valores urbanos passam a fazer parte da realidade do homem do campo, assim como valores rurais fazem parte da vida de moradores das cidades (SILVA, 2008, p. 90).

No espaço rural a terra é um fator essencial, com seus usos diferenciados, tem como características elementos mais naturais do que o urbano, correspondendo a um meio específico que muitas vezes cria e recria formas sociais de uma forte territorialidade (MARQUES, 2002).

Nos dias atuais, a coexistência entre o espaço rural e o espaço urbano provocou uma nova interpretação do seu significado: o rural continua sendo um elemento de definição e explicação da realidade, porém a diversidade é a característica fundamental que rege o novo rural. Para Alentejano (2003, p. 31), o urbano e o rural possuem uma grande diferença: “enquanto a dinâmica urbana pouco depende de relações com a terra, tanto do ponto de vista econômico como social e espacial, o rural está diretamente associado à terra”. Mesmo que o rural possua uma dinâmica própria, o autor destaca que a dinâmica informacional e cultural são difundidas pelos meios de comunicação, integrando os espaços rurais da mesma forma que acontece nos centros urbanos.

Lima (2005) contribui afirmando que nos espaços urbanos existem elementos do rural, assim como na área rural estão presentes elementos urbanos. Mas ele reconhece que mesmo existindo essa interferência nos dois eixos, o rural se tornou um estilo de vida com sua própria diversidade.

Em termos de discurso, o rural não é mais o agrícola, é o campo, uma paisagem rural associada à natureza, à memória de uma sociedade camponesa, um patrimônio a preservar. Cai a lógica produtivista e vem à tona a da qualidade de vida. A nova ruralidade se torna um estilo de vida. Opondo-se ao rural agrícola homogêneo, a ruralidade torna-se o rural da diversidade; a noção de paisagem reproduz a estetização da ruralidade, associada à natureza. (LIMA, 2005, p. 45)

A possibilidade de viver em contato com a natureza no meio rural está cada vez mais sendo valorizada, assim muitas pessoas que vivem nas cidades buscam vivenciar essa ruralidade. Complementando essa ideia, muitos agricultores também utilizam a estratégia das atividades urbanas na área rural como forma de sobrevivência com o intuito de influenciar a sociedade urbana em busca da diversidade que só o espaço urbano possui, como as paisagens, atividades, produtos e manifestações culturais que representam a ruralidade. Já os valores urbanos procuram influenciar principalmente os jovens da área rural a se envolverem e consumirem os produtos ofertados. (CANDIOTTO; CORRÊA, 2008)

Em relação ao conceito de urbano, o mesmo é visto mais como um fenômeno do que como um objeto. Atualmente as redes e os fluxos se interligam de um lugar para outro aproximando o distante e o perto pelo virtual, favorecendo o desenvolvimento de uma sociedade pós-industrial. Lefebvre (1999) visualizava em 1970 o urbano como algo que

estava se constituindo de uma forma virtual e não como algo estagnado, considerava-o no âmbito da industrialização, mas não como um subproduto da industrialização. Martins (1999) ressalta que se torna extremamente difícil a compreensão de que o urbano é um lugar de enfrentamentos e confrontações, uma unidade de contradições.

A ideia de urbano aparece, na maioria das vezes, vinculada à de capital industrial e à de sociedade capitalista industrial. A perspectiva de Léfèbvre (1991) relaciona diretamente o conceito de urbano à sociedade capitalista industrial. Assim, “o urbano é mais que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir, enfim é um modo de vida”.

Segundo Lencione (2008), o conceito de urbano está relacionado a um processo histórico e, dependendo da referência teórica, falaremos de urbano desde os primórdios da colonização brasileira. Tanto a cidade é vista como um objeto, como o urbano visto como um fenômeno, ambos se situam dentro dos reflexos de espaço e a sociedade, ou seja, são produtos dessa relação, sendo produzidos por relações sociais determinadas historicamente.

O urbano não representa apenas pela transformação do capitalismo, do espaço em mercadoria, mas existe o potencial cotidiano vivido. Existem diferentes espaços como: espaço percebido e o espaço concebido, vividos pelos habitantes que procuram se apropriar do espaço, através de imagens e símbolos. (LEFÉBVRE, 1999)

Correa (1996) apresenta a cidade como espaço urbano que pode ser analisado como um conjunto de pontos, linhas e áreas. Sendo assim, seus espaços podem evidenciar as ações de determinadas parcelas da população, de suas relações e conexões coma estrutura social, processos e funções urbanas. E essa relação pode ser consensual ou conflitante, dependendo do contexto sócio-territorial.

O território urbano é gerado através das práticas sociais que imprimem em determinada área uma funcionalidade que acaba por sua singularidade territorializando determinado espaço. Essas territorialidades em muitas vezes não apresentam demarcações físicas, sendo chamadas de territorialidades subjetivas. O espaço urbano não é somente produto da sociedade, mas também se apresenta como condição e meio de realização de toda dinâmica social.

Trindade e Saint-Clair (1998) apresentam os territórios da cidade como sendo frações do urbano, explícita ou implicitamente marcadas e controladas por determinadas ações, produto da correlação de forças ou de diferenças que se estabelecem para com outros agentes. O espaço, enquanto meio e condição de reprodução de relações sociais, ganha expressão na existência de territórios e na configuração de territorialidades.



Os territórios podem ser avaliados por diferentes variáveis, como o território das empresas do mercado imobiliário, das organizações populares que geram suas territorialidades e os formatos territoriais institucionalizados.

Trindade e Saint-Clair (1998) afirmam que o espaço não é somente produto e reflexo das relações sociais, mas também força que reproduz estas relações. Sendo que, o que está em jogo é o controle das localizações socialmente produzidas e disso resulta a forma urbana e o padrão de segregação sócio espacial da cidade capitalista.

O território e territorialidade oferecem uma ligação entre sociedade, espaço e tempo, que mantêm as organizações espaciais. Diferentes agentes produtores e suas articulações, práticas espaciais e usos do espaço urbano tornam notáveis as variadas territorialidades.

Sendo assim, “essas diferenças entre o urbano e o rural estão na intensidade da territorialidade, sendo que o urbano apresenta relações mais globais, mais deslocadas do território, enquanto o rural reflete uma maior territorialidade, um vínculo local mais intenso” (ANDRADE, 2012, p. 78).

Entende-se essas dicotomias entre rural e urbano, e como se constituem essas territorialidades e se evidenciam as identidades, que são fundamentais para uma compreensão dos indivíduos de estudo da presente pesquisa, que são os jovens e suas diferentes culturas.

## **4 DINÂMICAS IDENTITÁRIAS E APROPRIAÇÕES CULTURAIS DOS JOVENS**

O presente capítulo aborda a questão da formação e a transformação juvenil diante da contemporaneidade, como as transformações juvenis se apresentam, quais são as suas culturas, percepções e perspectivas de futuro por meio de revisão bibliográfica. Tentou-se perceber como os jovens estão interagindo com as tecnologias da informação e comunicação numa era em que a capacidade de incorporação e a troca de informações e contatos que a internet proporciona, tornando-se cada vez mais poderosa, principalmente entre os grupos juvenis. O capítulo buscou também recuperar a literatura que permite compreender como a relação dos jovens com os meios de comunicação implica em um consumo ainda maior por esses aparatos, transformando também a fotografia.

### **4.1 Formação juvenil: Critérios para uma definição de juventude**

Abramo (1994) analisa a juventude como sendo uma faixa de idade, certo período da vida onde o indivíduo abandona o período infantil, completando o desenvolvimento físico e inúmeras mudanças psicológicas e sociais, para dar início a uma nova etapa, o começo do mundo adulto. A palavra juventude pode remeter a diversos sentidos, pois ela está carregada de significados e evocações, assim, o tempo de duração dos processos modifica-se de cada época e de sociedade para sociedade por meio de suas divisões internas.

Do ponto de vista social, o jovem é um ser em desenvolvimento em constante conflito, pois se encontra numa fase natural de transição entre a infância e o universo adulto. Dessa forma, o jovem só é considerado “maduro” quando bem adaptado à estrutura da sociedade, ou seja, quando se torna um cidadão obediente às normas e aos valores do sistema social em que vive. (BRANDÃO, 1992, p. 6)

Conforme a realidade social, não existe somente um tipo de juventude. Não é possível definir os jovens como um grupo homogêneo, mas sim como grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, jovens com oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido a juventude é uma construção social, é a produção de uma determinada sociedade que se origina de várias formas, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo, etc (ESTEVEVES; ABROMOVAY, 2009).

De acordo com a sociologia da juventude, Pais (1993) traduz a compreensão de ser jovem em duas linhas:

- Primeiramente, considera a juventude, nesse caso pela faixa etária, como grupo social homogêneo, na qual indivíduos pertencem a um dado grupo etário, ou seja, composto por indivíduos que vivenciam certa fase da vida;

- Na segunda linha, analisa que devido à existência de múltiplas culturas juvenis, formadas por meio de diferentes interesses e influência na sociedade, a juventude vai além de um grupo único, no qual a idade seria o fator predominante. Sendo assim, o uso do termo juventudes, no plural, está se tornando cada vez mais corriqueiro, pelo fato de abranger e dar conta de todas as especificidades presente nessa categoria.

A juventude pode ser vista de uma forma geracional, que substitui a atual, sendo vista pela sociedade como detentora de possíveis respostas para os problemas futuros, condensando as angústias, os medos e as esperanças. Como noção social, a juventude é vista pela sociologia como um período de mudança no ciclo de vida, da infância para a maturidade, sendo um momento muito delicado e conflituoso, pois os indivíduos processam a sua integração e se inserem na sociedade por meio de relações sociais, e apropriação de elementos culturais e sociais. É um momento decisivo e angustiando para o indivíduo, pois essa passagem prepara o indivíduo a se tornar um sujeito social, livre, inserindo-se e desempenhando os papéis na sociedade, por meio de seus valores, normas e comportamentos adquiridos (ABRAMO, 1997).

Como objeto de falha, disfunção ou anomia no processo de integração social; e, numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco a própria continuidade social. O foco real de preocupação é com a coesão moral da sociedade e com a integridade moral do indivíduo - do jovem como futuro membro da sociedade, integrado e funcional a ela. É nesse sentido também que na maior parte das vezes a problematização social da juventude é acompanhada do desencadeamento de uma espécie de “pânico moral” que condensa os medos e angústias relativos ao questionamento da ordem social como conjunto coeso de normas sociais. (ABRAMO, 1997, p. 29).

Conforme Pais (1993), a palavra juventude comparada a outras gerações, pode ser definida como um conjunto homogêneo. Quando a abordagem juventude comparada a um conjunto social com qualidades sociais que os diferenciam uns dos outros pode-se defini-la como um conjunto heterogêneo.

A juventude tanto pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, principalmente definida em termos etários, como também pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes entre si. (PAIS, 1993, p. 34 apud MÜLLER, 2005)

Para Tufte (2010), são vários fatores estruturais que impactam a vida dos jovens, podendo acabar em violência ou em perspectivas maravilhosas. Devido às mudanças econômicas, familiares, de planos de vida, status econômicos, educação e relações sociais e pessoais, as suas vidas se tornam incertas.

Na contemporaneidade, os novos estudos juvenis não procuram tratar de um grupo etário específico, mas sim, buscam associar o jovem por seus valores e estilos de vida, resultando em novos significados juvenis. Pois o jovem vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. Nesse sentido, os meios de comunicação tornam-se um veículo de extrema importância para a integração cultural (PERALVA, 1997).

#### **4.2 Transformações juvenis contemporâneas**

Para Abramo (1994), em meados nos anos 50, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, foi desencadeada a questão juvenil, devido às preocupações no processo de modernização social ocorrido no ciclo de transformações estruturais da época, principalmente as mudanças do novo ciclo de desenvolvimento industrial, a diversificação da produção, o pleno emprego e as medidas sociais do *Welfarestate*, fizeram com que as possibilidades do consumo por jovens aumentassem, por meio da criação de novos bens e através dos meios de comunicação que passou a ter uma maior importância. Nesse mesmo período, o tempo livre e o aumento da disponibilidade se tornaram mais valorizados e a jornada de trabalho diminuiu, fazendo com que a produção de bens de entretenimento e de cultura de massa aumentasse, provocando um maior interesse pelas indústrias, pelo comércio e pela publicidade a esses grupos juvenis. A partir desse momento surge a “cultura da juventude”, dentro e fora dos Estados Unidos, sendo o resultado da expansão do capitalismo em busca de novos mercados consumidores. Logo este fenômeno se alastra a outras fronteiras, inclusive no Brasil, influenciando nos movimentos sociais e musicais, e apresentando novos elementos que contribuíram para a formação e transformação da sociedade brasileira.

Conforme Brandão (1992), durante e após a Segunda Guerra Mundial houve um grande aumento na população jovem norte-americana, criando uma insatisfação por meio dos jovens devido ao progresso da industrialização, valores morais arcaicos e preconceituosos. Devido a esses fatores, muitos jovens individuais ou em pequenos grupos se revoltaram, expressando a sua rebeldia principalmente na música. Nesse momento dois estilos de músicas se uniam: o estilo de música negra e o estilo de música branca, fusão que resultou no

*rock'n'roll*. A partir daí surge uma cultura própria da juventude. A partir do *rock'n'roll* os jovens de classe média branca assumiram consciente e inconscientemente alguns valores da cultura negra, colocando-se como oprimidos em relação à sociedade instituída pela família. Bill Halley foi um dos principais cantores da música rock, com o primeiro grande sucesso do *rock'n'roll* que se tornou o hino de guerra dos jovens e se tornou uma referência do conflito entre professores e alunos chamado, *Rock around the clock*. Em seguida, Elvis Presley foi descoberto por uma pequena gravadora, invadindo as mentes dos jovens. Além do Rei do Rock, surgiram outros cantores fabulosos como Carl Perkins, Jerry Lee Lewis, Buddy Holly e muitos outros. Nesse período a música, através do *rock'n'roll*, era o principal meio de expressão e no cinema James Dean era idolatrado pelos jovens, pelo estilo moderno de se vestir, pelo modo rebelde em relação a sociedade consumista e pelas convenções sociais, era visível as atitudes de violência, o consumo de drogas, sexo e *rock'n'roll*.

Essa nova cultura da juventude nos anos 50, segundo Brandão (1992), é formada principalmente a partir de jovens e as diferentes classes sociais, na qual se vincularam aos espaços de lazer, aos meios de comunicação e a indústria cultural configurando a formação de um mercado consumidor. Nesse momento a indústria cultural norte-americana percebeu o grande mercado que se abria com o estilo de vida do *rock'n'roll*, acelerando a produção das gravadoras, rádios, cinema e televisão e estimulando um maior consumo da cultura jovem a esses meios. Nesse período a música, através do *rock'n'roll* é o principal meio de expressão.

De acordo com Carmo (2001), os anos 60 foram uma época em que a música era feita por jovens e para jovens. O lazer, o comportamento, as artes populares e outros novos costumes se destacaram em Londres, dando início a uma nova sensação musical e um novo estilo de vida: os Beatles.

Nos anos 60 surge a juventude “anos rebeldes”. Conforme Brandão (1992), nesse período havia muita violência racial, conflitos do Vietnã e aumentava a resistência ao serviço militar. Essa geração de jovens tentava criar e vivenciar um estilo de vida alternativo e coletivo, contra o consumismo, a industrialização indiscriminada, o preconceito racial, entre outras causas. A juventude mais crítica e politizada nega a cultura vigente, que de fato era sustentada e manipulada pela indústria cultural, pois a indústria tecnocrática e burocrática estava no seu auge, e os jovens eram obrigados a se adaptar a essa realidade mecânica, insensível e sem nenhum estímulo de criatividade. Essa reação jovem que tinha como objetivo construir um mundo alternativo com uma cultura própria, tornou-se uma forma de expressão muito importante na época, conhecida como “contracultura”, que tinha como seguidores os hippies.

Como podemos notar, os movimentos de contracultura nasceram a partir de um ponto de vista hedonista, ou seja, do desejo simples e elementar da felicidade individual, porém fora dos padrões de regras e normas repressoras estabelecidas pelo sistema, composta pelas instituições político-sociais que objetivavam a sustentação da ordem vigente. É dentro desse contexto que se insere a grande utopia dos hippies a construção de um “paraíso aqui e agora”, de “paz e amor”. Para tanto, era fundamental criar o seu próprio estilo de vida e “cair fora” do mundo materialista e racional da sociedade moderna, o que significava ganhar um outro espaço físico e mental. Daí a criação das comunidades hippies e a descoberta do misticismo e do psicodelismo das drogas, principalmente o LSD (ácido lisérgico). (BRANDÃO, 1992, p. 51)

Conforme Carmo (2001), a transformação da juventude se consolidava ainda mais. Os jovens acreditavam que um mundo novo poderia se tornar realidade, abandonando velhas concepções e valores de gerações passadas como a discriminação racial, o autoritarismo, o consumismo, o trabalho alienado e a guerra. Iniciava um novo movimento social, um movimento mais libertador, provocando novas maneiras de pensar, de compreender e de se relacionar com o mundo e com os indivíduos. O radicalismo pelos jovens em relação aos valores convencionais era explícito. Jovens usavam cabelos compridos, roupas extravagantes e de cores berrantes, seguiam o misticismo oriental, na qual era necessário mudar o próprio mundo de cada um, indo contra a cultura ocidental, a liberdade no amor e a sensualidade se tornara como uma arma contra a violência do mundo industrializado e o consumo de drogas ia ao encontro de muita música com intuito de ampliar a sensibilidade e o erotismo.

Para Abramo (1994), a juventude nesse período era vista como uma nova classe social e uma geração de conflitos. O desrespeito em relação às instituições e valores sociais era visível. Eram jovens que estavam em busca de uma intensa diversão, prazer e liberdade. É preciso ressaltar que todos esses fenômenos predominavam em uma certa época sobre os jovens, mas não significa que esses fatores se davam de forma homogênea em todo o mundo, nem que atingiam todos os jovens dos diferentes lugares.

Segundo Brandão (1992), nesse momento da contracultura, em meados de 1967, acontecia a fusão entre o blues e o *rock'n'roll*, efetivada por Jimi Hendrix e Janes Joplin e grandes festivais como *Woodstock*, Altamonte Ilha de Wight que aconteciam. O “*acid rock*” foi o rock mais típico de São Francisco, produzido principalmente por Jefferson Airplane, os The Doors e GratefulDead, sendo um rock que procurava transmitir as experiências psicodélicas com as drogas.

De acordo com Morin (1999), constituiu-se uma cultura nas grandes cidades do Terceiro Mundo, como na Carnaby Street e Greenwich Village, que reunia os jovens com seus trajes em busca da liberdade, da fantasia e de autenticidade. Essa cultura adolescente-juvenil é considerada ambígua, pelo fato de fazer parte da indústria cultural, capitalista, e, por

outro lado, os *beatniks*, os *hippies* e alguns outros grupos que eram contra a sociedade do consumo.

O desenvolvimento desta cultura está ligado a uma conquista de autonomia dos adolescentes no seio da família e da sociedade. A aquisição de relativa autonomia monetária (dinheiro para o gasto diário dado pelos pais nas sociedades avançadas e, alhures, dinheiro para o diário conservado pelos adolescentes que ganham a vida e entregam tudo que ganham aos pais) e de relativa liberdade no seio da família (o que nos conduz ao problema da liberalização, aqui, da desestruturação, acolá, da família) permitem aos adolescentes adquirir o material que lhes insuflará sua cultura (transistor, toca-discos e mesmo o violão), que lhes dá sua liberdade de fuga e de encontro (bicicleta, motocicleta, automóvel) e lhes permitirá viver sua vida autônoma no lazer e pelo lazer. Esta cultura, esta vida aceleram, em contrapartida, as reivindicações dos adolescentes que não se satisfazem com a semiliberdade adquirida, e fazem crescer sua contestação a propósito de um mundo adulto cada vez menos semelhante ao deles. (MORIN, 1999, p. 140)

Conforme Brandão (1992), em maio de 1968 aconteceu um fato histórico na sociedade francesa, quando manifestações uniram estudantes e trabalhadores que questionavam todas as estruturas de poder. A rebelião estudantil protestava pela má adaptação do ensino universitário ao mercado de trabalho, enquanto acontecia uma greve geral de dez milhões de trabalhadores, com a ocupação de fábricas e a paralisação social da vida francesa. Os muros de Paris expressavam o desejo revolucionário de estudantes e trabalhadores que grafitavam “É proibido proibir”, revelando que esses grupos sociais não poderiam ser tratados como distintos, pois o objetivo de transformar as relações de poder vigente na sociedade moderna era comum entre eles. No mesmo ano, países como Estados Unidos da América, Inglaterra, Brasil, Tchecoslováquia, Polônia, China, Japão e outros foram atingidos por esses movimentos estudantis. No Brasil, o movimento estudantil brasileiro protestou contra a ditadura militar, que estava no domínio desde 1964, provocando um arrocho político do regime, com o decreto do Ato Institucional nº5 (AI-5) e o fechamento do Congresso Nacional. Mundialmente, a participação política dos jovens no final dos anos 60 foi transformadora para a sociedade moderna. No ano de 1968, houve a recusa aos partidos oficiais, ao comunismo burocratizado e ao consumismo capitalista, juntamente com a exigência de transformação de valores, conhecido como o ano da “Grande Recusa”.

De acordo com Brandão (1992), para a contracultura, esse movimento de protesto político se fazia presente no período em que aconteciam os grandes festivais, principalmente o festival de *Woodstock*. Era o início de uma sociedade utópica do futuro para a contracultura, e, para o sistema, era o início de um movimento jovem, na qual essas novas ideias foram transformadas em mercadorias pela indústria fonográfica e cinematográfica, criando um comércio direcionado aos *hippies*.

Com a indústria cultural avançando, segundo Brandão (1992), os jovens e a sociedade se tornavam cada vez mais consumistas, e todo aquele movimento revolucionário que acontecia adormeceu, deixando a utopia da contracultura esquecida. Mas o movimento da contracultura conseguiu deixar novos valores para a sociedade e recuperou filosofias e crenças primitivas que se uniram aos novos avanços tecnológicos e científicos. A sociedade estava dividida. De um lado, antigos ideais eram seguidos, como o amor livre, abolição da família e contestação das estruturas de poder, que se colocavam contra a tecnocracia e a indústria cultural. Ainda na década de 60, a descoberta da pílula anticoncepcional, a minissaia, o amor livre, a queima de sutiãs, etc., fortaleceu o movimento feminista, o qual tinha como objetivo aniquilar qualquer inclinação de autoridade sobre sexo feminino.

Segundo Carmo (2001), os anos 60 no Brasil foram conturbados politicamente: Jânio Quadros era o presidente do Brasil e tinha como propósito tirar os corruptos, mas seu mandato não durou muito, renunciando o cargo sete meses depois, entregando o mandato ao vice-presidente João Goulart. De acordo com as elites, João Goulart não era comunista, mas era comandado pelos comunistas.

Brandão (1992) descreve a criação do Cinema Novo e do Centro Popular de Cultura da União Nacional de Estudantes (CPC/UNE), em 1961, atraindo jovens intelectuais e os CPCs que tinham como objetivo desenvolver uma cultura junto às classes populares, pois para os CPCs são os intelectuais que levam a cultura às massas. Nesse sentido, os CPCs trabalharam direto com as massas, levando peças de teatros à fábricas, favelas e sindicatos, cadernos de poesias foram publicados e vendidos a preços populares e iniciando a realização pioneira de filmes auto-financiados. Falava-se da bossa nova, que, devido a uma agitação política, teve o conteúdo de suas letras voltado a conflitos políticos e sociais.

Na década de 60, segundo Brandão (1992), vários artistas plásticos produziram colagens da vida urbana e da cultura de massa brasileira em desenvolvimento como uma forma de expressão artística, que para muitos era chamada de anti-arte, pois estava fora dos padrões tradicionais da sociedade, mostrando os valores ambíguos e as contradições entre a cultura nacional-popular e o país em fase de modernização. Além das artes plásticas, o Cinema Novo Brasileiro também se destacou na década de 60, enfatizando a situação político-social do Brasil por meio de um discurso crítico. A juventude brasileira também passava pelas mesmas transformações da juventude da Europa, com nuances distintas em função do contexto nacional, incluindo nele a ditadura militar.

Conforme Carmo (2001), a boa música popular brasileira produzida nos festivais da Record em 1967, se tornou um grande sucesso entre a juventude, e foi nesse momento que a



canção de Caetano Veloso atingiu o auge do sucesso, dando início a um novo movimento chamado tropicalismo. As guitarras elétricas acompanhavam o estilo criativo das músicas de Caetano, provocando críticas de um público conservador, acusando-o por transgredir o estilo da MPB. Devido ao movimento tropicalista, rejeitar os objetivos estéticos e aos fins políticos, um grupo juvenil politizado acusava o movimento de omitir ao avanço da ditadura. O tropicalismo queria retomar e dar sequência a linha evolutiva da bossa nova, já que havia resistido ao golpe militar. Nesse momento, além da rádio, a televisão teve uma grande influência na difusão da música brasileira para o público jovem, fazendo com seu conteúdo se transformasse em comportamento, atitude, política e moda, o que auxiliou na modernização da cultura dos anos 60.

Para Brandão (1992), mesmo que os jovens criticassem a indústria de consumo, o interesse em consumir equipamentos de som, motos, carros, roupas, etc., aumentava ainda mais. Isso porque a indústria cultural soube aproveitar os movimentos culturais da contracultura, principalmente o estilo musical, transformando-os em mercadoria. Em 1973 houve a crise do petróleo, provocando uma grande crise econômica mundial, onde as estruturas sociais se alteravam, os atentados terroristas e o conflito no Oriente Médio se alastravam. Nesse período, os jovens se preocupavam com o desemprego e com a especialização profissional. Mesmo com a crise, a indústria fonográfica multiplicou os estilos, investindo em uma tecnologia de sons mais sofisticada e expandindo o seu mercado. Os dois estilos musicais que deixaram marcas mundiais até a metade dos anos 70 foram o progressivo rock e o *heavy metal*. Na sequência, um novo produto surgia nos grandes centros urbanos dos Estados Unidos, a *discothèque*, um produto da subcultura homossexual, negra e latina, que mais tarde foi incorporada pela classe média branca, se difundindo pelo resto do mundo

Segundo Abramo (1994), o rock progressivo nos anos 70 necessitava de grandes produções empresariais e financeiras para se destacar, e devido a isso a música *punk* surgiu, mostrando que não era necessário utilizar equipamentos sofisticados, retomando o uso de instrumentos básicos, na busca de uma música simples e rudimentar que poderia ser produzida por qualquer um. O conteúdo de suas letras expressava as experiências dos jovens no cotidiano das ruas, transmitindo um sentido e um pertencimento aquela realidade. Por ser uma música ágil e autêntica ela trazia vestígios do rock, porém, com um som mais seco, mais percussivo, sem solos, menos cantada e mais gritada. O estilo punk é formado por materiais que não tem mais valor para a sociedade, primitivo e materiais de origem do lixo urbano e industrial, dando uma aparência estranha e agressiva aos jovens.

Os punks são principalmente garotos das classes trabalhadoras dos subúrbios, vivendo nesse momento uma situação de desesperança: a crise econômica e os índices de desemprego atingem duramente os jovens proletários que, ao saírem do ciclo básico não encontram emprego e, além disso, vêem boa parte dos serviços públicos antes existentes ser encerrada pela política de desestabilização de Thatcher. Sem dinheiro, sem nada para fazer, e com uma sensação de estagnação e exílio social, esses jovens acabam por procurar atividade e diversão, “explodindo sua fúria e desencanto” na criação de atitudes provocantes, desafiadoras, “deflagradoras de desordens”, em todos os sentidos: da desordem semântica à desordem comportamental. (ABRAMO, 1994, p. 45 *apud* BIVAR, 1982; SANTOS, 1985; MUGGIATTI, 1985 *et.al*).

O *punk* é o resultado de um período de dificuldades, marcado por uma crise mundial do capitalismo, pelo desemprego, pela insatisfação e desilusão vivida por uma geração de jovens das classes baixas que se alastrou pelo mundo e os grandes centros urbanos. Por mais que o movimento *punk* e hippie possuem estilos, linguagens e atitudes diferentes, eles mostraram para a sociedade contemporânea um modo de vida diferente dos padrões convencionais, passando muitas vezes uma imagem para a sociedade de vândalos, agressivos e estranhos, segundo Brandão (1992).

No Brasil, a crise econômica, somada à repressão imposta pela ditadura militar, gerou um certo conflito entre a juventude, revoltada com o regime militar. Grupos de jovens entraram em confronto praticando ações armadas no meio urbano e rural. Em função de o Estado ter como base para agir um modelo político e econômico apoiado em um poder burocrático-autoritário e administrado por tecnocratas e militares, então logo esses confrontos foram aniquilados pelas tropas do regime militar (BRANDÃO, 1992).

Conforme o mesmo autor, muitos jovens da classe média urbana estavam insatisfeitos com a repressão do regime militar, a censura e a situação conservadora contemporânea do país, optando por seguir culturas alternativas que sustentassem seus prazeres, como sexo, drogas e rock. Não era só ouvir rock, mas ser como seus ídolos, se vestir como eles, incorporar as ideias, atitudes e discursos. Esse comportamento era o inconformismo diante da situação do país, resultando em um fenômeno contracultural que se estendeu até a metade dos anos 70. A partir daí, o rock acaba sendo substituído pela *discothèque*, dividindo o mercado da música de massa e se tornando um dos principais produtos musicais.

O regime democrático nos anos 80 substituiu o regime autoritário, liberando músicas e filmes antes proibidos, liberando os exilados políticos para retornarem ao país, e preocupando-se com a preservação do meio ambiente. Surgem os *buttons*, acessórios pregados às roupas, usados muitas vezes para se expressar. Para alguns, o grafite surge como forma de expressão, enquanto para outros essas pichações são sinônimo de sujeira. Os yuppies marcaram os anos 80, sendo jovens profissionais bem-sucedidos e com uma carreira

promissora, no período em que uma onda conservadora, inclusive entre a juventude, ganha espaço (CARMO, 2001).

Conforme Brandão (1992), nos anos 80, preocupados com a preservação do meio ambiente e o desarmamento nuclear, muitos jovens e uma parte da sociedade iniciavam uma batalha para combater essas agressões ecológicas criticando o desenfreado crescimento industrial, a produção e ao consumo material. Todo um aparato tecnológico começa a fazer parte da vida dos jovens, a partir da revolução digital, resultando em uma cultura cosmopolita, influenciando os jovens no modo de produzir e consumir cultura. Com o desenvolvimento tecnológico os ritmos dos anos anteriores puderam ser retomados e transformados em novos estilos musicais (BRANDÃO, 1992).

A partir dos anos 80 e 90, os jovens das camadas populares e a diversidade dos estilos culturais foram incorporados pela sociedade, diversos grupos culturais como os *punks*, *darks*, *roqueiros*, *clubbers*, *rappers*, *funkeiros*, entre outros, participaram de intervenções sociais e ações comunitárias. Nesse sentido, as novas gerações apresentam atitudes diferentes das décadas anteriores, procurando resgatar o presente de forma que ele se torne o momento de articular futuras relações. Devido às constantes transformações tecnológicas, as incertezas sentidas pelos jovens refletem nas sociedades, transferindo para o presente a busca de sentido, assim tendo um controle possível e curto (DAYRELL; CARRANO, 2005).

Com as complexas culturas globais e os diversos formatos tecnológicos que surgiram nos anos 80 e 90, muitos jovens sofreram com a violência e o desemprego no Brasil, resultando em significativas mudanças socioeconômicas e políticas. Nesse momento, a classe juvenil teve uma visibilidade maior, devido ao envolvimento nas lutas pela democratização e tiveram oportunidade de se organizar em torno de movimentos culturais e sociais, defendendo e lutando por seus direitos. Foi por meio da música que muitos das classes menos favorecidas reivindicavam e reclamavam o direito à diferença (GALVÃO, 2008).

Nosso tempo é um tempo de crise para a juventude, um tempo sem precedentes de prejuízo e perigo para o jovem. Desde 1970, a desindustrialização, a reestruturação econômica e o ressurgimento do racismo têm criado, fundamentalmente, novas realidades para o jovem. Também já é frequente falarmos sobre “juventude” como uma identidade transhistórica e eterna. Nós usamos categorias emprestadas de outras eras, sem compreender as pequenas relevâncias que elas agarram para as novas realidades dos anos 90. [Tradução da autora] (Lipsitz, 1994:17 *apud* Gumes 2003).

Os jovens dos anos 90 apresentaram uma característica inovadora: um grande interesse por práticas coletivas, que destacaram-se com importância no campo cultural que promove mecanismos de união de sociabilidades e de interesses afins. As práticas, representações,

símbolos e rituais são o espaço cultural, é onde o jovem busca demarcar uma identidade juvenil. E esse espaço privilegiado de práticas que o jovem tem serve como um espaço de atuação e construção, e é através dele que o jovem se relaciona com o meio e constrói uma visão sobre o mundo ao seu redor e um olhar sobre si mesmos. Muitos jovens utilizam a música como forma de se envolver e de se mobilizar, tornando-se produtores e não somente participantes, formando assim, grupos musicas de diferentes estilos e tendências, provocando muitas vezes mobilizações culturais (DAYRELL; CARRANO, 2005).

Para compreender os grupos juvenis, é preciso entender que os jovens constroem a suas experiências, na maioria das vezes por meio das redes de relações e por meio de significados da cultural global. Sendo assim, o segredo dos jovens contemporâneos é o entrelaçamento do coletivo e do individual. Esse processo de socialização constitui-se por diversas interações e muitas referências culturais, onde as experiências vividas pelos jovens tornam-se sentidos, e a partir desses processos os jovens se constituem (SOUZA, 2004).

O processo de globalização na contemporaneidade tem ocasionado transformações na sociedade, grandes modificações são percebidas no mundo e no modo como os indivíduos vivenciam os espaços. Estabeleceu-se novas formas de interação entre os indivíduos, novas culturas e diferentes sociedades passaram a se relacionar, estabelecendo novas formas de se interar. Essa interação é o resultado das mais recentes tecnologias, que possibilitaram um fluxo de informação e bens culturais mais intenso, enfraquecendo as fronteiras que impediam a abrangência de comunicação entre os territórios. É por meio dos indivíduos que essa realidade é percebida, a possibilidade de interação e a construção de novas identidades entre os indivíduos de outros territórios tornam-se constante e livre, oportunizando trocas culturais entre as pessoas. Portanto, os jovens contemporâneos estabelecem uma maior interatividade com as mais recentes tecnologias, facilitando uma maior negociação entre as identidades fragmentadas e contraditórias da pós-modernidade (GALVÃO, 2008).

Nesse sentido, a relação dos jovens e o consumo destas mais recentes tecnologias tornam-se fundamental para uma compreensão de sua identidade, principalmente por estabelecerem uma frequência e uma interação maior com esses meios.

#### **4.4 A relação entre juventude e consumo tecnológico**

Segundo Castells (1999), as novas formas sociais que surgiram nos anos 60 transformaram e desviaram as tecnologias digitais, criando relações inesperadas do homem com as tecnologias de comunicação e informação. A partir daí, a convergência da informática

com as telecomunicações vai dar origem ao que vem sendo chamado de “sociedade da informação” ou informacional.

A partir dos anos de 1970, ocorre a revolução tecnológica, com as mais recentes tecnologias de informação e comunicação, como satélites, microinformática, internet, digitalização e convergência. Estas permitem a digitalização de dados e a distribuição destes dados em tempo real, possibilitando formação de redes informacionais que controlam as demais. Diante disso, ocorre um crescimento dos empreendimentos de cultura, como o cinema, a TV, a imprensa, a publicidade, a música, entre outros, contribuindo para uma nova ordem mundial que era constituinte e constituída pela comunicação globalizada.

Conforme Hall (1997), além dessa expansão que a revolução cultural ocasionou, a cultura se tornou muito importante nas relações da estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos, se tornando fundamental para a expansão dos meios de produção, circulação e a troca cultural por meio das tecnologias e da revolução da informação. Com isso, as indústrias culturais tem se tornado elementos mediadores fundamentais nestes e em outros processos. Atualmente, os circuitos globais de trocas econômicas dos quais dependem todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria-prima e marketing de produtos e ideias são sustentados pela mídia.

E é neste momento, durante a virada do terceiro milênio, que investimentos são direcionados às tecnologias de comunicação digital e aos softwares. Lemos (2003), destaca que em meados na década de 70, o resultado da convergência das telecomunicações com a informática, resultou em uma simbiose entre a sociedade, a cultura e as tecnologias de base microeletrônica, mais conhecida como *cibercultura*. Por ser uma cultura contemporânea, marcada pelas tecnologias digitais, a *cibercultura* surge no desdobramento da relação da tecnologia com a modernidade.

A *cibercultura* proporciona novas maneiras de se relacionar com o outro e com o mundo, um novo surgimento de relações mediadas. A grande transformação que as redes digitais produzem é a interatividade. As pessoas conectadas buscam suas informações, as ordenam, obtêm mais fontes e elementos para avaliá-las.

De acordo com Lemos (2002), as formas de comunicações tradicionais que são ampliadas, transformadas e reconfiguradas com a chegada da *cibercultura* são inúmeras. A utilização do *e-mail*, os *chats*, os *muds*, as *lanshouses*, revolucionarão as novas práticas de comunicação, inclusive o jornalismo, as rádios e as TVs online e os mais diversos sites de

informação espalhados pelo mundo distribuindo informação, entretenimento e conhecimento para a sociedade.

O que as mais recentes tecnologias possibilitaram, de acordo com Harvey (1992), foram a compressão tempo-espaço, reduzindo tempo e acelerando trocas de velocidade em relação as imagens, conteúdos, negócios entre outros. Para Hall (1997), a facilidade e a velocidade que as informações chegam até o sujeito nos dias de hoje, possibilita a troca de relações entre diferentes povos, com distintos modos de vida, permitindo com que novas culturas sejam difundidas pelo mundo por meio das imagens veiculadas pela mídia.

Vivemos uma nova conjuntura espaço-temporal marcada pelas tecnologias digitais telemáticas onde o tempo real parece aniquilar, no sentido inverso à modernidade, o espaço de lugar, criando espaços de fluxos, redes planetárias pulsando no tempo real, em caminho para a desmaterialização do espaço de lugar. Assim, na *cibercultura* podemos estar aqui e agir à distância. A forma técnica da *cibercultura* permite a ampliação das formas de ação e comunicação sobre o mundo. (LEMOS, 2003, p. 3)

Percebe-se que a internet é um dos maiores meios de convergência tecnológica vivenciadas nos últimos tempos. Justamente por ela ser um meio de comunicação, processamento de informações e armazenamento de dados. Assim, tudo indica que qualquer equipamento que trate de informação, seja voz, imagem ou dados, terá em redes locais e na internet a espinha dorsal que permitirá seu funcionamento de forma eficaz e econômica.

A internet atualmente abrange de uma forma geral todas as necessidades da sociedade, visto que, por estar em um meio virtual, consegue-se atingir e divulgar a história e as características particulares conectando com pessoas de todas as partes do planeta. A troca de informações e contatos que a internet proporciona torna-se cada vez mais poderosa. Segundo Lemos (2005) a era da conexão móvel está ocupando um novo espaço na sociedade.

Depois do PC (computador pessoal) isolado dos anos 60-70, da popularização da internet fixa com o CC (computadores coletivos) nos anos 80-90 estamos vendo no começo do século 21 a emergência da era do CCm (computadores coletivos móveis). Novas práticas e usos da informática surgem, como vimos, com essa mudança de paradigma. A internet fixa mostrou o potencial agregador do desejo de ubiquidade fazendo emergir uma nova cultura telemática, com novas formas de consumo de informação e com novas práticas de sociabilidade. (LEMOS, 2005, p.15).

Segundo Silverstone (2002), a mudança tecnológica mudou a forma de administrar a informação e os novos modos de comunicá-la, fazendo com que os desejos sejam de uma nova forma articulados influenciando e satisfazendo com uma maior determinação, produzindo em nosso meio e em nossas vidas consequências visíveis e invisíveis. É por meio da intervenção humana que a tecnologia se inseriu na sociedade, surgindo através de projetos

e desenvolvimentos gravados nas ações de instituições e indivíduos, imposta e habilitada pela sociedade e pela história. Os reflexos e as consequências na vida social, econômica, política e cultural se dão pela forma como ela será institucionalizada e aplicada. A tecnologia é formada por um conjunto de fatores que são fundamentais para o seu funcionamento, nela estão presentes as habilidades, as competências, o conhecimento e o desejo. É nesse sentido, que é preciso perceber a tecnologia como encantadora e misteriosa e não apenas como uma simples máquina. Por serem objetos e práticas simbólicos, estéticos e funcionais é preciso compreender a função da tecnologia não somente pelo o que ela inclui, mas também o como e o porquê de seus usos, percebendo o significado e o poder da tecnologia em que ela atua nos espaços culturais mais vastos.

Com o avanço da tecnologia se percebe grandes mudanças em relação à fragmentação da cultura do indivíduo na sociedade em que participa e o processo de globalização que está interligado com os meios de comunicação, formando uma rede de economias regionais e globais, buscando atender demandas locais e valorizando as diversidades de cada território de uma forma que estas particularidades se propaguem pelo espaço geográfico. Isto implica a propagação de tecnologias de informação e comunicação, por todo o mundo, para que as redes alcancem grande abrangência. Para que outros consumidores de outras localidades e regiões possam ter acesso às informações e acesso ao produto é necessário comunicá-los com eficiência por meio de imagens veiculada pelas redes sociais e outras interfaces.

A sociedade identifica o jovem como portador de uma maior capacidade de incorporação e rapidez das tecnologias, quando tem acesso a elas, simplesmente porque aciona todos os elementos de seu universo de socialização. Não se pode pensar no jovem contemporâneo sem pensar nos fatores midiáticos, pois a formação da sua subjetividade dependerá desses conjuntos.

A partir dos anos 50, escola, mídia e a metrópole se unem formando uma categoria social do jovem contemporâneo, resultando em um fenômeno chamado cultura juvenil, que varia entre subcultura e contracultura, causando integração e ao mesmo tempo desordem. A escola é o primeiro contato que o jovem tem depois da vida familiar, e em muitos casos a universidade será o seu próximo destino, ou embarcará no mundo do trabalho, que representa a mudança definitiva e dolorosa do mundo juvenil pelo mundo dos adultos. Mas antes de se tornar adulto, o jovem da classe burguesa, operária e popular consome como nunca visto antes, adquirindo um papel central na sociedade (CANEVACCI, 2005).

A relação dos jovens com os meios de comunicação requer compreender a definição de consumo, que, conforme Canclini (2010, p. 60), “é o conjunto de processos socioculturais

em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos”, ou seja, o consumir torna-se um palco de disputas entre a mercadoria produzida pela sociedade e a forma de usufruir, tendo um significado particular para cada indivíduo. As influências dos meios de comunicação de massa refletem no estilo de música, literatura, filmes, comportamento e as práticas culturais dos grupos juvenis.

Conforme Jacks (2014), o consumo midiático é uma particularidade do consumo cultural. É o consumo dos grandes meios de comunicação que a mídia disponibiliza através de produtos e conteúdos para a sociedade. O estímulo ao consumismo dependerá do produto oferecido pela mídia por meio de um conjunto de fatores que varia da oferta de bens, tendências, comportamentos, novidades, identidades, fantasias e desejos.

O poder que a mídia tem sobre os jovens reflete na valorização da autonomia e a autenticidade como um bem supremo, induzindo a um sentimento de máxima satisfação pessoal, eliminando a preocupação solidária com o desenvolvimento da justiça social e do bem comum, abolindo a ideia de que as diferenças e desigualdades sociais é um problema social e acreditando que é uma questão de escolha do indivíduo (FREIRE FILHO, 2008).

Conforme Ronsini (2007), as tecnologias estão vinculadas com os jovens desde os anos 50, e para a sociedade os meios de comunicação estimulam a violência, a sexualidade precoce, o consumismo e a alienação, excluindo a força explicativa da família, a escola, as identidades e a classe social sobre o papel social e cultural da mídia. Nesse sentido, o significado das tecnologias dependerá exclusivamente de como os próprios sujeitos a utilizam no seu dia-a-dia, criando um ambiente negativo ou positivo. Compreender os estilos juvenis em diferentes classes sociais depende exclusivamente dos tipos de tecnologias de comunicação que esse jovem consome. Os meios de comunicação de massa e o processo de redefinir o sentido de pertencimento e identidade, dentro de uma organização local ou nacional, se refere ao consumo da cultura juntamente com a participação das sociedades transnacionais ou desterritorializadas. Muitos jovens hoje consomem produtos, programas, músicas e marcas internacionais, e esse interesse pela cultura globalizada indica um desejo por novos produtos e novos padrões de vida que provavelmente os padrões que a sociedade no seu entorno oferece não os encanta mais.

De acordo com Tufte (2011), os jovens são considerados a geração de indivíduos inovadores, criativos, de profundo envolvimento e apropriação com as mídias e as tecnologias de informação e comunicação, tanto para entretenimento, quanto para informação, contatos sociais, mobilização e dividir conhecimento. São indivíduos que hoje desempenham um importante papel na sociedade como consumidores de produtos culturais, como atores



mediáticos e como personagem principal nos processos de mudança social. As novas gerações têm oportunidade de interagir com uma cultura midiática que lhes oportuniza aproximá-lo a linguagens sofisticadas por meio do audiovisual e, principalmente, da interatividade e da mobilidade. O cotidiano de muitos adolescentes hoje é permeado por longas horas de interação com conteúdo advindo de uma ou mais telas, e esses sujeitos geralmente estão em contato com outros por meio da internet e de outras telas.

#### **4.5 A fotografia como expressão fotográfica**

No início do século XX, a fotografia no mundo era uma atividade pouco explorada. Inicialmente o “retratista”, como era denominado, era considerado um artista, indivíduo especial, que podia realizar o registro de momentos únicos e relevantes. Com respeitável papel na sociedade, poucos tinham acesso ao seu trabalho, devido ao alto valor e a raridade de seu produto. Neste período, a fotografia representava um acontecimento de elevada importância.

O ato de registrar imagens ainda era algo trabalhoso e demorado, que exigia técnica, capital, equipamento e conhecimento de química por parte dos fotógrafos - eram poucos os que podiam trabalhar neste novo ramo. Conforme Costa (2004), a fotografia no Brasil começou a tomar forma no período pós-guerra, quando foi desenvolvido o movimento fotoclubista que se centrou no Rio de Janeiro e posteriormente migrou para São Paulo. Foi aí que o movimento ganhou força para que chegasse ao seu maior desenvolvimento, possibilitando uma disseminação social. Neste período predominava a preocupação com as composições, com valorização do retângulo áureo e das regras clássicas da boa composição da fotografia.

Diante dos sofisticados aparatos tecnológicos, a fotografia avançou muito com o desenvolvimento da cultura da mídia digital. Foi a partir dos anos de 1920 e 1930 que os sistemas de impressão e a criação de câmeras leves e portáteis se desenvolveram, disseminando assim a fotografia como um novo meio de comunicação e representação (SALKELD, 2014).

A popularização da fotografia se deu a partir da câmera Kodak Brownie. No final do século XX, a fotografia analógica havia se tornado popular e ocupava um espaço único na sociedade e nas mídias. Os equipamentos evoluíram, as residências passaram a ser abastecidas por computadores e telefones sem fio. Com meios de transporte e comunicação cada vez mais rápidos, tanta tecnologia surgiu que a própria fotografia começou a se tornar obsoleta. E após

quase um século de hegemonia do modo analógico, a fotografia digital surgiu, e começou a se popularizar nas décadas de 1990 e 2000.

De acordo com Sougez (2001), a fotografia é “a arte de fixar e reproduzir por meio de reações químicas, em superfícies convenientemente preparadas, as imagens obtidas em câmara escura”. Era assim que a fotografia era vista em seu princípio, por meados da década de 40, apenas na forma palpável, sem possibilidades de saber como a foto ficaria antes de sua revelação. Por mais que a era digital invadiu o momento analógico, diversas técnicas continuam sendo exploradas, pois representam fundamentos que a história transmitiu para que possibilitasse a evolução que encontramos hoje. Tudo que a fotografia nos traz quando a visualizamos, revivendo o passado, nos dá uma condição de presente. Ela talvez seja o único modo de vencermos o tempo e revivermos emoções. Felizardo (2011, p. 205) revela que “a fotografia apresenta de modo geral uma característica muito peculiar: ela é plural em diversos aspectos, particularmente, na captação, na distribuição e nos múltiplos procedimentos ao longo do seu processo de criação”.

A fotografia vem sendo um importante contribuinte e auxiliar na compreensão e descrição dos elementos estudados nas mais variadas áreas, atraindo assim um grande interesse por profissionais de áreas distintas das ciências humanas, pois além de ser utilizada como um instrumento de expressão artística, torna-se meio de conhecimento, análise e reflexão.

Os documentos fotográficos são constituídos por um conjunto de imagens, que se formam em narrativas, revelando um sentido, então a função das imagens é dar o sentido ao conjunto. As imagens que são consideradas centrais, que definem e apresentam o elemento do estudo, são agrupadas, para assim definir o fenômeno. Facilitando o entendimento e as descrições do objeto estudado (GURAN, 2013).

Nos conteúdos dos documentos fotográficos se agregam e se mesclam informações e interpretações: culturais, técnicas, estéticas, ideológicas e de outras naturezas, que se acham codificadas nas imagens. Essas interpretações e/ou intenções são gestadas (antes, durante e após a produção da representação) em função das finalidades a que se destinam, as fotografias refletem a mentalidade de seus criadores. (Kossoy, 2007, p. 153).

Cartier-Bresson (2004, p. 19) ressalta a importância de um registro e a responsabilidade incumbida a um fotógrafo. Entende-se a necessidade de ser um profissional com sensibilidade, ou seja, ter exatidão para que uma determinada imagem represente a importância de um determinado local, sem que passe despercebido diante das lentes e do indivíduo. Sua importância está constatada no fato de que “de todos os meios de expressão, a

fotografia é o único que fixa um momento preciso. Nós jogamos com coisas que desaparecem, e quando desaparecerem, é impossível fazê-las reviver”.

O uso da fotografia vem sendo uma ferramenta de substituição à utilização de teoria, por ela ser muitas vezes mais explicativa que palavras. Esta é uma maneira de propagar ideologias mantendo assim a preservação da memória através de determinados fatos e acontecimentos de épocas atuais ou passadas, bem como espaços geográficos, auxiliando em fontes de pesquisa para estudos futuros de todos os tipos.

Segundo Collier (1973), a máquina fotográfica é uma ferramenta auxiliar na percepção das limitações visuais do indivíduo, podendo assim aprimorar a sensibilidade humana. Desta forma a fotografia é um espelho da realidade, uma linguagem não-verbal interpretada da forma que o indivíduo pensa e se comunica fotograficamente. Para Camargo (1999), a fotografia possui uma maneira própria de transmissão das informações, possuindo uma incrível capacidade de captação e preservação. Assim, conclui-se que as imagens fotográficas possuem características visuais particulares.

Conforme Ferrara (1988), os textos não-verbais são signos fragmentados e não descontínuos, que não podem de maneira alguma substituir o verbal, mas da mesma forma se interligam. Ou seja, o visual, sonoro, tátil, olfativo e outros códigos se tornam explicativos por si próprios dispensando na maioria das vezes palavras e frases. Tomando o urbano como exemplo, Ferrara chama atenção para o não verbal que marca os espaços:

Elaborar o contexto e o usuário como entidades sociais, econômicas e culturais ao mesmo tempo supõe apreender o espaço como lugar. Inversamente, apreender o espaço como um dado, ou seja, sem contextualizá-lo processualmente, significa apreender o contexto como um lugar onde se agrupam ou se somam espaços. Os textos não-verbais grafados no espaço urbano não só o preenchem mas constituem marcas, sinais, pontos de referência que garantem um trânsito informacional da cidade com o usuário e criam, produzem, contextualmente, os lugares, os “pedaços”urbanos. Avenidas, bairros, ruas, zonas, quarteirões. Os textos não-verbais qualificam as peculiaridades da cidade e, com isso, as identificam. (FERRARA, 1988, p. 14).

O autor ainda identifica a leitura não-verbal como a leitura fotográfica, ou seja, a leitura do espaço em um ritmo acelerado e simultâneo. Assim como para Flusser (2002), que afirma que atualmente os textos estão cada vez mais imaginativos e as imagens, conceituais.

Os textos não significam o mundo diretamente, mas através de imagens rasgadas. Os conceitos não significam fenômenos, significam ideias. Decifrar textos é descobrir as imagens significadas pelos conceitos. A função dos textos é explicar imagens, a dos conceitos é analisar cenas. Em outros termos: a escrita é metacódigo da imagem. (FLUSSER, 2002, p. 10).

As características da fotografia se transformaram a partir do momento em que a tecnologia digital surgiu. Hoje a fotografia pessoal inovou: a maioria dos indivíduos possuem uma câmera, ou um celular com uma câmera fotográfica, conectado ao seu corpo. Toda essa conveniência, velocidade, sofisticação e flexibilidade da tecnologia digital facilita a publicação de imagens de uma forma instantânea através das redes sociais, possibilitando uma diversidade e espontaneidade maior da representação da vida social. Assim a forma de capturar apenas os momentos especiais alterou-se e os momentos diários casuais tornaram-se motivos de serem fotografados, e instantaneamente divulgados, exposto ou publicados em rede (SALKELD, 2014).

Pode-se observar então, que as novas tendências sociais contemporâneas seguem um novo ritmo, com a explosão das tecnologias. Os jovens estão sempre conectados, com aparelhos cada vez mais leves e sofisticados. Sendo assim, o próximo subcapítulo aborda essas questões, fundamentais para compreender como o jovem se relaciona com as tecnologias mais recentes.

#### **4.6 A popularização do telefone celular como múltiplas tarefas**

Com o avanço das tecnologias, os aparelhos de telefonia móvel tornam-se cada dia mais sofisticados e, ao mesmo tempo, descartados com mais rapidez pelos usuários. Com a convergência das mídias, os aparelhos celulares tornaram-se servidores eletrônicos, atraindo consumidores de todas as idades. Para atender essa evolução tecnológica, os meios de comunicação e as indústrias lançam a todo momento modelos mais recentes, com tecnologias mais avançadas, instigando o consumo dos novos e, automaticamente, o descarte dos antigos aparelhos. São estratégias lançadas para que o consumidor se sinta ultrapassado, causando um consumo desenfreado pelos produtos mais modernos (CASTRO, 2007).

Conforme Lemos (2005), o uso do celular se tornou uma convergência digital radical, pois além de se comunicar, o indivíduo pode assistir televisão, pagar contas, se comunicar por SMS, fotografar, ouvir música, frequentar eventos, organizar mobilizações políticas, visualizar e-mails, atualizar sites e etc. Seu uso tem vários propósitos, principalmente a necessidade de mobilidade e de contato permanente que atrai os consumidores a adquirirem cada vez aparelhos mais sofisticados, mais leves, versáteis e personalizados. Por ser o meio de comunicação mais usado no mundo, segundo Erthal (2007), as percepções e o poder de ação do homem aumentaram ao ter esse aparelho como uma extensão do corpo, potencializando e ampliando a conectividade em tempo real, de uma forma instantânea em qualquer lugar do

mundo. Na contemporaneidade, ele é considerado um meio de comunicação que assume um *status* de múltiplas tarefas, por interferir no comportamento do indivíduo e por ser uma forma de representação da identidade individual.

Segundo Ling (2004 *apud* Silva, 2015), a formação da identidade e o senso de auto estima acontecem no período da adolescência, e os aparelhos móveis tornaram-se presentes e fundamentais no dia-a-dia do jovem, favorecendo no processo de emancipação. Nesse sentido, o aparelho telefônico é de extrema importância para os jovens, principalmente por eles atuarem em um grupo de indivíduos.

O celular é mais que um simples telefone, hoje ele é uma tecnologia de comunicação reunindo diversas funções como de computador, máquina fotográfica, câmera de vídeo, GPS, entre outras, sendo portátil e podendo se conectar de qualquer lugar e em qualquer espaço físico com a possibilidade de trocar informações por diversas redes, ou seja, ele tornou-se um Dispositivo Híbrido Móvel de Conexão Multirredes (DHMCM). Esses fatores fazem com que qualquer indivíduo que possui um DHMCM tem a possibilidade de produzir conteúdo, fazer vídeos e fotos de uma forma imediata, distribuindo e consumindo através das redes sociais, tornando-se muitas vezes testemunhos de situações trágicas, de acidentes, eventos do cotidiano, de momentos felizes, enfim, a facilidade e a portabilidade que esses aparelhos oferecem ao indivíduo fazem com que eles estejam ubíquos e conectados o tempo inteiro para criar e distribuir imagens ( LEMOS, 2007).

Diante disso, a fotografia nos últimos anos também se modificou. O processo de impressão, o filme fotográfico e os químicos de revelação foram substituídos pelo computador, por programas de edição, pela impressora e pela conexão em rede. Antes o que passava por um processo físico-químico hoje é um conjunto de pixels. Perante às infinitas possibilidades que os aparelhos tecnológicos oferecem, a facilidade de criar e recriar imagens tornou-se comum e corriqueiro, principalmente se a câmera fotográfica está no aparelho celular. Alguns indivíduos fotografam os momentos cotidianos de uma forma compulsiva, muitas vezes sem pensar no que se está fotografando, simplesmente fotografa por fotografar ou por se tratar de uma necessidade de afirmar a sua identidade diante as redes sociais (CLARO, 2012).

A diferença crucial das câmeras portáteis para os celulares com câmeras é a portabilidade, a mobilidade, a conexão e disseminação em rede em tempo real, além do enquadramento de acordo com o tipo de dispositivo, criando uma estética particular diferenciada das imagens. A fotografia tradicional tem como objetivo destacar o indivíduo, em sua particularidade, em momentos familiares, festivos e formais, ou seja, as formas

subjetivas da modernidade através de arquivos, impressões de fotografias e álbuns, tornando-se um meio de memorização social basicamente familiar. Hoje, os mais recentes aparelhos tecnológicos são carregados pela subjetividade pós-moderna, devido à disseminação massiva de fotografias e vídeos nas redes sociais. A rápida circulação das imagens faz com que o indivíduo fotografe rapidamente qualquer coisa, publique em tempo real para ser vista por grupos de amigos e imediatamente ser descartada, basicamente com o propósito de socializar. Nesse sentido, a fotografia vem apresentando novas funções para o indivíduo, o objetivo que antes era de registrar para arquivar em um dispositivo, imprimir e guardar como memória tornou-se esquecido. A finalidade hoje se dá pela circulação na rede, o envio rápido e imediato, como forma de sociabilidade e não mais de memorização. Devido à emissão e a conexão, a fotografia e o vídeo vem apresentando uma nova dimensão para a sociedade, ela passa a ser configurada como ferramenta de comunicação interpessoal, ressaltando a ideia de que a imagem exibida possa atingir um grupo de pessoas e não para a sociedade em geral (LEMOS, 2007).

Os DHMCM agem como artefatos para suporte de sociabilidade, de formas de “estar junto”, típicos das formas sociais que surgiram com as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) e as redes telemáticas. As intenções estão mais próximas do captar a “magia” do presente e como desejo de expressão individual. Busca-se captar o imprevisível da banalidade do sujeito ou das relações cotidianas, ver, apagar, circular, conectar, lançar uma comunicação que se constitui mais pela forma (formante) do que pelo conteúdo. É por isso que a qualidade pouco importa. Não se quer a pose bem enquadrada ou uma qualidade fotográfica ou videográfica superior. O que conta é o momento presente e sua circulação. Menos resolução poderia até ser mais interessante já que revelaria “a vida como ela é”. (LEMOS, 2007, p. 35).

Conforme Claro (2012), o hibridismo é uma característica das imagens digitais, e o texto, som ou imagem, quando estão em condição virtual se tornam informação. No momento que essa informação passa a ser lida por meio de dispositivos, o indivíduo interage e interfere ainda mais nas imagens, criando uma identidade social por meio da fotografia. A importância de mostrar a sua existência e de estar em evidência por meio dos bens simbólicos nos grupos das redes sociais tornou-se notícia, fazendo com que as atualizações em tempo real seja ainda mais rápida.

O celular tem uma função subjetiva na vida do indivíduo, ele representa fragmentos da vida cotidiana, a heterogeneidade dos atores em suas relações sociais através de imagens na qual interage com o mundo.

A velocidade com que as novas gerações absorvem o uso das mais recentes tecnologias de informação e comunicação é percebida diariamente. Segundo os dados do

Censo de 2010, a posse de celular pelos jovens brasileiros se tornou prioridade: 89% dos jovens possuem celulares, ou seja, 9 em cada dez jovens, e apenas 9% da população jovem não o possui. O principal uso do celular pelos jovens é a comunicação, por chamadas ou mensagem de texto, mas o seu uso se destaca cada dia mais em buscar informações na internet e conectar-se a redes sociais, bem como a usar o aparelho para fotografar, filmar e ouvir música.

Os jovens contemporâneos estão envolvidos diariamente por novas práticas de comunicação e de consumo, sofisticados aparatos tecnológicos e uma gama de dispositivos portáteis multifuncionais funcionam como próteses sensoriais, cognitivas e identitárias invadindo e delineando a vida dos jovens - conhecidos agora como *screenagers*, que quer dizer *screen*(tela) e *teenager*(adolescente). São jovens que passam longas horas envolvidos com conteúdos midiáticos através da internet de uma ou mais telas (CASTRO, 2012).

#### **4.7 As representações identitárias nas manifestações juvenis**

A cultura juvenil vem despertando atenção desde os anos 50 até os dias de hoje. O estudo da juventude no Brasil se tornou o centro de grandes discussões e investigações por pesquisadores devido às grandes transformações ocorridas no pós-guerra. Conforme a seção anterior, as transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas sofreram significativas transformações na sociedade nas últimas décadas. Para Brandão (1992), a sociedade tornou-se mais complexa e os jovens ocuparam um espaço nunca visto antes, um espaço de lutas, conflitos, de paz, de rebeldia, de rupturas, de conquistas etc. Enfim, os jovens queriam ocupar o seu espaço fora dos padrões estabelecidos pela sociedade, mais contemporâneo, de paz e amor.

Mas foi nos anos 80, segundo Abramo (1994), que os jovens sofreram com a crise na economia, enfraquecendo as possíveis chances de ter uma carreira profissional promissora, uma vida boa com direito a diversão, lazer e consumo. E nesse mesmo instante, os jovens passam a ter uma nova configuração devido à crise do ambiente universitário, e pelo enfraquecimento pela busca de uma cultura alternativa que se opõe ao sistema, além da procura dos jovens das camadas populares por uma vida rodeada de lazer ligado à indústria cultural, surgindo assim os novos personagens juvenis com uma característica diferente, sendo mais estilizados. Dessa forma o autor ressalta,

São fenômenos que se desenrolam justamente no cruzamento dos campos do lazer, do consumo, da mídia, da criação cultural e lidam com uma série de questões relativas às necessidades juvenis desse momento. Entre elas, a necessidade de construir uma identidade em meio à intensa complexidade e fragmentação do meio urbano, e que se reflete no peso sinalizador e na velocidade das modas; a necessidade de situar-se frente à enxurrada de informações veiculadas pelos meios de comunicação; a necessidade de encontrar espaços de vivência e diversão num meio urbano modernizado mas ainda pobre de opções e segregacionista, adverso aos jovens com baixo poder aquisitivo; e a necessidade de elaborar a experiência da crise, com as dificuldades de articular perspectivas de futuro para si próprios e para a sociedade. (ABRAMO, 1994, p. 82-83).

Dessa forma, conforme o autor, muitos grupos juvenis constroem o seu próprio estilo de se comunicar, de ouvir música, de se vestir, criando seus bens culturais e selecionando o ambiente de diversão e atuação, tentando escapar de padrões estabelecidos pela sociedade e pela indústria da moda. É através dessas criações que esses grupos se posicionam e se movimentam no mundo, expressando o uso de artigos de consumo e outros objetos que fazem parte das identidades sociais por meio das imagens. No Brasil, o movimento punk transformou-se em um fenômeno de massa, foi um dos primeiros grupos juvenis a surgir no espaço urbano, agindo e manifestando suas ações de uma forma diferente, rompendo com os padrões arcaicos da sociedade e assim incentivando outros grupos juvenis a expressar suas diferentes identidades no espaço social.

Devido ao grande movimento das culturas juvenis contemporâneas, diz Canevacci (2005), as identidades não são consideradas únicas, iguais, compactas e que seguem um sistema contínuo e linear. Para Gumes (2003), as diferentes fases históricas dos grupos juvenis, comprovam que os jovens possuem identidades distintas: delinquente juvenil, *beatnik*, *hippie*, *punk*, *yuppie*, comunistas, *hip hop*, *clubber*, antiglobalizante, em um processo permanente de aproximação, distanciamento ou reconstrução.

Segundo Britto (1968), os jovens possuem a necessidade de se identificarem com certos ideais, a fim de superar sua agitação e satisfazê-la. Sua necessidade de força faz com que as obtenham por meio de imagens, por meio de símbolos, nos modelos, ou nos ídolos os quais os seguem ou para os quais são direcionados.

A identidade tornou-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2001, p. 13).



De acordo com Jesus Martin-Barbero (2008), hoje a sociedade moderna considera as identidades individuais e coletivas como instável e fragmentada em relação à subjetividade, ou seja, oscilam de acordo com o fluxo de referentes e interpretações, sendo considerada como algo frágil, sem centro e em mobilidade contínua. E para os jovens, a relação social é percebida e assumida de uma forma sensível, e muitas vezes se expressam por meio da comunicação corporal, pelo modo de se vestir, por meio das tatuagens, por manter o corpo de acordo com os padrões da sociedade, pela moda e pelos meios de comunicação. As novas gerações estão envolvidas em um espaço imaginário e emocional, mas a casa e a escola tratam e percebem esse jovem pelo *princípio de realidade*, expulsando esse jovem pela sua sensibilidade. Nesse sentido, muitos jovens rejeitam à sociedade e se unem transitando em grupos, tribos, pares, bandos, turmas, guetos e seitas e muitas vezes consumindo drogas causando uma sensação do estar fora de si e do seu eu interior.

Uma influência marcante na formação da identidade juvenil é o consumismo cultural, caracterizada pela socialização, mídiatização e estetização constituindo as práticas sociais de acordo com a concepção de mundo e de tempo.

Uma noção de identidade juvenil percebida por meio da experimentação do consumo cultural e da concepção de mundo e de tempo está fortemente marcada pelo uso do consumo como significativo instrumento na formação de uma identidade da categoria conceitual de juventude feita e realizada pelos seus agentes que com ela se identificam. A noção de que a percepção e a prática do consumo, no cotidiano, estão hoje marcadas por um regime de organização que se caracteriza pela constituição socializadora, mídiatizada e estetizada é parte constituinte das práticas sociais desses jovens, que se percebem como parte integrante de um grande sistema hierarquizado de relações sociais. (LARA, 2008, p. 135).

Para Ronsini (2007), a experiência social, o conjunto disponível ou desejado que está exposto conforme a circunstância e a conveniência, formam o processo da identidade que se faz individual e coletivamente, além das identidades contemporâneas formadas pelas mais recentes tecnologias.

Conforme Jesus Martin-Barbero (apud Tufte, 2010), hoje o jovem é visto como ator social e agente de mudança, ou seja, considerado como um grupo social independente. Portanto, o agir se tornou uma oportunidade, no qual experimentam mudanças profundas na sociedade. Para o autor, a juventude experiencia as transformações de cada época em seu próprio corpo, sem depender de cunho religioso, filosófico e muito menos político. Em nenhum momento histórico, o jovem conquistou o seu espaço como ator social como nos dias de hoje. Em uma era de constantes mudanças, de transformações globais, ideologias

fragmentadas e ciclos e trajetórias de vida em movimento, a juventude vem sendo capaz de negociar suas próprias vidas em uma realidade global/local.

## **5 CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES EM ESTUDO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O capítulo que segue realizará a caracterização da região de abrangência do estudo, que é o Vale do Rio Pardo, com enfoque para os municípios de residência dos jovens entrevistados pela pesquisa. Posteriormente, explica-se o processo metodológico da pesquisa, apresentando as técnicas e interpretações dos dados coletados, com ênfase no pressuposto metodológico.

### **5.1 Caracterização da região do COREDE do Vale do Rio Pardo**

O recorte espacial da pesquisa é a região correspondente ao Vale do Rio Pardo, estipulada pelo Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE), e serão caracterizados alguns dos municípios dessa região - Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Vera Cruz, Vale do Sol, Herveiras e Passo do Sobrado - onde residem os jovens selecionados para a pesquisa. Serão apresentados dados históricos, geográficos e demográficos referentes à população, com enfoque na população jovem de 15 a 18 anos. A escala da apresentação dos dados será a municipal, com adição de alguns dados regionais e nacionais. Os dados estatísticos<sup>1</sup> foram obtidos e sistematizados a partir dos bancos de dados do IBGE (2010), da FEE(2010) e do Atlas, disponibilizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Importante evidenciar que os municípios de Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Vera Cruz, Vale do Sol, Herveiras e Passo do Sobrado, aqui pesquisados, são os locais de residência declarados pelos jovens participantes da pesquisa.

A pesquisa empírica buscou os jovens entrevistados em duas escolas, sendo uma delas de caráter privado e a outra comunitária. Os nomes das escolas participantes não foi divulgado por opção da autora do estudo, sendo que uma das escolas preferiu não ser identificada, enquanto a outra não se opôs a isso. Apesar dos jovens frequentarem as aulas nestas duas escolas localizadas na zona urbana de Santa Cruz do Sul, parte deles possui residência em outros municípios, já citados anteriormente.

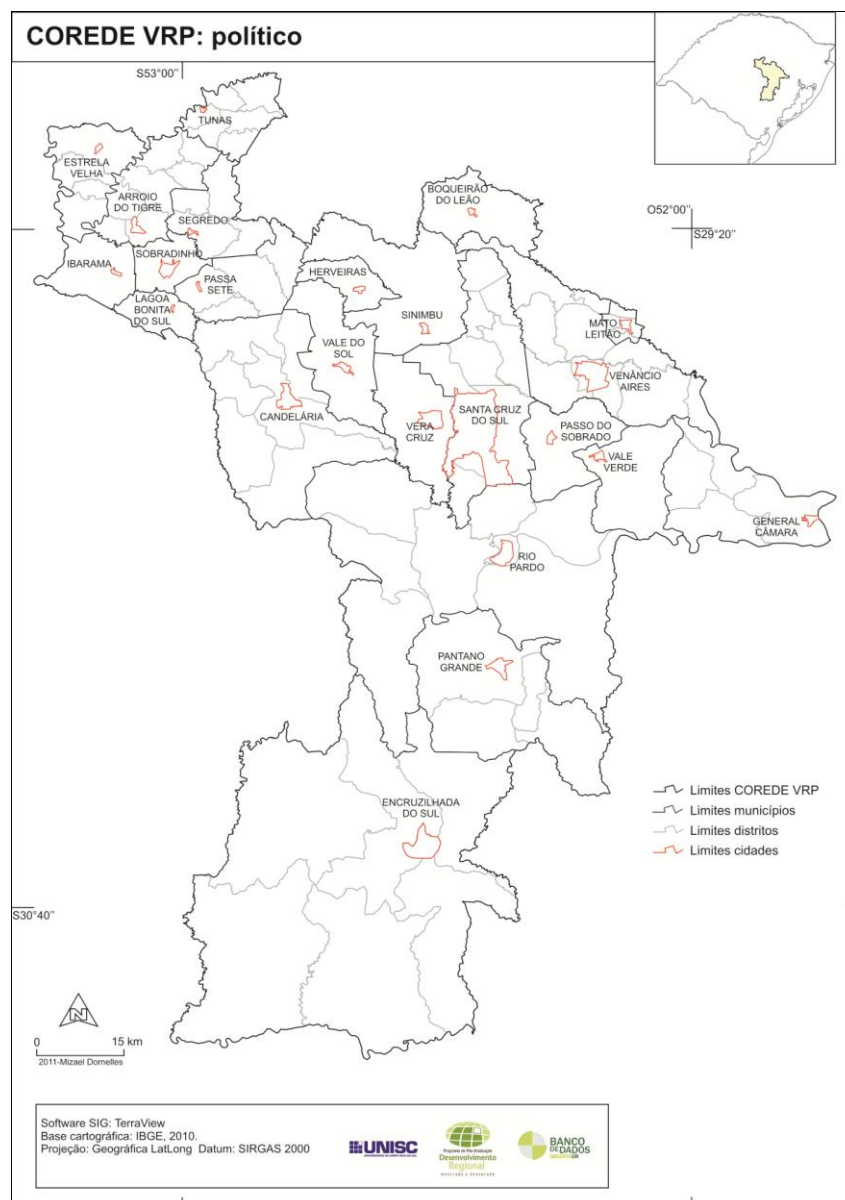
No caso da instituição privada, quatro alunos participantes eram residentes da zona urbana e um aluno era residente na zona rural do município de Santa Cruz do Sul.

---

<sup>1</sup> A disponibilização dos dados estatísticos secundários varia de acordo com a plataforma que os disponibiliza, desta forma alguns dados secundários já estão previamente agrupados em faixas etárias definidas. Apesar do presente estudo compreender a faixa etária de 15 a 18 anos, alguns dados analisados e utilizados compreenderam um recorte etário maior, justamente devido a fonte dos dados estatísticos secundários, que os disponibilizaram dessa forma.

Diferentemente do colégio comunitário, onde a grande maioria dos alunos é residente em outros municípios. Por ser uma escola rural, ela tem abrangência regional, visto que este tipo de instituição é raro na região. Enquanto as escolas tradicionais existem em maior número e são distribuídas por bairro ou localidade rural para atender à população do seu entorno. Por estes atributos, este colégio comunitário é adepto da chamada de “Pedagogia da Alternância”, proposta de educação que intercala um período de convivência na sala de aula com outro período no campo, com intuito de diminuir a evasão escolar em áreas rurais. Desta forma, os alunos desta escola alternam entre períodos em que eles estudam e residem na própria escola, com períodos que eles retornam à suas casas, junto de suas famílias no meio rural.

**Mapa 01 – Região do COREDE do Vale do Rio Pardo**



Fonte: ObservaDr UNISC.

A presente pesquisa tem enfoque regional, porém, para caracterização das territorialidades e da identidade dos jovens pesquisados é necessário reconhecer o seu local, seu cotidiano e vivências no território de origem.

O Corede<sup>2</sup> do Vale do Rio Pardo é uma região que leva o nome do afluente do rio Jacuí, que banha grande parte dos municípios da região e está situada na porção centro-oriental do estado do Rio Grande do Sul. A região do Corede do Vale do Rio Pardo<sup>3</sup> é formada por vinte e três municípios: Arroio do Tigre, Boqueirão do Leão, Candelária, Encruzilhada do Sul, Estrela Velha, General Câmara, Herveiras, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Mato Leitão, Pântano Grande, Passa Sete, Passo do Sobrado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Segredo, Sinimbu, Sobradinho, Tunas, Vale do Sol, Vale Verde, Venâncio Aires e Vera Cruz.

O primeiro município a ser fundado na região foi Rio Pardo, em 1779, o que aconteceu em decorrência da formação da fortaleza de Jesus Maria José, próxima do encontro do Rio Pardo e Jacuí. Com a assinatura do Tratado de Madrid em 1750, a área – antes posse de espanhóis e berço de tribos de Tupis Guaranis - passou a ser povoada e ocupada por portugueses, que depois trouxeram os escravos africanos e os jesuítas (KARNOPP, 2003).

A região teve sua ocupação intensificada na segunda metade do século XIX, a partir da implantação das novas colônias de migrantes europeus nas regiões dos Vales (Pardo e Taquari) e da Serra Gaúcha. Assim, destaca-se também o município de Rio Pardo, localizado na porção sul da região, como a base territorial administrativa originária de todos os demais municípios. (SILVEIRA E CAMPOS, 2012, p. 205)

A partir da criação da colônia de Santa Cruz, em 19 de dezembro de 1849, os colonos alemães foram se apropriando de áreas que compreendem o Vale do Rio Pardo, na região da depressão central e as encostas do planalto, originando novas colônias, tanto oficiais como particulares, ocupadas principalmente por imigrantes europeus ou descendentes (ROCHE, 1969).

Vogt (2006) nos conta que os primeiros colonos alemães se especializaram na produção do tabaco na região, pois o transporte era fácil devido a forma de acondicionamento, e possuía bom preço e rendimentos, se comparado ao obtido com outros produtos como milho, feijão, batata e banha. A produção do fumo, como é popularmente

---

<sup>2</sup>Segundo SCP – DEPLAN (2006), os Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDES), são divisões de planejamento para desenvolvimento local, ocorre um estudo das especificidades, discussão e preposição de alternativas, que são relacionadas com a economia e atores das regiões estudadas e planejadas.

<sup>3</sup>O Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) do Vale do Rio Pardo, localizado na Região Funcional de Planejamento 2 do estado do Rio Grande do Sul, foi criado em 1991.

chamado o tabaco na região, foi uma das principais alternativas econômicas da região, superando a concorrência com as demais colônias para o comércio de produtos na capital.

A região povoada pelos imigrantes e descendentes alemães deu origem a vários municípios na parte mais central do Vale do Rio Pardo e influenciou fortemente nos traços culturais da população de Santa Cruz do Sul, Candelária, Vale do Sol, Vera Cruz, Passo do Sobrado, Vale Verde e Sinimbu. A busca por novas terras fez com que os colonos de origem teuta subissem a encosta da serra, terminando por encontrar-se com os habitantes de origem luso-brasileira e italiana. A região setentrional do Vale do Rio Pardo teve boa parte de suas terras ocupadas por descendentes de italianos. A procura por novas terras também determinou que levas de colonos de origem italiana constituíssem um importante fluxo migratório das regiões de ocupação pioneira do RS em direção a esse espaço. Assim, nos municípios de Boqueirão do Leão, Gramado Xavier, Ibarama, Sobradinho e Arroio do Tigre, apesar da presença de outras origens étnicas, predomina a população de procedência italiana. Tunas, Lagoão, Herveiras e Barros Cassal, apesar de se localizarem no norte do VRP, têm na população de origem luso-brasileira a maioria de seus habitantes. Já na parte meridional do VRP, ou seja, nos municípios de Encruzilhada do Sul, Rio Pardo, Pantano Grande e General Câmara, houve uma forte ligação histórica com a conquista do território, o latifúndio, a criação extensiva do gado, a escravidão e a herança cultural deixada pelos antepassados. (COREDE - VALE DO RIO PARDO, 1998, p. 18)

A região foi aos poucos sendo ocupada pelos agricultores e familiares descendentes, principalmente de alemães. Essa base cultural étnica diversificada auxiliou na criação de um patrimônio cultural, arquitetônico e gastronômico muito rico e diversificado.

A região do Vale do Rio Pardo pode ser dividida em três sub-regiões, a partir das suas características socioculturais, políticas e econômicas.

O norte, caracteristicamente uma área de predomínio da pequena propriedade, com uma população constituída por descendentes de alemães, italianos e luso-brasileiros, e com sérios problemas no tocante a alternativas econômicas que agreguem valor à produção do minifúndio; o centro, constituído, pela sub-região do pólo industrial-comercial de Santa Cruz do Sul e cidades vizinhas, como Venâncio Aires e Vera Cruz; e o sul, representado pela área abrangida pelas médias e grandes propriedades, com um predomínio das atividades agropastoris, principalmente dedicadas à pecuária e a rizicultura, e com uma pequena densidade demográfica nas áreas rurais, típica de regiões de latifúndios. (KLARMANN, 1999, p. 147)

Os municípios da abrangência do presente estudo se emanciparam de Santa Cruz do Sul. Sinimbu, em 1992, Vera Cruz, em 1959, Vale do Sol, em 1991, Herveiras, em 1995, e Passo do Sobrado, em 1992, sendo que Santa Cruz do Sul, por sua vez, se emancipou em 1878 de Rio Pardo. Pode-se observar que a emancipação desses pequenos municípios foi bastante recente, tendo a maioria ocorrido após 1990.

Segundo a FEE (2015), Santa Cruz do Sul polariza boa parte dos municípios da região, mas a Região Metropolitana de Porto Alegre influência bastante devido à sua proximidade.

A região do Vale do Rio Pardo (...) é um exemplo de região em que horizontalidades e verticalidades se evidenciam. Nela encontra-se um conjunto de características, especificidades e contingências que lhe conferem particularidade no âmbito da integração vertical do território brasileiro com a economia globalizada, ao mesmo tempo em que se revelam argumentos das práticas sócio espaciais alinhadas a sua formação territorial. (SILVEIRA E CAMPOS, 2012, p. 206)

Em 2010, o Vale do Rio Pardo possuía uma população de 418.141 habitantes, sendo o sexto mais populoso COREDE do Estado. Desse total, aproximadamente 63% residem em áreas urbanas, e 37%, em áreas rurais. O principal centro urbano é Santa Cruz do Sul, com uma população de 118.374 habitantes, o segundo é a Venâncio Aires, com 65.945 habitantes. Os demais dividem-se em um grupo com população entre 10 e 50 mil (como é o caso de Sinimbu, Vale do Sol e Vera Cruz) e outro com população inferior a 10 mil habitantes (como é caso de Herveiras e Passo do Sobrado (IBGE, 2010).

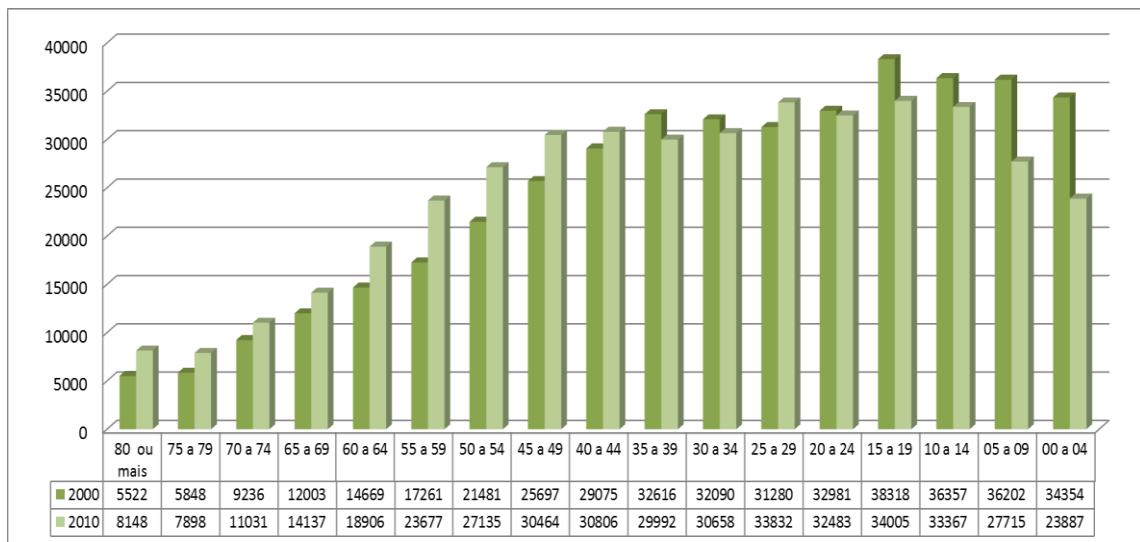
**Tabela 01 - Dados demográficos dos municípios abrangentes do estudo e Região do Vale do Rio Pardo (2010).**

<b>Uni. Territorial</b>	<b>Pop. Total</b>	<b>Pop. Urbana</b>	<b>Tx. Urb.</b>	<b>Pop. Rural</b>	<b>Tx. Rur.</b>	<b>Dens. Demo.</b>
Herveiras	2954	384	13,00%	2570	87,00%	25 hab/km <sup>2</sup>
Passo do Sobrado	6011	1429	23,77%	4582	76,23%	23 hab/km <sup>2</sup>
Santa Cruz do Sul	118374	105190	88,86%	13184	11,14%	161 hab/km <sup>2</sup>
Sinimbu	10068	1437	14,27%	8631	85,73%	20 hab/km <sup>2</sup>
Vale do Sol	11077	1249	11,28%	9828	88,72%	33 hab/km <sup>2</sup>
Vera Cruz	23983	13320	55,54%	10663	44,46%	77 hab/km <sup>2</sup>
COREDE VRP	418141	263962	63,13%	154179	36,87%	32 hab/km <sup>2</sup>
Rio Grande do Sul	10693929	9100291	85,10%	1593638	14,90%	40 hab/km <sup>2</sup>

Fontes: Censo Demográfico, 2010. MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos – SINASC. MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM.

Os dados demográficos de 2010 comprovam que na Região do Vale do Rio Pardo a maioria da população vive no meio urbano e evidenciam a densidade demográfica de 32 habitantes por quilômetro quadrado. Dentre municípios que a pesquisa abrange, Herveiras, Passo do Sobrado, Sinimbu e Vale do Sol apresentam uma população rural em maioria, acima de 75% da população. Já os municípios de Vera Cruz e Santa Cruz do Sul possuem maior parte da população vivendo nas áreas urbanas dos municípios, além de maior densidade demográfica.

**Figura 01 – Comparativo da população do Vale do Rio Pardo de 2000 e 2010 por faixa etária**



Fonte: Censos Demográficos do IBGE.

A população do COREDE do Vale do Rio Pardo, segundo dados de 2010, ainda possui a maioria da sua população nas faixas etárias mais jovens, sendo a de 15 a 19 anos a faixa de maior concentração. Porém, no comparativo com o ano de 2000, a população jovem vem diminuindo. Nos dados mais antigos a faixa etária de 15 a 19 anos também era a maior, possuía 38.318 pessoas; já em 2010 ela caiu para 34.005 pessoas. Tal fato se mostra como reflexo da baixa taxa de fecundidade e natalidade - cada vez menos crianças nascem e as famílias estão tendo menos filhos.

Outro fator evidenciado na Figura 01 é o envelhecimento da população. As pessoas estão vivendo mais e esse crescimento fica visível a partir das faixas etárias de 40 a 44 anos, constatando a longevidade populacional.

Segundo estimativa populacional apresentada pela FEE em 2014 e representada na Tabela 02, Herveiras conta com uma população de 2.815 pessoas, Passo do Sobrado possui 6.409 habitantes, Santa Cruz do Sul possui 127.516 habitantes, Sinimbu tem 9.905 habitantes, Vale do Sol possui 11.377 habitantes e Vera Cruz possui 25.373 habitantes.



**Tabela 02 – Estimativa Populacional do municípios abrangentes da pesquisa por faixa etária (2014)**

	Herveiras	Passo do Sobrado	Santa Cruz do Sul	Sinimbu	Vale do Sol	Vera Cruz
<b>80 anos ou mais</b>	53	162	2507	311	261	505
<b>75 a 79 anos</b>	56	158	2240	263	242	513
<b>70 a 74 anos</b>	80	192	3156	377	367	695
<b>65 a 69 anos</b>	110	264	4424	444	477	989
<b>60 a 64 anos</b>	132	358	6146	588	615	1281
<b>55 a 59 anos</b>	149	434	7739	645	663	1430
<b>50 a 54 anos</b>	176	478	8716	665	756	1691
<b>45 a 49 anos</b>	172	499	8944	702	819	1928
<b>40 a 44 anos</b>	213	413	8999	737	882	1917
<b>35 a 39 anos</b>	208	435	9484	695	817	1814
<b>30 a 34 anos</b>	211	516	11188	706	882	2054
<b>25 a 29 anos</b>	174	495	10816	734	785	1956
<b>20 a 24 anos</b>	242	533	10096	731	948	1997
<b>15 a 19 anos</b>	263	474	9542	817	966	2038
<b>10 a 14 anos</b>	210	335	8296	590	820	1685
<b>05 a 09 anos</b>	189	344	7295	513	598	1465
<b>00 a 04 anos</b>	177	319	7928	387	479	1415
<b>Total</b>	2815	6409	127516	9905	11377	25373

Fonte: FEEDADOS

Avaliando a população jovem do agrupamento etário exposto na tabela acima, na faixa de 15 a 19 anos, verifica-se que o município de Santa Cruz do Sul continha 9.542 jovens, sendo a quarta maior faixa etária, representando 7.5% da população total; Vera Cruz possuía 2.038 jovens sendo a segunda maior faixa etária representando 8% da população total; Vale do Sol possuía 966 jovens, sendo a maior faixa etária, representando 8.5% da população total do município; Sinimbu possuía 817 jovens, sendo a maior faixa etária, representando 8.2% da população total; Passo do Sobrado possuía 474 jovens, sendo a sexta maior faixa etária, representando 7.40% da população total e Herveiras possuía 263 jovens, sendo a maior faixa etária, representando 9.3% da população total.

A região do Vale do Rio Pardo tem como base econômica da maioria dos municípios a produção agrícola, em grande parte do cultivo do tabaco, sendo reconhecida inclusive como a principal região produtora de tabaco do Brasil.

Os municípios que mais se destacam economicamente na região são os de Santa Cruz do Sul, Vera Cruz e Venâncio Aires, situados em sua porção central do Vale. O destaque se dá principalmente no setor fumageiro, ganhando expressão no mercado internacional do

tabaco, pois abrigam a produção, comercialização e beneficiamento industrial do tabaco (SILVEIRA; CAMPOS, 2012).

**Tabela 03 – PIB e PIB per capita dos municípios abrangentes do estudo e Região do Vale do Rio Pardo (2012).**

<b>Unidade Territorial</b>	<b>PIB R\$ mil</b>	<b>% do COREDE</b>	<b>PIB per capita</b>
Herveiras	38.446,59	0.36	13.015,09
Passo do Sobrado	107.591,09	1	17.698,81
Santa Cruz do Sul	5.128.333,28	47,62	42.737,18
Sinimbu	141.804,55	1.32	14.114,12
Vale do Sol	192.990,81	1.79	17.299,28
Vera Cruz	469.547,66	4.36	19.252,44
<b>Vale do Rio Pardo</b>	<b>10.769.293,55</b>	<b>100</b>	<b>25.560,48</b>

Fonte: IBGE / FEE

No que se refere ao pessoal ocupado (trabalhadores) na Região do Vale do Rio Pardo em 2013, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), a agropecuária era responsável por 2,7% das ocupações; a Indústria, por 34,3%; e os Serviços, por 63%. Esses dados indicam uma participação maior da Indústria e menor dos Serviços em relação à média estadual. A região do Vale do Rio Pardo apresentou, em 2012, um Produto Interno Bruto (PIB) de aproximadamente R\$ 10,8 bilhões, o que representava 3,9% do total do Estado. O PIB per capita do COREDE do Vale do Rio Pardo era de R\$ 25.560,00, pouco inferior à média estadual (R\$ 25.779,00), o que o colocava na oitava posição entre os 28 COREDEs. O maior PIB per capita do COREDE era de Santa Cruz do Sul, com R\$ 42.737,00.

**Tabela 04 – Estrutura Produtiva dos municípios abrangentes do estudo e Região do Vale do Rio Pardo (2012).**

<b>Unidades Territoriais</b>	<b>Valor Adicionado Bruto (R\$ mil)</b>			
	<b>Total</b>	<b>% Agropecuária</b>	<b>% Indústria</b>	<b>% Serviços</b>
Herveiras	37.711	39.3	6.2	54.5
Passo do Sobrado	102.139	31.4	15.3	53.3
Santa Cruz do Sul	3.972.649	2.4	35.7	61.9
Sinimbu	136.522	32.2	6.8	61
Vale do Sol	186.193	40.2	14.2	45.6
Vera Cruz	427.786	12.6	25.9	61.5
<b>Vale do Rio Pardo</b>	<b>9.200.204</b>	<b>13</b>	<b>29.6</b>	<b>57.4</b>

Fonte: IBGE - FEE

Em 2012, o maior PIB dentre os municípios do Corede do Vale do Rio Pardo também era de Santa Cruz do Sul, com aproximadamente R\$ 5,1 bilhões, o município também respondia por 1,8% do PIB do Estado. O menor PIB da região era de Herveiras, com R\$ 38 milhões, demonstrando inexpressiva dinâmica econômica na região.

Com relação aos setores que compõem o Valor Adicionado Bruto (VAB) do COREDE do Vale do Rio Pardo, a agropecuária possui 13%, a indústria 29,6% e os serviços 57,4%. No VAB da agropecuária, os maiores percentuais dos municípios abrangentes da pesquisa estão em Herveiras, que possui 39,2%, e Vale do Sol, 40,2%; no da Indústria, Santa Cruz do Sul, com 35,7%, e Vera Cruz, 25,9%; e no dos serviços, Santa Cruz do Sul apresenta 61,9 % e Vera Cruz, com 65,9%. O COREDE do Vale do Rio Pardo é responsável por 5,9% do VAB da agropecuária do Estado; 4,5% da indústria; e 3,3% dos serviços.

**Tabela 05 – Valor da Produção do Tabaco em comparação a outras lavouras agrícolas temporárias (%)**

<b>Municípios</b>	<b>1990</b>	<b>2000</b>	<b>2012</b>
Arroio do Tigre	43,34	59,36	74,05
Boqueirão do Leão	72,57	84,73	91,67
Candelária	38,26	53,87	59,76
Encruzilhada do Sul	18,78	10,11	15,07
Estrela Velha	-	22,71	41,27
General Câmara	33,88	46,82	42,16
Herveiras	-	84,45	83,68
Ibarama	69,53	72,84	80,58
Lagoa Bonita do Sul	-	-	85,02
Mato Leitão	-	24,11	41,53
Pantano Grande	-	-	0,12
Passa Sete	-	72,44	85,08
Passo do Sobrado	-	75,52	63,43
Rio Pardo	25,34	30,08	28,21
Santa Cruz do Sul	66,23	59,3	71,34
Segredo	63,72	66,11	77,41
Sinimbu	-	68,23	62,12
Sobradinho	62,04	74,63	80,32
Tunas	43,97	45,03	78,02
Vale Verde	-	30,59	37,99
Vale do Sol	-	67,66	70,74
Venâncio Aires	54,2	60,53	66,43
Vera Cruz	72,92	71,92	79,07
<b>VALE DO RIO PARDO</b>	<b>51,13</b>	<b>56,24</b>	<b>61,52</b>

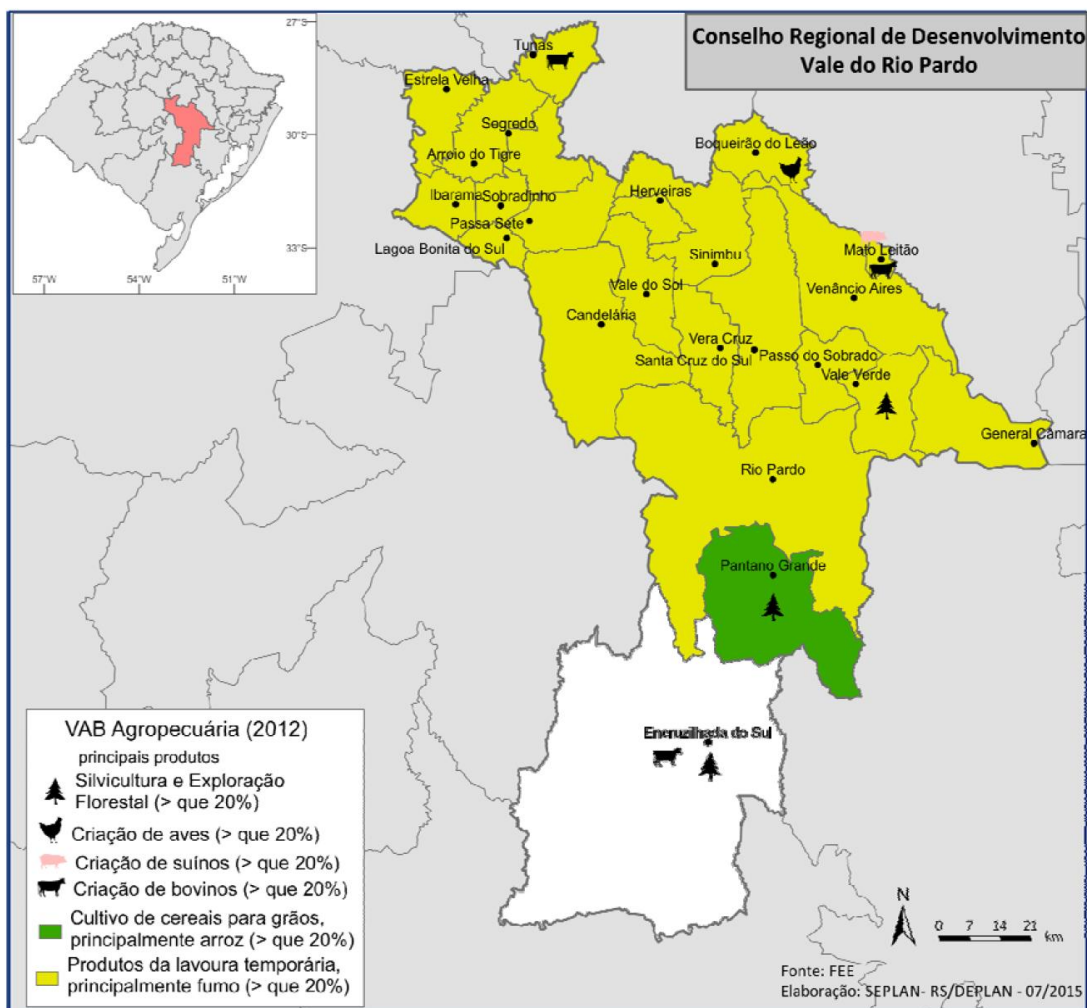
Fonte: IBGE– Produção Agrícola Municipal

Em suma, o Vale do Rio Pardo é dependente de poucas culturas, sendo a produção do fumo a principal delas, devido aos fatos históricos da implantação deste tipo de lavoura, que se mostrou viável economicamente, e devido também ao tamanho das propriedades na região.

Analisando os dados da Tabela 05, pode-se constatar que essa predominância do fumo é realidade na maioria dos municípios da região. Em uma perspectiva histórica com os dados de 1990, 2000 e 2012 percebe-se que o valor da produção do tabaco aumentou quase que na totalidade dos municípios, com exceção de General Câmara que diminuiu de 2000 a 2012. Dos 23 municípios cerca de 12 apresentam um percentual maior que 70%, o que revela uma intensa dependência da produção do tabaco.

Em 2012 Herveiras possuía 83.68% das suas lavouras temporárias produzindo tabaco, Passo do Sobrado, 63.43%, Santa Cruz do Sul, 71.74%, Sinimbu, 80.32%, Vale do Sol, 70.74% e Vera Cruz, 79.07%.

**Mapa 02 – Mapa da VAB da Agropecuária dos municípios do Vale do Rio Pardo (2012)**



Fonte: FEE, 2012.

Segundo os dados sistematizados no mapa da FEE (Mapa 02), ocorre a concentração da produção de fumo no centro-norte da região, que se caracteriza por pequenas cidades. A participação da produção do tabaco em comparação a outras lavouras agrícolas temporárias nos municípios do Vale do Rio Pardo é bem superior. A produção agrícola nessa região é muito significativa, sendo a base econômica de muitos municípios, com exceção de Santa Cruz do Sul, Vera Cruz e Venâncio Aires, onde o setor industrial tem maior representatividade.

O IDHM é o Índice de Desenvolvimento Municipal, parâmetro permite conhecer a realidade socioeconômica de municípios e de uma região. O Índice varia de zero (nenhum desenvolvimento humano) a um (desenvolvimento humano total), e é composta por três dimensões: renda, longevidade e educação. O IDHM Renda é medido pela renda municipal per capita e seu indicador é a soma da renda de todos os residentes, dividida pelo número de pessoas que moram no município. O IDHM Longevidade mostra o número médio de anos que as pessoas viveriam a partir do nascimento, mantidos os mesmos padrões de mortalidade. Já a dimensão do IDHM Educação é derivado de cálculos mais complexos, através da composição de indicadores de escolaridade da população adulta e do fluxo escolar da população jovem, acompanhando a população em idade escolar em quatro momentos importantes da sua formação, resultando em um valor médio.

**Tabela 06– Índices de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM (2010)**

<b>Unidade Territorial</b>	<b>IDHM</b>	<b>IDHM Renda</b>	<b>IDHM Longevidade</b>	<b>IDHM Educação</b>
Herveiras	0.616	0.67	0.792	0.441
Passo do Sobrado	0.698	0.726	0.851	0.551
Santa Cruz do Sul	0.773	0.782	0.852	0.693
Sinimbu	0.631	0.697	0.792	0.456
Vale do Sol	0.624	0.681	0.813	0.439
Vera Cruz	0.737	0.738	0.842	0.643
<b>COREDE VRP</b>	<b>0.68</b>	<b>0.7</b>	<b>0.82</b>	<b>0.54</b>
<b>Rio Grande do Sul</b>	<b>0.746</b>	<b>0.769</b>	<b>0.84</b>	<b>0.642</b>

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.

O IDHM do COREDE Vale do Rio Pardo foi de 0,68 em 2010, o que situa a região na faixa de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM entre 0,600 e 0,699). A dimensão que mais contribui para o IDHM da região é a Longevidade, com índice de 0,84, seguida de Renda, com índice de 0,769, e de Educação.

Herveiras,, Passo do Sobrado, Sinimbu e Vale do Sol tiveram, respectivamente, IDHMs de 0,616 e 0,698, o que coloca também esses municípios na faixa de

Desenvolvimento Humano Médio. Nos quatro casos a dimensão com maior contribuição para o índice também foi a Longevidade, seguida da Renda e, por último, a Educação.

Já para Santa Cruz do Sul o IDHM foi de 0,773, o que a situa na faixa de Desenvolvimento Humano Alto (IDHM entre 0,700 e 0,799). A dimensão com maior participação para o IDHM foi a Longevidade, com índice de 0,852, seguida de Renda, com índice de 0,782, e de Educação, com índice de 0,693., com índice de 0,642.

Vera Cruz também atingiu a faixa de Desenvolvimento Humano Alto, com IDHM de 0,737. A dimensão que mais contribuiu para o índice do município é Longevidade, com índice de 0,842, seguida de Renda, com índice de 0,738, e de Educação, com índice de 0,643.

Assim, através do IDHM, foi possível classificar o município de Santa Cruz do Sul como melhor colocado em relação aos índices de desenvolvimento, e Herveiras com os piores resultados entre os municípios pesquisados. O IDHM Longevidade é a dimensão que apresentou os melhores números em todos os municípios e região. A educação, por sua vez, mostra resultados preocupantes nos municípios e região do Vale do Rio Pardo.

Segundo dados da FEE (2010) vistos anteriormente, a Região do Vale do Rio Pardo apresenta indicadores sociais, no que se refere a renda e saúde, próximos às médias estaduais. No entanto, quanto à educação, a região apresenta indicadores preocupantes, especialmente aqueles que expressam a taxa de matrículas no Ensino Médio.

**Tabela 07 – Estabelecimentos de Ensino Médio**

Unidade Territorial	TOTAL			PARTICULAR			ESTADUAL		
	2005	2010	2014	2005	2010	2014	2005	2010	2014
<b>Herveiras</b>	1	1	1	-	-	-	1	1	1
<b>Passo do Sobrado</b>	1	1	1	-	-	-	1	1	1
<b>Santa Cruz do Sul</b>	13	14	15	4	5	5	9	9	10
<b>Sinimbu</b>	2	2	1	1	1	-	1	1	1
<b>Vale do Sol</b>	1	1	2	-	-	1	1	1	1
<b>Vera Cruz</b>	2	3	3	1	2	2	1	1	1
<b>Vale do Rio Pardo</b>	52	61	64	13	15	15	39	46	48
<b>Rio Grande do Sul</b>	1284	1431	1495	348	333	348	909	1053	1089

Fonte: FEEDADOS,2014

Em relação aos estabelecimentos de ensino médio na Região do Vale do Rio Pardo, verifica-se na Tabela 07 que o número de escolas que possui o ensino médio aumentou. Em 2014 eram 61, dessas, 48 eram estaduais e 15 particulares.

Ainda sobre os dados de 2014, os municípios de Herveiras, Sinimbu e Passo do Sobrado não possuem escolas particulares com ensino médio, enquanto Vale do Sol possui uma, a EFASOL (Escola da Família Agrícola de Vale do Sol) considerada comunitária. O município de Vera Cruz possui duas escolas particulares com ensino médio e Santa Cruz do Sul tem o maior número, são 5 escolas particulares com ensino médio, entre elas a Escola da Família Agrícola de Santa Cruz do Sul, que é comunitária mas nos dados da FEE consta como particular.

Na rede estadual todos os municípios possuem no mínimo uma escola de ensino médio, sendo o município com o maior número desses estabelecimentos Santa Cruz do Sul, contando com 10 escolas. Apesar de esses números terem se mantido estáveis ou aumentado em alguns municípios durante o período, o número de matrículas de estudantes diminuiu em 2014.

**Tabela 08 – Matrículas no Ensino Médio**

Unidade Territorial	TOTAL			PARTICULAR			ESTADUAL		
	2005	2010	2014	2005	2010	2014	2005	2010	2014
<b>Herveiras</b>	72	117	163	-	-	-	72	117	163
<b>Passo do Sobrado</b>	231	235	206	-	-	-	231	235	206
<b>Santa Cruz do Sul</b>	4476	3966	3933	628	630	822	3848	3336	3111
<b>Sinimbu</b>	366	313	226	119	61	-	247	252	226
<b>Vale do Sol</b>	204	196	228	-	-	24	204	196	204
<b>Vera Cruz</b>	698	1008	931	45	90	108	653	918	823
<b>Vale do Rio Pardo</b>	14647	14624	13879	1545	1281	1431	13102	13343	12127
<b>Rio Grande do Sul</b>	473182	411485	396332	56578	43912	44802	405225	354509	334829

Fonte: FEEDADOS,2014

De acordo com os dados expostos na Tabela 08, em 2014 foram 13.879 alunos matriculados no ensino médio da região, em 2010 eram 14.624 matrículas e em 2005 eram 14.647. Ou seja, o número de matrículas vem progressivamente diminuindo. Porém, sugere-se que essa queda foi ocasionada pela diminuição de estudantes matriculados na rede estadual, já que em 2010, a região possuía 13.343 matriculados, e no último levantamento, em 2014, eram 12.127 alunos matriculados no ensino médio da rede estadual. A rede particular de ensino médio retomou o crescimento de matrículas nos últimos cinco anos. Em 2010 eram 1.281 e o número aumentou para 1.341 matrículas em 2014.

Na rede estadual, os municípios de Herveiras e Vale do Sol tiveram acréscimo nas matrículas, enquanto os municípios de Sinimbu, Passo do Sobrado, Santa Cruz do Sul e Vera Cruz tiveram decréscimos. Na rede particular de ensino médio em 2014, Vale do Sol contava com 24 matriculados, Vera Cruz com 108 e Santa Cruz do Sul com 822.

**Quadro 01 – Indicadores de educação dos jovens nos municípios de abrangência do estudo (2010)**

<b>Municípios</b>	<b>Educação</b>
<b>Herveiras</b>	A proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo é de 34,57% e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é de 40,75%.Em 2010, 83,38% da população de 6 a 17 anos do município estavam cursando o ensino básico regular com até dois anos de defasagem idade-série.
<b>Passo do Sobrado</b>	A proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo é de 62,94%; e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é de 37,34%.Em 2010, 86,68% da população de 6 a 17 anos do município estavam cursando o ensino básico regular com até dois anos de defasagem idade-série.
<b>Sinimbu</b>	A proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo é de 49,55% e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é de 32,82%.Em 2010, 79,55% da população de 6 a 17 anos do município estavam cursando o ensino básico regular com até dois anos de defasagem idade-série.
<b>Santa Cruz do Sul</b>	A proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo é de 61,09%; e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é de 54,99%. Em 2010, 85,64% da população de 6 a 17 anos do município estavam cursando o ensino básico regular com até dois anos de defasagem idade-série.
<b>Vera Cruz</b>	A proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo é de 70,87%; e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é de 45,55%. Em 2010, 90,59% da população de 6 a 17 anos do município estavam cursando o ensino básico regular com até dois anos de defasagem idade-série.
<b>Vale do Sol</b>	A proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo é de 48,44%; e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é de 24,38%.Em 2010, 79,18% da população de 6 a 17 anos do município estavam cursando o ensino básico regular com até dois anos de defasagem idade-série.

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil – PNUD.



Em relação à comunicação, a região do COREDE do Vale do Rio Pardo, segundo dados da FEE (2010), apresenta percentual de domicílios com acesso à internet e às telefonia fixa e móvel abaixo das médias estaduais.

Segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2010, referente às comunicações, no Vale do Rio Pardo os domicílios com acesso à internet, com celulares e com telefonia fixa são, respectivamente, 24,0%, 88,2% e 24,6% do total, todos índices inferiores às médias estaduais do Rio Grande do Sul, que são, também respectivamente, de 33,9%, 90,7% e 39,3%. Assim na Região do Vale do Rio Pardo o percentual de pessoas que possuem aparelhos celulares chega a 88,2% da população. Cabe ressaltar que esses números são apenas indicadores temporários, que já podem ser considerados defasados, pois o setor de comunicações cresce muito anualmente, sendo que nos seis anos após a coleta de dados do Censo esses números devem ter elevado significativamente o percentual de acesso à internet e à telefonia, até mesmo em função do avanço de políticas públicas inclusivas nesse setor. Todavia, não foram encontrados dados estatísticos secundários mais atuais para estas variáveis.

O Plano Estratégico de Desenvolvimento do Vale do Rio Pardo, de 2010, aponta que existem na região cinco emissoras de rádio AM de abrangência regional, duas de abrangência local, quatro emissoras de rádio FM de abrangência regional e uma de abrangência local. Dados que igualmente podem estar em desacordo com o momento presente, visto que as rádios de caráter comunitário apresentaram crescimento nos últimos anos, estando presentes quase na totalidade dos municípios da região, com pelo menos uma unidade.

No que se refere aos jornais, a Gazeta do Sul apresentou-se como principal fonte de notícias, trazendo informações dos municípios do Vale do Rio Pardo e circulando amplamente na região. Ela é acompanhada de mais dois jornais de abrangência regional e onze de abrangência local. Os dados do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Vale do Rio Pardo de 2010 também apontaram a existência de uma rede de televisão na região.

Todos os dados aqui apresentados possibilitaram identificar a diversidade cultural da região, com destaque para os descendentes dos povos germânicos que contribuíram para o aumento populacional, a expansão da agricultura, comércio e indústria na região. Verificou-se a dependência econômica da produção e beneficiamento do tabaco e na geração de trabalho no campo e indústria na região. A centralidade que Santa Cruz do Sul possui na região por ter uma economia mais dinâmica, maior população, mais oportunidades de trabalho e de serviços também ficou evidente. E foram vistos também os preocupantes indicadores de educação na região, como o baixo IDHM Educação e a redução no número de matrículas no ensino médio.

Tais informações auxiliaram no conhecimento da realidade da região de estudo, o que possibilitará a relação com a análise da pesquisa empírica, propiciando uma compreensão abrangente da temática em estudo.

## **5.2 Procedimentos metodológicos da pesquisa de campo**

A presente pesquisa buscou conhecer a realidade dos jovens de determinados municípios do Vale do Rio Pardo, analisando como eles identificam e percebem a identidade do seu território, verificando de que maneira eles percebem a diversidade cultural por meio das manifestações representativas do seu cotidiano e como o processo de construção da identidade territorial ocorre no meio juvenil. Dessa forma, visando uma compreensão mais abrangente do objeto de estudo, definiu-se a abordagem qualitativa como base metodológica.

A pesquisa qualitativa, conforme aponta Minayo (1994), possui uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando com um universo de significados, crenças e valores e que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que podem não ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Assim, o autor resume que as pesquisas qualitativas são produtos de uma visão subjetiva. Da mesma forma, Triviños (1987) fundamenta que a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno em um contexto.

Aplicou-se, para a realização deste estudo, um instrumento de coleta de dados composto por 32 questões fechadas, na forma de questionário, e 16 questões semiestruturadas na forma de entrevista. Aos jovens participantes, foi solicitado que produzissem, utilizando a câmera de seus aparelhos celulares, fotografias que ilustrassem sua região (território do Vale do Rio Pardo), imagens estas que posteriormente seriam utilizadas durante a realização do projeto.

A utilização de entrevistas, segundo Brandão (2000, p. 8), “reclama uma atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando-o a colocar-se intensamente à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado” – além dos fatores contextuais em torno da mesma. Sendo que a técnica da entrevista semiestruturada, para Queiroz (1988), é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este último, de acordo com seus objetivos. Portanto, da vida do informante somente interessa aquilo que vem a se inserir diretamente na temática da pesquisa.

A fotografia foi utilizada também como uma técnica de pesquisa, a antropologia visual. De acordo com Copque (2003), por meio das fotografias é possível ter um novo modo de olhar o mundo, a forma de apresentar os fatos, objetos, pessoas e acontecimentos podem se tornar enriquecedoras. Primeiramente, acontece uma interlocução entre o sujeito e a câmera fotográfica para que possa ser construído um sentido por meio da imagem; no segundo momento, acontece o diálogo entre o pesquisador/observador e o sujeito, dando o sentido das imagens fotografadas por meio de um diálogo que é narrado através de palavras; nesse sentido, é possível analisar as imagens sobre um novo ângulo de visão de mundo. A fotografia utilizada como um recurso estratégico na pesquisa possibilita registrar aspectos que muitas vezes passam despercebidas por nossos olhos e nossas vozes, permitindo assim, descrever momentos densos, sensíveis e emocionais.

A arte fotografada é um processo da abstração legítimo na observação. É um dos primeiros passos na expressão mais apurada da evidência que transforma circunstâncias comuns em dados para elaboração na análise de pesquisa. As fotografias são registros preciosos da realidade material. Elas são também documentos que podem ser organizados em arquivos de consulta direta e arquivos remissos, como se fossem verbais. A evidência fotográfica pode ser reproduzida infinitamente, aumentada ou reduzida na dimensão visual, ajustada a muitos esquemas de diagramas, e através de estudo científico a muitos modelos estatísticos (COLLIER, 1973).

Por meio da fotografia é possível perceber, observar e visualizar quantas vezes forem necessárias os acontecimentos passados, permitindo assim, que as observações sejam realizadas de uma forma mais crítica, auxiliando nos estudos, pesquisas e divulgação, de forma que a imagem fotográfica contribua para uma observação, análise e crítica visual (COLLIER, 1973).

De acordo com Milton Guran (2002, p. 103), a fotografia faz parte do nosso modo de ver, pois através dela podemos “destacar um aspecto de uma cena a partir do qual seja possível se desenvolver uma reflexão objetiva sobre como os indivíduos ou os grupos sociais representam, organizam e classificam as suas experiências e mantêm relações entre si”.

Para o estudo descrito, primeiramente foi preparado um questionário com 32 questões fechadas e o roteiro de entrevista semiestruturada com 16 questões (ANEXO A). A aplicação do formulário teve como objetivo traçar o perfil dos jovens entrevistados, que foram questionados sobre sua idade, escolaridade, local de ensino, local de moradia, tempo de moradia no município, trabalho, municípios que já residiram anteriormente, ocupação e escolaridade dos pais, renda familiar, frequência que viajam, eletrodomésticos e aparelhos de

mídia que possuem, meios de comunicação que mais utilizam, locais de acesso à internet e meio que utilizam para fazê-lo, frequência de uso da internet e aparelhos que utilizam para fotografar.

O roteiro semiestruturado foi composto por 16 perguntas diretamente relacionadas aos objetivos específicos da pesquisa. No decorrer das falas dos entrevistados, outros aspectos surgiram durante a entrevista, estimulando assim novas perguntas que foram utilizadas para a análise de conteúdo. De início, os entrevistados responderam questões relacionadas à fotografia, sobre o significado da fotografia para ele, com que objetivo costuma fotografar e quais as intenções em produzir as imagens escolhidas para a pesquisa. Na sequência, os jovens foram questionados sobre a região do Vale do Rio Pardo, se eles conheciam e costumavam circular por ela. Na mesma sequência, os jovens foram questionados sobre a representatividade da sua região, como eles percebem e como gostariam que o seu lugar fosse representado, e escolheram até duas imagens de sua própria autoria que representassem a região, explicando o motivo da escolha e apontando a imagem que provocou maior sentimento de pertencimento. Posteriormente, o entrevistado informava a importância da fotografia como um instrumento de divulgação e significação da região e de que forma ela contribui para identificar diferentes culturas. Por fim, os jovens informaram sobre os diferentes significados culturais e sobre a origem cultural, geográfica e étnica.

A escolha das instituições de ensino<sup>4</sup> para a realização da pesquisa se deu pelo fato de ambas ofertarem o ensino médio em seu currículo e por apresentarem diferentes realidades, sendo uma localizada na área urbana central (escola privada) e outra na área urbana periférica (escola comunitária) de Santa Cruz do Sul. A escolha da escola particular foi motivada pela predominância de alunos pertencentes às classes sociais elevadas, em sua maioria absoluta residentes de áreas urbanas, e muitos deles migrados de outras cidades e estados do Brasil em função dos exercícios profissionais de seus pais. Já a escolha da escola comunitária se deu por ter exclusivamente jovens que residem no espaço rural, em vários municípios do Vale do Rio Pardo, e por ser uma escola que segue um plano de disciplina diferenciado, relacionando os conteúdos com o meio em que os jovens vivem. Dentro dessa proposta de educação adequada à realidade camponesa, os alunos frequentam as aulas em um período de segunda-feira à sexta-feira em regime de internato – manhã, tarde e noite - e na semana seguinte retornam

---

<sup>4</sup> A direção da escola particular autorizou a pesquisa se nela não constasse sua identificação. No caso da outra escola, não houve restrição, portanto o nome da escola comunitária será mencionado no decorrer da pesquisa.

para suas casas, colocando em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas, quando tem também a oportunidade de auxiliar suas famílias no trabalho rural.

Para participar da pesquisa foram selecionados, nestas duas escolas, onze jovens de ambos os sexos, com idade entre os 15 a 18 anos. O critério para participação era possuir um aparelho de celular próprio com câmera fotográfica. Cabe ressaltar que a participação dos jovens foi de forma espontânea. Foram escolhidos cinco jovens da escola comunitária<sup>5</sup>, todos residentes rurais, e cinco jovens de uma escola privada, todos residentes urbanos, assim buscando contemplar realidades territoriais, de classe social e ambiente cultural distintos.

O primeiro contato com as instituições ocorreu no início do mês de outubro de 2015, através de conversa informal via telefone com a direção das escolas, introduzindo a ideia da pesquisa. Passados alguns dias, as duas escolas retornaram o contato, agendando reuniões com a pesquisadora. Nestes encontros foram explicados os propósitos da dissertação e entregue uma carta (ANEXO B) para cada diretor das escolas, apresentando a pesquisa e sua autora.

A escola comunitária autorizou a realização da pesquisa no mesmo dia da reunião, com a única exigência de que a pesquisadora fosse conhecer melhor a escola e sua proposta diferenciada de educação antes de aplicar os instrumentos de coleta. Na semana seguinte, no dia 26 de outubro de 2015, foi iniciado o envolvimento com esta escola, quando houve a apresentação da pesquisadora e dos objetivos da pesquisa para os demais professores e, em seguida, uma reunião estruturar a programação da semana com os alunos. Este dia seria apenas para conhecer o trabalho da escola, mas como o tempo livre na escola é muito curto, devido às aulas ocorrerem em semanas alternadas, o cronograma teve de ser alterado e o contato com os jovens aconteceu naquele mesmo dia. Primeiramente a pesquisadora apresentou-se para todos os jovens da escola, explicando o motivo de estar conversando com eles, informando quem era, onde morava, o que fazia e o que gostaria de fazer. De uma forma breve, foram discutidos alguns temas sobre a fotografia, tais como o processo de formação de imagens, a relação afetiva com as imagens e os aspectos relacionados à sua região, as tecnologias de comunicação, bem como a popularização do celular. Depois desta introdução, foi explanado o motivo da pesquisa, convidando os alunos a fazer parte do estudo. Foi esclarecido que os participantes não seriam escolhidos, mas sim haveria uma lista à disposição na secretaria da escola para que aqueles interessados pudessem se inscrever.

---

<sup>5</sup>A escola informa que é comunitária, mas segundo fontes estatísticas governamentais se enquadra em um estabelecimento de ensino privado.

Apenas cinco jovens, atendendo o critério de possuir entre 15 e 18 anos, poderiam participar. Neste momento alguns jovens já se mostraram interessados e logo após o término da explanação alguns deles entraram em contato para poder fazer parte da pesquisa, alegando que gostavam muito de fotografias. No dia seguinte foi realizada uma saída de campo para visitar uma propriedade rural de Venâncio Aires, com o intuito de conhecer as formas de cultivo de algumas hortaliças. À pedido da direção, a pesquisadora acompanhou tal visita e, no final do dia, conheceu os jovens que se inscreveram para participar da pesquisa. Foram exatamente cinco inscritos de várias localidades do Vale do Rio Pardo. Durante a noite, um aluno da escola entrou em contato com a pesquisadora, solicitando sua participação na pesquisa e demonstrando grande interesse em fazer parte da mesma. Junto com a orientadora escolar, foi decidido que ele poderia ser incluído no grupo, alterando então o número de participantes da pesquisa para onze jovens. Após esta etapa, foram agendadas reuniões individuais e coletivas com os participantes, nas quais a execução do trabalho foi explicada e dúvidas foram sanadas. Um texto produzido pela pesquisadora sobre a importância da fotografia na vida dos indivíduos e no território foi entregue (ANEXO C), para servir como estímulo na produção das fotografias. Além do texto, foi entregue aos entrevistados, para assinarem juntamente com um responsável, um termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO D) para utilização das informações pela pesquisadora. O período de uma semana foi estipulado para a produção das imagens, para que na semana seguinte pudessem ser realizadas as entrevistas e as coletas das fotografias. A escola comunitária teve a participação de seis jovens, sendo uma do sexo feminino e cinco do sexo masculino.

Na instituição privada de ensino, a autorização para a realização da pesquisa veio em algumas semanas, e o encontro com os jovens foi agendado. Neste caso, a seleção dos participantes foi feita pela própria escola e no dia 03 de novembro de 2015 ocorreu a reunião de apresentação do projeto, com a entrega do texto (ANEXO C), do termo de consentimento (ANEXO D) e a definição do prazo de duas semanas para realizar as fotografias.

Importante ressaltar que em ambas as reuniões não foi mencionado o que é identidade ou cultura, para que assim os jovens pudessem retratar o que representa o Vale do Rio Pardo, o que faz parte da vida deles e o que os representa, sem sofrer influências externas por padrões pré-definidos. Os encontros tiveram como local as dependências das escolas, em intervalos dos estudos ou no turno inverso às aulas, conforme determinado pelas instituições.

Entre o intervalo da primeira conversa com os jovens e a entrevista, eles tinham como objetivo fotografar os aspectos relevantes que fazem parte da identidade do seu território, e ou, os fatores que fazem parte de seu cotidiano dentro da região do Vale do Rio Pardo, a partir

de recortes que foram definidos ao longo da pesquisa, tendo que apresentar dez imagens a partir de questões propostas. A coleta de dados foi realizada individualmente, através do formulário de questões e da entrevista semiestruturada, para poder analisar e investigar as percepções e os modos de construção de identidade que os jovens representaram nas dez imagens fotografadas. A entrevistadora procurou levar a entrevista como um bate-papo informal, para que os entrevistados tivessem a liberdade de explicar o porquê da escolha de cada imagem e quais os significados que elas representam para eles. O tempo médio para cada entrevistado foi de aproximadamente 60 minutos, tendo seu áudio registrado por meio de um gravador digital, em seguida transcrito e textualizado para um documento, onde posteriormente as falas foram organizadas e correlacionadas por meio de tematizações.

Buscando analisar os dados obtidos por meio destas entrevistas e das fotografias, foi feito o exame do conteúdo das mesmas e, a partir dos referenciais teóricos trazidos na dissertação, foram elaboradas cinco tematizações para sistematizar melhor os dados para a análise:

- **Expressão Fotográfica:** o que a fotografia significa para os jovens, quais foram as motivações e a importância de fotografar;
- **História e Memória:** quais são as recordações de vivências, momentos e lembranças da família e outras pessoas significativas, retratadas através das fotografias;
- **Cotidiano:** suas atividades de rotinas, suas vivências, lazer, esporte e pertencimento.
- **Laços sociais e afetivos:** a relação com a família, amigos, vizinhos, colegas, animais de estimação, entre outros;
- **Representação regional:** Como os jovens percebem a região e quais são as representações identitárias e culturais.

O método de abordagem adotado por esta pesquisa foi o da fenomenologia, cuja prática se propõe a analisar o sujeito, procurando compreender e interpretar a ação social do indivíduo com o território.

Conforme Husserl (2000), o sujeito é o foco principal da fenomenologia, que procura compreender e interpretar a ação social do indivíduo, ou seja, analisa e compreende a forma de vivência do indivíduo. É uma compreensão mais profunda do fenômeno analisado, buscando constantemente a interpretação do seu significado. O autor aponta a importância da qualidade das pesquisas na busca de compreender como o indivíduo se sente, pensa e vislumbra a realidade.

Não há um modo certo de entender as pessoas, o convívio gera a compreensão de cada indivíduo, fazendo disso uma lição de vida para aqueles que o cercam. Tudo o que

vivenciamos gera grandes experiências e teorias práticas. Transcrevemos nossa sabedoria a partir da convivência entre seres sábios que somos.

O método fenomenológico procura estudar a vida presente, atingindo um maior significado subjetivo das situações e das coisas, e não somente da aparência das situações e coisas que são observadas.

É na situação face-a-face que a vida consciente aparece melhor para o pesquisador, pois é nesta relação que se tem o maior número de indicações (gestos, maneiras, entonações de voz etc.), além das expressas conscientemente, permitindo uma aproximação vivencial que possibilita uma maior e melhor compreensão do ser humano (COLTRO, 2000, p.41).

Coltro (2000) explica que o intuito que temos da objetividade torna o entendimento da Fenomenologia de difícil compreensão, visto que, o estudo por si só torna-se complexo e subjetivo. A construção das ideias e experiências sofridas provém do idealismo, onde o modo de expressão do conhecimento caracteriza o sujeito. O indivíduo é um ser capaz de compreender prováveis consequências que poderão surgir através de suas atitudes, adequando-se a elas. O indivíduo é um ser capaz de compreender prováveis consequências que poderão surgir através de suas atitudes, adequando-se a elas.

O método fenomenológico tem como objetivo separar o fenômeno, colocar como descoberto, revelar para além do que apenas vê-lo, e enredar-se somente aos fatos vividos da experiência. Ainda para Coltro (2000), geralmente acaba se atrelando de relatos descritivos das características de determinado fenômeno, mas não de uma forma passiva, e sim de uma forma prudente que possa interpretar tais relatos, com o objetivo de descobrir as características, as categorias, os sentidos menos verossímeis e os mais essenciais do fenômeno.

Devemos fazer de cada experiência a única e a mais importante tarefa a ser realizada, tendo o entendimento que sua suspensão pode se dar através de como cada situação é encarada e vivenciada por cada indivíduo, podendo descartar qualquer fator externo que possa vir a surgir, sendo possível obter entendimento deste fenômeno e observando a grande importância do sujeito para a realização deste estudo.



## **6 FOTOGRAFIA E IDENTIDADE: PERCEPÇÃO JUVENIL SOBRE O TERRITÓRIO VIVIDO**

Os jovens participantes da pesquisa são uma amostra de um todo. São representantes uma geração da qual se busca conhecer as percepções, assimilações únicas de cada indivíduo. As escolas foram usadas como instrumento para se chegar até esses jovens, sendo que as duas selecionadas configuram realidades distintas. Cabe lembrar neste ponto que o que predomina na região é o ensino público, com escolas estaduais e municipais, este de responsabilidade do governo do estado.

A instituição privada escolhida para a pesquisa é localizada na área urbana central de Santa Cruz do Sul, sendo um dos colégios mais tradicionais da região, pertencente a uma clássica rede de educação do Sul do país, com mais de um século de existência. O colégio têm alunos majoritariamente moradores de Santa Cruz do Sul, mas também parte residente na região ou de origem nela, e oferece níveis desde a pré-escola até o ensino médio. Reitera-se que esta instituição preferiu não ser identificada<sup>6</sup>.

Já a escola comunitária, a Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC, localiza-se na área urbana periférica de Santa Cruz do Sul, e tem seu objetivo educacional direcionado para a juventude do campo. Sua dinâmica combina trabalhos diários no campo com o dia-a-dia da sala de aula, praticando conteúdos e metodologia de ensino-aprendizagem com ênfase na realidade do aluno e embasado na Pedagogia da Alternância<sup>7</sup>. Atualmente a escola abriga 96 jovens que provém de onze municípios do Vale do Rio Pardo, que são: Santa Cruz do Sul, Vera Cruz, Passo do Sobrado, Venâncio Aires, Rio Pardo, General Câmara, Vale do Sol, Boqueirão do Leão, Sinimbu, Gramado Xavier e Herveiras. Todos esses municípios são conveniados com a escola, e procuram auxiliar com o custeamento da mesma. É possível verificar uma grande diferença das escolas tradicionais comparadas à EFASC, não só em relação à pedagogia diferenciada, mas quanto ao que oferecem aos seus alunos, como a realização de visitas às famílias, experiências de vida em grupo, assembléias escolares, estágios de vivência e o mais importante, recebem filhos de qualquer agricultor familiar, com

---

<sup>6</sup>A instituição de ensino particular pesquisada não autorizou a identificação do seu nome, porém foi permitida a utilização dos dados obtidos em campo nesta instituição.

<sup>7</sup>No sentido geral, alternância significa segundo Calvó, um “conjunto dos períodos formativos que se repartem entre o meio sócio profissional (seja na própria família ou na empresa) e a escola. Isto sempre dentro de uma interação educativa escola-meio” (Calvó, 1999, p.17). Assim os alunos estudam e residem uma semana na escola e outra semana retornam para suas casas para aplicarem o aprendizado na prática do convívio familiar, se alternando entre a escola e família.

ou sem propriedade, desde que resida no meio rural. De maneira ampla, a grande missão que a escola tem com o aluno é qualificá-lo no Ensino Médio, capacitá-lo na área técnica e oferecer formação humanística integral para que exerça a cidadania e a liderança (EFASC, 2015).

No ANEXO E encontra-se o quadro com o perfil dos jovens entrevistados das duas escolas. Os participantes foram identificados por um código, contendo um número de 01 a 11, duas letras iniciais referente ao tipo da escola (escola comunitária será E.C e escola particular será E.P), a letra inicial do primeiro nome do jovem, e em seguida a idade e o sexo. Por exemplo: Jovem01/E.C./K.16 anos/Masc.

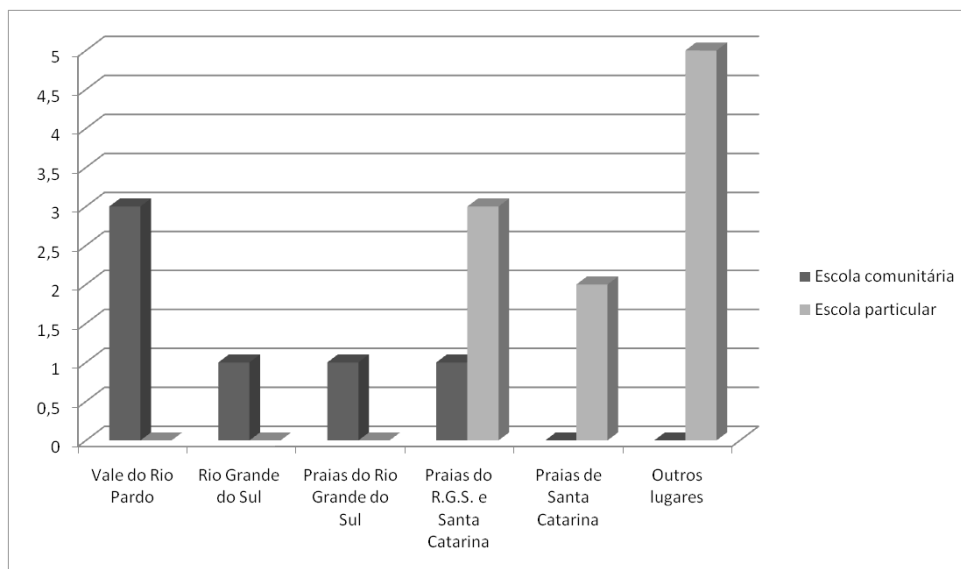
Na escola comunitária o instrumento de coleta de dados foi aplicado junto à seis jovens, sendo que 05 deles possuíam 16 anos e 01 jovem possuía 15 anos. Destes, apenas 01 participante era do sexo feminino e o restante dos jovens do sexo masculino. Todos os jovens moram na região do COREDE do Vale do Rio Pardo, porém são de diferentes municípios (Herveiras, Passo do Sobrado, Santa Cruz do Sul, Sinimbu e Vera Cruz). De acordo com as respostas, observou-se que: 03 jovens estão cursando o 1º ano do ensino médio e 03 jovens estão cursando o 2º ano do ensino médio; Todos estudam e ajudam seus pais no trabalho de campo; Referente à ocupação dos pais, a maioria deles são agricultores, mas outras funções apareceram, como operador de máquina, merendeira, empregada doméstica e professores – soube-se também de alguns pais que além da agricultura, exercem outras funções como safrista, confeitaria e ferreiro; Em relação à escolaridade dos pais entrevistados, 06 possuem o Ensino Fundamental Incompleto, 03 possuem o Ensino Fundamental Completo, 01 pai possui Ensino Médio Completo e 02 pais possuem o Ensino Superior. Referente à renda familiar, 02 jovens não sabem informar, 03 jovens informaram valores mensais de R\$ 2.700,00, R\$ 4.000,00 e R\$5.500,00 e 01 jovem informou a renda familiar de aproximadamente R\$50.000,00 (cinquenta mil reais) ao ano, o que sugere uma média mensal de R\$ 4.166,00.

Dos cinco instrumentos de coleta de dados aplicados nos alunos da instituição privada, obtiveram-se os seguintes resultados: 03 jovens possuíam 15 anos, 01 jovem possuía 16 anos e 01 jovem 17 anos; Apenas 01 participante era do sexo feminino e o restante dos jovens do sexo masculino; Todos os jovens entrevistados estão cursando o 1º ano do ensino médio; Apenas um jovem mora na zona rural e os outros moram na zona urbana; Nenhum dos jovens trabalha, apenas estudam; Referente às ocupações dos pais, todos eles possuem funções diferentes como: administrador de empresa, setor de refrigeração de ar, contador, corretor de imóveis, fiscal na Receita Federal, dona de casa, pedagoga, contabilista, pedóloga e aposentada; Referente à escolaridade dos pais dos entrevistados, a maioria possui ensino superior completo, apenas uma mãe possui o Ensino Fundamental Incompleto e um

entrevistado não sabia informar a escolaridade do pai; Referente à renda familiar, a maioria não sabia informar e apenas 01 jovem informou que a renda familiar é de aproximadamente R\$3.200,00 (três mil e duzentos reais).

Foi possível observar algumas diferenças em relação às viagens que os entrevistados costumam realizar. Mesmo a grande maioria costumando viajar nas férias de verão, alguns jovens da escola comunitária afirmaram viajar dentro do Rio Grande do Sul, visitando familiares e veraneando em algumas praias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Três jovens relataram que apenas visitam os familiares e circulam ao redor do Vale do Rio Pardo em suas férias. E todos eles falaram que viajam participando de congressos realizados dentro do Rio Grande do Sul no período escolar. Enquanto os jovens da escola particular costumam viajar para as praias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e a maioria deles conhece outros lugares do Brasil, explicado pelo fato de todos eles terem residido em outras regiões anteriormente. Alguns destes jovens também visitaram o Nordeste, a Europa e a Disney. Todos eles relataram que uma vez ao ano realizam uma viagem de estudo pela escola. No gráfico abaixo, pode-se observar essas respostas com mais clareza.

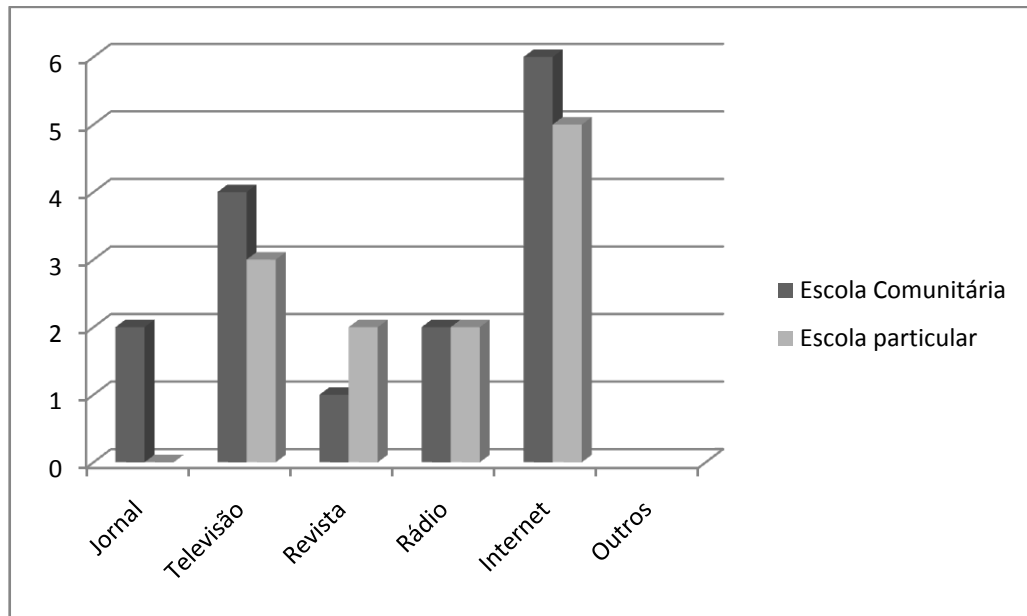
**Figura 02 - Quais os lugares que costumam viajar**



Fonte: Dados coletados pelo autor, 2015.

Sobre os meios de comunicação que mais utilizam no seu cotidiano, como apresentado na Figura 3, os dois grupos tem a internet como meio de comunicação mais utilizado no seu dia-a-dia, seguida da televisão, rádio e jornal, e apenas um jovem da escola comunitária afirmou utilizar a revista como um meio de comunicação.

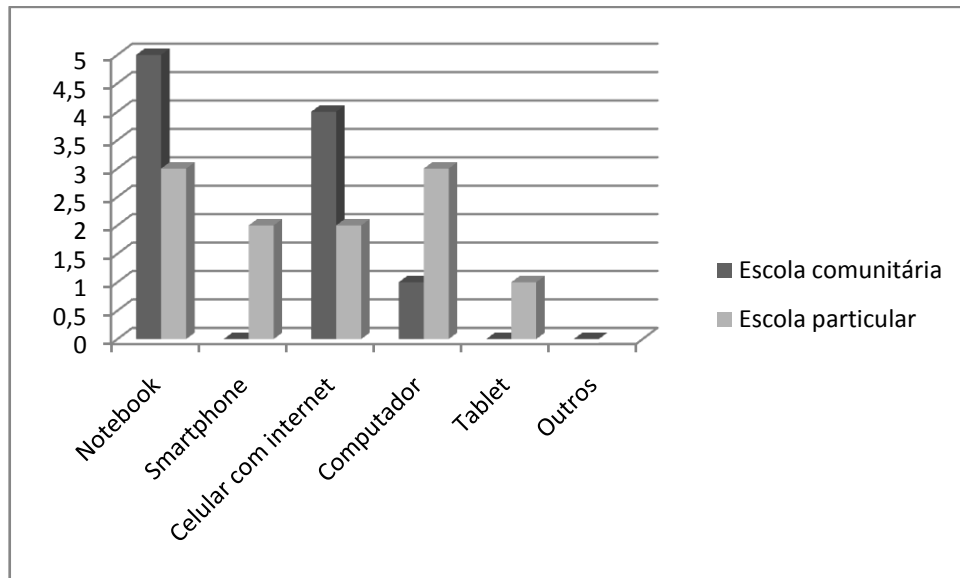
**Figura 03 - Os meios de comunicação mais utilizados pelos jovens.**



Fonte: Dados coletados pelo autor, 2015

Todos os jovens possuem acesso à internet, e todos tem conexão em casa e na escola. Os alunos da escola comunitária acessam a internet nos dois ambientes, enquanto os jovens da escola particular acessam somente em casa, segundo eles pela falta tempo devido aos estudos e pela escola disponibilizar uma conexão muito lenta. Na Figura 4 vemos também que a maioria dos jovens da escola comunitária acessa a internet por meio do *notebook*, do celular e apenas um jovem acessa pelo computador. Já para os jovens da escola privada, o notebook e o computador são os meios preferidos, seguidos do *smartphone* e do celular, e apenas um jovem utiliza *tablet*. Em relação à frequência diária do uso da internet, todos os jovens responderam que utilizam em média de 0 à 3 horas por dia. Os jovens da escola particular ressaltaram que no período de férias o tempo de acesso à internet costuma aumentar bastante, devido à maior quantidade de tempo livre.

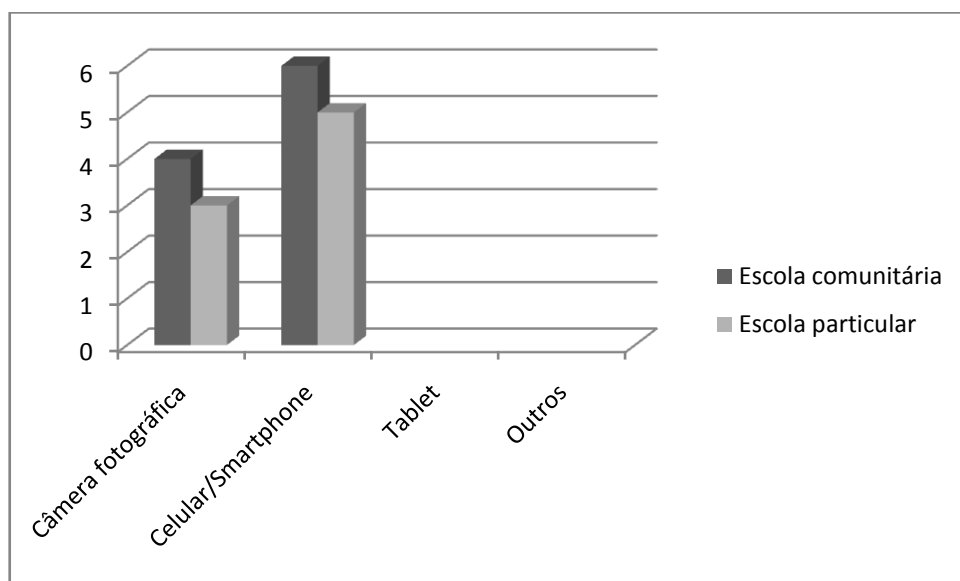
**Figura 04 - Os meios de comunicação mais utilizados para acessar internet**



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Questionados sobre as redes sociais - se utilizam com frequência, para que fins e se os amigos das redes sociais são do entorno do Vale do Rio Pardo - praticamente todos os jovens de ambas as escolas responderam que *Facebook*, *Whatsapp*, *Snapchat* e o *Twitter* são os mais utilizados, quase que diariamente, para conversar com amigos, tirar dúvidas sobre trabalhos de aula e fazer pesquisas. A maioria dos amigos das redes sociais é da escola, vizinhos, familiares e amigos da comunidade.

**Figura 05 - Qual o aparelho que normalmente costuma utilizar para fotografar**



Fonte: Dados coletados pelo autor, 2015.

Em relação ao uso de um aparelho para fotografar, como vemos na Figura 05, o celular/*Smartphone* é o aparelho mais utilizado pelos jovens de ambas as escolas. De acordo com alguns relatos, a escolha do aparelho para fotografar dependeria do momento a ser fotografado, do tipo de acontecimento. Pois, segundo eles, a máquina fotográfica seria utilizada para momentos mais especiais, para registrar algo realmente importante., como viagens e eventos familiares.

### 6.1 Análise da percepção dos jovens entrevistados sobre o território

Neste subcapítulo será apresentada a análise e as discussões dos dados através das cinco temáticas pré-estabelecidas. Através dos dados obtidos por meio do instrumento composto de questões fechadas e abertas e por meio das fotografias foi possível alcançar o objetivo geral de “analisar como os jovens percebem o seu território”, ou seja, saber qual identidade os jovens constroem no território.

As imagens fotografadas pelos participantes contribuíram muito na análise das entrevistas, a maioria delas referindo-se às atividades que mais gostavam de realizar, as coisas que os interessavam. Coisas que de uma forma ou de outra fazia parte da vida deles, do seu meio, era uma forma de representar os momentos e os lugares importantes de suas vidas.

Nota-se uma percepção focada no cotidiano, mostrando a comunidade onde estão inseridos e as pessoas que os rodeiam. Os alunos da escola comunitária se identificam muito com o ambiente em que estão inseridos: com a agricultura, o tabaco, os animais, a família e a escola. Já os alunos da escola privada estabelecem uma relação muito forte com a instituição de ensino e com o que ela lhes proporciona, como o esporte. Estes jovens retrataram ainda em suas fotografias pontos turísticos e atividades de lazer da cidade onde vivem.

A primeira temática analisada será aquela que identifica as **expressões fotográficas** dos jovens: quais foram as motivações para fotografar e o que significa a fotografia para esses jovens. De acordo com os relatos, a fotografia traz diferentes contextos que variam de acordo com a realidade vivida por cada indivíduo. Normalmente os jovens têm como finalidade fotografar a sua realidade, o seu meio, o ambiente com o qual se relacionam e interferem. A fotografia para eles surge com o intuito de registrar momentos e emoções para em um futuro poderem reviver e relembrar fatos e sentimentos únicos, como relatam estes dois jovens entrevistados, cujas falas representam fielmente o pensamento dos demais jovens da escola comunitária:

Um dos grandes motivos em fotografar é relacionado aos trabalhos da escola, porque acabamos fotografando os produtos que plantamos e as nossas experiências. Penso que a nossa imaginação funciona mais podendo ver alguma coisa do que só ouvir e falar. Além de fotografar eu costumo imprimir as fotos e guardar em um álbum, porque penso que não podemos ficar totalmente dependentes da tecnologia, em algum momento ela pode falhar e podemos perder esses registros importantes. (Jovem04/E.C./M./16anos/Masc.)

De acordo com as Fotografias 01, 02 e 03, reproduzidas a seguir, pode-se verificar que os jovens da escola comunitária fotografam os aspectos que são relevantes para eles: imagens da produção de hortaliças, a produção de tabaco, os experimentos realizados para a escola e os animais foram às imagens que mais apareceram na pesquisa.

### **Fotografia 01 - Cultivo de hortaliças**



Fonte: Participante da pesquisa – Jovem 06 E.C./V./16anos/Masc.

Eu geralmente costumo fotografar a minha égua e os meus cachorros, e o meu maior objetivo é fotografar os meus experimentos na agricultura, em especial as hortaliças. (Jovem 01 E.C./K./16 anos/Masc.)

Para registrar o momento, depois eu posso guardar essas fotos para lembrar o que eu já fiz, ou alguma coisa que eu fiz diferente. Há 4 meses atrás tinha uma sanga que eles tinham cortado na mata que está virado em um buracão, ai eu tinha tirado foto e mostrei para o meu instrutor aqui da escola, ai agora com toda essas chuvas que deu tu poder comparar as fotos de antes e as fotos de agora, que diferença! Ela está engolindo a sanga, e se eu não tivesse tirado eu não teria como comparar. O momento como esse que tiramos essa foto na escola não vai acontecer mais. (Jovem 02 E.C./L.16 anos/Masc.)

### Fotografia 02 - Égua



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 01 E.C./K.16 anos/Masc.

(Fotografar é) uma maneira de guardar o que é importante para a gente, a maioria das fotos que eu tiro são para registrar as plantas que eu cultivo, e poder mostrar e trocar conhecimento com a minha avó, para ela poder me dizer que tipo de planta é essa e para que ela é usada. Realmente é para trocar informações com a minha avó e trocar conhecimentos com os professores da escola e colegas. (Jovem 05 E.C./S./16 anos/Fem.)

### Fotografia 03 - Experiências escolares



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 05 E.C./S./16 anos/Fem.

Aqui também foram notáveis algumas diferenças entre os jovens da escola comunitária para os da escola particular. De acordo com os relatos anteriores dos jovens da escola comunitária, o cotidiano e o meio em que vivem junto à família são aspectos muito importantes para eles. Especialmente as ações que eles mesmos realizam, como os projetos e experiências da escola. Os pais desses jovens, inclusive, são grandes incentivadores para que



estes continuem produzindo na propriedade, incentivando-os em seus projetos e em novas experiências. Já os jovens da escola particular costumam fotografar os lugares que frequentam, como viagens, paisagens, projetos voltados às ações sociais e objetos que são importantes para eles. Observa-se que estes tomaram o cuidado de captar as fotos com um olhar diferente do comum, prestando atenção no melhor ângulo, na beleza, na qualidade da imagem, com intuito de postar em redes sociais ou simplesmente guardar. Assim os jovens da escola particular relatam:

Eu gosto de fotografar para mim guardar uma recordação do lugar, mas eu gosto de fotografar no melhor ângulo possível, para ter uma imagem com uma boa qualidade e também que eu consiga ver uma beleza do lugar. Eu fotografo bastante paisagens e de viagens, geralmente quando estou sozinho eu fotografo mais, pois gosto de fotografar para poder editar as imagens. Gosto muito de editar imagens e vídeos (Jovem 09 E.P./F./17 anos/Masc).

Geralmente eu fotografo quando eu vejo uma paisagem bonita, ai eu posto no *snapchat*<sup>8</sup>, mandamos uma foto qualquer só para conversar com amigos, essas não tem muito um porquê. Ou muitas vezes fotografo só para postar nas redes sociais (Jovem 11 E.P./F./15 anos/Masc.).

#### **Fotografia 04 - Paisagem**



Fonte: Participante da pesquisa- Jovem 08 E.P./J./15 anos/Fem.

Quando eu uso o celular eu não tenho muito um objetivo, seria um momento, ou alguma coisa que dá na telha de tirar uma foto. E quando eu uso a câmera eu tenho o objetivo de pegar o máximo da paisagem. (Jovem 07 E.P./G./16 anos/Masc.)

---

<sup>8</sup>O Snapchat é um aplicativo de troca de mensagens, fotos e vídeos, sendo o foco a troca dos famosos Snaps que são as fotos ou vídeos instantâneos gravados através do próprio aparelho.

Geralmente eu fotografo muito quando estou fazendo um programa entre amigos, ou simplesmente quando eu estou com vontade de tirar fotos, uma coisa assim! Quando viajamos para a praia ou lugares diferentes, eu fotografo muito, eu e meu pai gostamos muito de fazer trilhas, amamos fazer coisas diferentes, e eu acabo fotografando esses momentos, em Santa Cruz do Sul eu não fotografo tanto, os lugares daqui já perderam a graça (Jovem 08 E.P./J./15 anos/Fem.).

Para os jovens da escola particular, o significado da fotografia é poder registrar paisagens, viagens e momentos especiais, além de gravar imagens belas. A técnica também é observada, não é somente sacar a câmera e fotografar, é preciso ter um olhar aguçado. Com o avanço das tecnologias, é possível fotografar acontecimentos, e no mesmo instante publicar e compartilhar pelas redes sociais, para alguns jovens a fotografia tem um sentido específico centrado nesse compartilhamento imagens. Dentro do tema, Lemos (2007) destaca que o celular transformou-se em um aparelho de múltiplas funções que antes não existia, e por ser um aparelho de bolso ficou muito fácil fotografar, assim os jovens contemporâneos se interessam mais por esses meios, principalmente por serem portáteis, terem uma mobilidade, terem conexão e disseminação em redes sociais em tempo real nunca visto antes, fazendo com que as imagens tenham uma rápida circulação com o propósito de socializar entre os grupos.

A próxima temática é sobre **história e memória**, e busca analisar como o jovem representa esses aspectos por meio da fotografia, destacando significados únicos de cada um. Percebe-se por suas falas que a fotografia tem um valor simbólico muito grande em suas vidas - muitos deles conheceram familiares e lugares apenas por imagens. A maioria dos jovens da escola comunitária busca preservar e resgatar imagens antigas de seus familiares, já que muitos deles não estão mais presentes, para que assim a sua história familiar não se perca, atribuindo grandes valores sociais a elas. A importância familiar é fortemente percebida neles, que procuram conhecer a história, pois se preocupam em preservar essas memórias para então transmitir para as futuras gerações. Percebe-se pela Fotografia 05 que a jovem entrevistada valoriza as tradições de seus antepassados. Segundo ela, o livro de receita de sua avó está sendo utilizado por ela hoje.

As fotografias significam uma coisa muito importante para mim, quando olhamos as fotos de antigamente, podemos lembrar aqueles momentos, ou até mesmo momentos que não estávamos presentes. Quando o meu avô mostra as fotos de antigamente ele conta às histórias que aconteceram, ele mostra as fotos dos filhos de como eles eram quando crianças e como as coisas eram naquela época. E tem também muitos lugares e imagens que não conhecemos, e por meio das fotografias podemos ter uma ideia, a fotografia para mim é uma forma de resgatar um momento. (Jovem 03 E.C./L./16anos /Masc.)

Para mim a fotografia significa poder guardar as lembranças, guardar recordações de pessoas especiais e de lugares que não visitamos com frequência. (Jovem 04 E.C/ M./16 anos/Masc.).

### **Fotografia 05 - Memórias familiares**



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem05 E.C./S./16 anos/Fem.

Para mim a fotografia significa uma recordação, uma lembrança. Como por exemplo, antes de eu nascer o meu avô faleceu, e um tempo depois pegou fogo na casa da minha avó queimando todas as fotos que ela tinha. Eles me contavam como ele era, mas não tinha nenhuma fotografia para me mostrar, e uns dias atrás eu acabei indo visitar o meu tio e encontrei a única fotografia do meu avô que sobrou, foi nesse momento que pude ver uma imagem dele, o rosto dele, eu fiquei muito feliz. (Jovem 06 E.C./V./16 anos/ Masc.).

A proposta da pesquisa era analisar as fotos feitas pelos jovens no período do estudo, porém surgiram algumas imagens fotografadas por eles que não são atuais, mas para eles são consideradas importantes e relevantes, o que os motivou a trazê-las para o estudo. Um exemplo disso é a Fotografia 04, capturada na última viagem de férias da participante, e da Fotografia 06, que representa para o fotógrafo os laços familiares e a união, inclusive mostrando um tio que veio a falecer alguns anos atrás.

### Fotografia 06 - Laços familiares



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem02/ E.C./L.16 anos /Masc.

Nesse sentido as fotografias foram um elemento muito importante para a pesquisa, desencadeando conversas cruciais. A história contada pelo sujeito da pesquisa através da fotografia produz um momento de interação e de espontaneidade, permitindo assim, que as informações sobre personalidades, lugares, processos e artefatos sejam relatados de uma forma mais próxima da realidade (COLLIER, 1973).

Através da fala dos jovens da escola particular, também foi percebido uma preocupação em registrar os momentos especiais, para depois de algum tempo poder recordar e relembrar ou mesmo reviver os aqueles instantes que se tornaram únicos e importantes, e nesse sentido, essas recordações tornam-se uma representação do seu meio, em um certo período de suas vidas. É uma representação pessoal onde esses jovens se percebem vivendo os momentos de recordações que trazem e remetem.

O sentido da fotografia em si para mim é poder registrar momentos felizes, momentos que eu curti, momentos que eu quero deixar registrado e depois poder relembrar, é basicamente isso, mas as vezes eu fotografo sem nenhum motivo, ai esse sentido acaba se perdendo um pouco. Mas se for pensar diretamente o porquê da fotografia é isso: conseguir guardar memórias que depois possa ser lembrado, ter saudades desses momentos e poder relembrar. (Jovem 08 E.P./J./15 anos/Fem.).

Fotografia para mim significa ter aquela memória para sempre contigo, mesmo tu esquecendo completamente como foi aquele momento, tu olhando uma fotografia tu vai lembrar de alguma coisa sempre. (Jovem 09 E.P./ F./17 anos/ Masc.).

Ela (a fotografia) registra os momentos, ela ajuda a gente não esquecer dos momentos, para não ficar apenas na memória, e assim terá um meio material que sempre poderemos ver. (Jovem 10E.P./N. 15 anos/Masc.).

Quando o registro fotográfico representa um acontecimento, um objeto, um indivíduo e uma circunstância, ela acaba transmitindo uma realidade. Muitas vezes é a imagem fotográfica que desperta o olhar sobre o passado e a veiculação de nossa memória, deste modo, é através dela que o visível se materializa. Assim a fotografia pode ser considerada um importante meio de memória, podendo ser pensada como um patrimônio. A forma de interpretar o passado dependerá das imagens e das histórias contadas e assim refletirá no presente e até mesmo no futuro, pois as heranças dos antepassados contribuem para a construção das gerações futuras (JAIME, 2013).

Os entrevistados referem-se muito a “preservar o momento” com a fotografia, e, por estarem em uma geração na qual a tecnologia está muito presente, eles se preocupam em ter essas imagens impressas e não somente armazenadas em um aparelho eletrônico.

No transcorrer das discussões sobre o passado, os jovens de ambos os grupos mencionaram as origens familiares, relataram que não sabiam muita coisa sobre a história da família. Que sabiam apenas onde eles, os pais e os avós nasceram. Alguns sabiam contar um pouco da etnia e da cultura, mas com poucos detalhes. A maioria deles não se mostrava preocupado em não ter esse conhecimento sobre o passado familiar e muitos deles diziam que era importante saber sobre a história familiar, mas confessavam que não tinham tido despertada uma curiosidade em questionar seus pais de uma forma mais profunda. Os jovens foram interrogados sobre sua origem, inclusive étnica, visando levantar elementos para compreender sobre a sua identidade, e relatam alguns aspectos da história familiar:

A família do meu pai é alemã<sup>9</sup> e pelo que eu sei, ela se constituiu em Santa Cruz do Sul, só isso que eu sei. (Jovem01 E.C/ K./16 anos/Masc.).

A minha família tem uma mínima descendência italiana e portuguesa, e acho que indígena também, porque eles já viviam aqui, na verdade nós todos temos um pouco da descendência indígena. Eu não sei muito da história da minha família, talvez os meu bisavós tenham descendência portuguesa, os meus avós sempre moraram aqui (Jovem 04 E.C/M./16 anos/Masc.).

Nós somos descendentes da cultura alemã, não sei da história dos meus antepassados, os meus pais e avós não falam sobre isso, só sei que sempre moramos lá (Jovem 06 E.C/V./16 anos /Masc.)

---

<sup>9</sup>O uso de ‘alemã’ ser refere às origens dos antepassados que vieram para a região quando a colonização no século XIX aconteceu.

Eu sei que o meu pai é de origem alemã, a minha mãe eu não faço ideia, a minha avó é bem alemoa, nós não somos tão ligados à etnia e nem às culturas (Jovem 08 E.P./J./ 15 anos/Fem.).

O meu bisavô é de origem holandesa e foram para a Bahia, lá meus pais se conheceram e vieram para o Rio Grande do Sul, se instalando em Santa Cruz do Sul (Jovem 11 E.P./T./15 anos/Masc.).

Apenas um jovem relatou que tinha interesse em saber com detalhes sobre a sua família, mas o seu avô resistia em contar a história. A falta de alimentos e as dificuldades que seus familiares passaram foi um fato que o marcou, segunda a sua fala:

A minha mãe é mais serrana<sup>10</sup>, mais italiana, mais negro, mais gringo. No lado do pai são todos mais claros, a mãe do meu pai acho que são um pouco germânicos, do lado da minha avó, eles tem olhos azuis. A minha avó é bem morena, a minha bisavó é mulata, e a mãe da minha bisavó era escrava. Uns 3 meses antes do meu avó falecer eu perguntei como era no tempo dele, mas ele não respondeu, e ainda me perguntou: porque tu quer saber? Mas eu sei que eles passaram bastante trabalho, passaram fome também! (Jovem 02 E.C./L. /16 anos /Masc.).

Saber sobre a história, a memória e o passado é compreender um pouco sobre a cultura de seus ancestrais, e a cultura se dá pelo conjunto de valores espirituais e materiais que se acumulam ao longo do tempo. As diferentes manifestações e elementos culturais auxiliam na construção das culturas, sendo assim como um produto da aculturação de diversas origens (ORTIZ, 1994).

No contexto dos jovens entrevistados, questionou-se sobre sentir-se parte de uma etnia, e a maioria deles se sentem pertencentes a uma cultura. Sete jovens dizem possuir uma descendência alemã, dois jovens da escola comunitária e um da escola particular possuem descendência italiana e portuguesa, um jovem da escola privada é de origem holandesa e um jovem da escola comunitária diz possuir mínima descendência italiana, portuguesa e indígena também.

O trecho a seguir reproduz a fala de uma jovem, onde pode ser percebido um preconceito das pessoas em geral e em relação a ela e a sua família. Também pode ser visto por parte dela uma angústia de não pertencer a uma “origem alemã pura”, principalmente por sua pele ser mais escura que a maioria dos moradores de sua comunidade:

Percebo na minha família, na comunidade nem tanto, pode-se dizer que nós somos os únicos que não somos “puros”, chega a machucar! Isso me lembra o nazismo! Quando eu estudava na escola da minha comunidade eu percebia

---

<sup>10</sup>O “serrano” se refere à região alta do Vale do Rio Pardo.

muito esses preconceitos, além de mim e do meu irmão, tinha uns descendentes indígenas que se mudaram para lá e estudavam na mesma escola, e tinham a pele um pouco mais moreninha, quando acontecia alguma coisa na escola, não eram os alemãezinhos purinhos que eram culpados, e isso nós sentíamos muito! E já na EFASC eu nunca sofri nenhum preconceito, provavelmente é porque há uma grande diversidade aqui, e muitos que estão aqui já sofreram um tipo de preconceito. E vindo para cá todos entendem como cada um se sente quando sofre o preconceito e acaba não fazendo com o outro, porque sabe que não foi bom para mim, porque farei com outra pessoa. Felizmente a nossa região está se tornando um pouco mais diversificada. (Jovem 05 E.C./ S./16 anos/Fem.).

A maioria dos jovens diz possuir descendência alemã, seja por parte materna ou paterna. Um dos entrevistados ressaltou inclusive a importância de falar a língua alemã na região do Vale do Rio Pardo para conseguir trabalho, principalmente no setor do comércio. Segundo ele, são poucas pessoas que falam a língua alemã na zona urbana, e os que falam acabam tendo um diferencial competitivo. Ele descreve que comunidade onde vive os moradores comunicam-se quase que exclusivamente na língua alemã, que aprendeu ele com os seus avós:

Eu acho que a cultura alemã é muito valorizada nas comunidades, eu falo alemão, aprendi com o meu avô e minha avó, na minha comunidade os mais velhos falam entre eles só o alemão, e os mais jovens hoje, poucos falam o alemão. Eu sou de origem alemã, a minha bisavó veio da Alemanha e se instalou aqui em Santa Cruz do Sul e até hoje estamos em Santa Cruz do Sul. Nós nos sentimos pertencentes à cultura alemã, e hoje na cidade quem fala alemão é muito valorizado, principalmente no comércio. A minha prima foi procurar emprego na cidade, tinha três candidatas para uma vaga, e ela ganhou o emprego porque sabia falar o alemão. Eu acho que falar o alemão na nossa região é muito importante e acaba sendo um diferencial. (Jovem 03 E.C./ L./16 anos /Masc.).

Dois jovens da escola comunitária afirmaram que ainda existe muito preconceito entre a população do Vale do Rio Pardo, dando destaque ao preconceito racial e ao preconceito contra as mulheres, sobretudo aquelas que não têm sobrenomes germânicos. Infelizmente os preconceitos são mais visíveis nas comunidades de algumas cidades menores onde a cultura germânica predomina. Entretanto, estes jovens percebem que esses aspectos estão mudando em suas comunidades como em outras cidades, e lutam para que isso aconteça, mostrando para as gerações anteriores e para as novas gerações que não há diferenças entre as pessoas, todos são iguais, independente da religião, da cor, do sexo e das classes sociais.

No centro de Sinimbu tem uma população descendente de alemães, mas na minha comunidade que fica no interior de Sinimbu tem muito pouco. Na minha comunidade não se tem muito preconceito em relação a origem cultural, mas se tu for para o centro do meu município [...] tem muito preconceito racial, muita postura acima das demais pessoas por quererem assumir essa postura europeia e tal, se nota muito. Há muito preconceito contra a mulher por parte dos descendentes de alemães, são pessoas muito conservadoras, com um olhar muito fechado ainda, então eu acho que predomina muito no centro do município. Até porque no centro de Sinimbu

não se tem negros, na minha comunidade não tem, mas se tu sair nas regiões mais pobres, assim como em todos os lugares tu encontra negros. Na própria EFASC não tem negros, mas felizmente as coisas estão mudando. (Jovem 04 E.C./ M. /16 anos /Masc.)

Como a nossa região pode-se dizer que é quase toda colonizada por alemães, e pelo que eu sei e vejo na minha família, na minha comunidade, eles são um povo mais fechado, mais frio, e eles acabam não aceitando essas diversidades. A maioria deles é preconceituosa, é algo negativo, é o que eu entendo e é o que eu vejo, porque eu não sou totalmente alemã. O lado do meu pai é todo de origem alemã, a minha mãe é italiana, afro descendente indígena, portuguesa, é linda a família dela, e a família do meu pai é meio triste. Na minha comunidade tem 50 famílias e eles são todos de descendência alemã e não tem nenhuma outra etnia no meio dessas famílias, eles se consideram “puros”, é ruim, aí eles excluem ou diminuem quem não é “puro”, isso é horrível! A minha comunidade e uma parte da minha família é assim, o meu pai já é diferente, porque ele convive bastante com a família da minha mãe. Eu me importo muito com esse preconceito, acabo discutindo com as pessoas de um modo “bom”, pelo menos colocando a minha opinião, mostrando que todos nós somos iguais. Existe também bastante preconceito com a mulher na minha comunidade e eu discuto bastante, tentando mostrar que nós não temos diferenças, e tem também, mas nós temos que ser respeitados de qualquer forma, independente da cor e orientação sexual que é o preconceito maior ainda (Jovem 05 E.C./ S. /16 anos/Fem.).

Em contraponto aos jovens que indicaram a região do Vale do Rio Pardo como preconceituosa, o trecho a seguir mostra uma opinião diferente. O jovem afirma que as pessoas que residem aqui na região possuem um certo distanciamento em relação as pessoas vinda de outros lugares. Apesar de não ser natural da região, mas residir há vários anos no Vale do Rio Pardo, ele percebe principalmente através dos adolescentes a formação de grupos, na qual se unem com o propósito de buscar os mesmos objetivos e por terem os mesmos gostos, dificultando a aproximação de outros jovens ao grupo que não tem os mesmos interesses. E de acordo com a sua fala, ele presenciou algumas situações parecidas em seu colégio, que recebe muitos alunos de outras regiões e de outros países, procurando facilitar as integrações entre eles e as inclusões:

Eu sei que o meu pai é de origem alemã, a minha mãe eu não faço ideia, a minha avó é bem “alemoa” nós não somos tão ligados a etnia e nem as culturas, na verdade estamos no meio termo, nós nunca participamos de grupos de CTGs, mas quando tem algum evento na cidade nós acabamos indo, mas nada muito forte. Como eu não sou natural de Santa Cruz do Sul, apesar de morar há bastante tempo, eu percebo que a região daqui é bem fechada, eu acho que eles não deixam as pessoas se integrarem tão fácil, eu acho que a comunidade santa-cruzense acabou criando vínculos, e principalmente os adolescentes acabam criando grupos de amigos que você acaba conversando mais, e já conhece os gostos, os estilos, e para enturmar outros adolescentes de fora é bem complicado, nós percebemos quando vem alunos de fora, mas a gente tenta fazer o possível para se relacionar e incluir, mas nem sempre é fácil. Mas acho que não é uma região preconceituosa, pelo menos nunca presenciei (Jovem 08 E.P/ J. /15 anos /Fem.).



Apenas dois jovens da escola particular acreditam que a região do Vale do Rio Pardo não é preconceituosa, e sim muito receptiva. Inclusive um dos jovens menciona as diferenças culturais de dois colegas de sala de aula que estão inseridos na sociedade regional e não se sentem retraídos por serem de outros países ou por apresentarem algumas diferenças de raça, sexo e religião, pelo contrário, foram bem recebidos. Segundo o relato, as tecnologias e os estilos musicais abrangeram muitas nações nos últimos anos, possibilitando assim o acesso por qualquer pessoa e em qualquer parte do mundo, pois os significados e as representações são as mesmas na esfera global, podendo ser interpretada por qualquer sujeito.

Nesse sentido, Lemos (2005) destaca que as tecnologias da informação e comunicação (TICs) são conjuntos de sistemas de comunicação, tecnologias e redes integradas que se convergem, facilitando a troca de informações e experiências entre indivíduos. Atualmente o meio de comunicação, principalmente a internet, vem abrangendo de uma forma geral todas as necessidades da sociedade, por estar em um meio virtual, consegue-se atingir e divulgar a história e as características particulares conectando com pessoas do mundo inteiro.

O meu bisavô veio da Alemanha para Santa Cruz do Sul na época da Segunda Guerra Mundial, aqui ele conheceu a minha bisavó e casou com ela, e os meus avós, meus pais e eu nascemos em Santa Cruz do Sul. Eu acho que Santa Cruz não é uma cidade preconceituosa, eu acho que todos conseguem se dar bem. Eu tenho um colega de origem africana e ele toca em bandinha alemã. Esse meu colega chinês não teve dificuldade em se inserir na sociedade, até porque no último século basicamente, a maioria das nações se americanizaram, por exemplo, a tecnologia e a música está acima da cultura basicamente, então quando ele chegou aqui ele foi bem vindo, ele conseguiu se enturmar com as pessoas por causa de alguns jogos que nós jogamos no computador e no celular e ele também jogava lá na China, então era muito parecido, o tipo de roupa que ele usava era muito semelhante a nossa, então ele não teve nenhuma dificuldade de se relacionar (Jovem 10 E.P./ N./15 anos/Masc.).

Nós não seguimos tradições nacionais, mas seguimos religião espírita. Eu não vejo preconceito em Santa Cruz, pelo contrário vejo a região bem receptiva (Jovem 11 E.P./T./15 anos/Masc.).

Esta jovem em particular, apesar de perceber diversidade, percebe que a cultura germânica predomina na região, sendo assim uma identidade regional. Principalmente por meio das festas típicas e eventos comemorativos, atraindo turistas e pessoas de outras culturas para a região:

Eu acho que Santa Cruz do Sul tenta mostrar o máximo da cultural alemã, como, por exemplo, a Oktoberfest, e outras festas que o município realiza. O Enart também acaba atraindo muitos turistas para a região, são festas realizadas para poder mostrar mais a cultura. Eu percebo que a nossa região é bem diversificada, mas eu acho que eles continuam prevalecendo à cultura alemã, eu acho isso muito interessante porque você acaba demonstrando essa cultura e acaba trazendo outras pessoas de diferentes culturas para a região. (Jovem 08 E.P./J./15 anos /Fem).

Em relação às atividades de rotinas, também fica evidente a diferença entre os jovens das duas escolas. O modo de viver, as diferentes experiências adquiridas, as diferentes opções de lazer de cada jovem, os esportes e a questão de pertencer a todos esses aspectos é o que a temática do **cotidiano** aponta. Ao justificar a escolha das fotos, a maioria das respostas dos sujeitos referia-se às coisas que mais gostavam de fazer, as coisas que os interessavam, que de uma forma ou de outra fazia parte da vida deles, do seu cotidiano, era uma forma de representar os momentos e os lugares importantes de suas vidas.

Eu escolhi essas fotografias porque são coisas que eu mais gosto de fazer. Eu não sou muito de sair na casa dos amigos nos finais de semana, eu gosto mais de ficar em casa mexendo com os meus bichos e trabalhando na minha horta e gosto de jogar futebol. Nos sábados de tarde eu aproveito para andar de cavalo e de vez em quando vou nos sábados de noite em uma festa. Não tenho paciência para ficar no celular ou na internet, só quando eu preciso mesmo, eu gosto de estar com os bichos e na lavoura. (Jovem 03 E.C/ L./16 anos/Masc.).

Eu escolhi essas imagens porque elas fazem parte da minha vida quando estou na minha comunidade, como por exemplo, a imagem da minha égua, a primeira coisa que eu faço ao acordar é ver ela e poder tratar os animais, e a outra imagem é quando eu acordo e vejo essa paisagem, é a primeira paisagem que eu vejo no meu dia. (Jovem 01E.C/K.16 anos/Masc.).

Para mim todas essas imagens selecionadas representam momentos e locais importantes para mim, são essas imagens que marcam e ficam registradas. (Jovem 04E.C/M.15 anos/Masc.).

### **Fotografia 07 - Animais**



Fonte: Participante da pesquisa – Jovem 03 E.C/ L./16 anos/Masc.

É visível o orgulho e o afeto que esses jovens sentem por seus animais, pela produção diversificada de hortaliças, pela paisagem de sua propriedade, pelo aproveitamento dos espaços respeitando a natureza, pelo comprometimento, responsabilidade e preocupação com

o meio ambiente. Eles mesmos perceberam que a partir do momento em que iniciaram seus estudos na EFASC suas vidas mudaram, suas atitudes, a forma de pensar, o jeito de agir e interagir com as pessoas mudaram, suas famílias mudaram, assim como a produção agrícola nas suas propriedades também mudou, procurando diversidade produtiva para fugir da dependência de determinadas culturas.

Eu escolhi essas fotografias porque elas me chamam atenção, me identifica na minha região e são muito importantes para mim, como por exemplo, essa fotografia representa o lazer, é o que eu gosto de fazer: laçar, cavalgar; essa imagem é de acampamento, eu gosto de ir a rodeios e cavalgadas, é a coisa que eu mais gosto; essa imagem do fumo que significa a principal cultura, essa outra é em casa com os cavalos; essa imagem mostra um pouco do relevo da propriedade; essa outra imagem mostra a sanga que passa na propriedade para os animais se refrescarem e tomarem água; essa é uma imagem muito importante, o solo; essa outra é açude, é uma reserva de água da propriedade, que aproveitamos para criar peixes para o nosso consumo e para venda; tem essa imagem que é a área de preservação permanente da propriedade; tirei uma foto representando a alimentação, a produção de hortaliças iniciou a partir do momento em que eu iniciei na EFASC, antes plantávamos somente o Tabaco, hoje eu sou responsável pela produção de alimentos e temos na propriedade mais de 17 culturas diferentes sem o uso de agrotóxicos, por enquanto a produção é para o nosso consumo, mas queremos aumentar para poder comercializá-la (Jovem 06 E.C./V./16 anos/Masc.).

### **Fotografia 08 - Produção de peixes**



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 06 E.C./V.16 anos/Masc.

Por mais que as propriedades familiares estejam cultivando diversos produtos, alguns jovens percebem e consideram que o tabaco é uma cultura significativa na região. Percebe-se inclusive na imagem do ponto turístico que a cultura do tabaco também está presente.

Essa é a imagem do fumo que significa a principal cultura (Jovem 06 E.C./V./16 anos/Masc.).

### Fotografia 09 - Morro Itacolomi e o fumo



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 06 E.C./V.16 anos/Masc.

Essa outra imagem representa o ponto turístico de Passo do Sobrado, o Morro do Itacolomi, que atrai principalmente nos finais de semana muitos curiosos e turistas para a visitação (Jovem 06 E.C./V./16 anos/Masc.).

No trecho da entrevista reproduzido abaixo percebemos que as imagens escolhidas para a pesquisa foram relacionadas a assuntos e coisas que são importantes para a jovem, como as experiências realizadas para o colégio envolvendo a sua família, os aprendizados e trocas de informações recebidas pelas gerações passadas, a preocupação em manter o grupo de mulheres de sua comunidade, na qual ela faz questão de se fazer presente em reuniões que discutem assuntos relevantes a sua comunidade defendendo e lutando por seus direitos:

Eu escolhi essas imagens, porque realmente essas coisas me interessam, é o que eu busco, como por exemplo, o grupo de mulheres, das experiências que eu troco com a minha mãe e a minha avó, a maioria da minha pesquisa, dos meus estudos são sobre esses assuntos. Tem bastante imagens do grupo de mulheres, porque eu luto pelo empoderamento da mulher na minha comunidade, porque elas tem conhecimento, e elas não valorizam esse conhecimento e o grupo é uma forma de elas valorizarem esse conhecimento. (Jovem 05 E.C./ S. /16 anos/Fem.)

### Fotografia 10 - Grupo de mulheres



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem05E.C./ S. 16 anos/Fem.

Por outro lado, os jovens da escola particular mostraram em seus relatos que a escola e o esporte eram e continuam sendo muito importantes em suas vidas e mesmo os jovens que migraram de outros lugares destacam um laço forte com a instituição. Um dos entrevistados, que teve os aspectos relacionados à escola predominantes nas suas respostas, escolheu sete, entre dez imagens, que reproduziam os espaços dentro da escola e as outras três de imagens urbanas. Os acontecimentos relatados resgatam desde a fase infantil até a fase atual, evidenciando um forte vínculo com a escola. Sendo assim, os momentos escolhidos são únicos, representando diferentes espaços, tempo e significados, que para cada jovem é importante. Assim cada peculiaridade do seu cotidiano é o resultado de um conjunto de significações, que são formados dos aspectos já existentes com os aspectos de agora, identificando cada sujeito no seu espaço, assim como os jovens da escola comunitária gostam de ficar em meio a realidade rural dos pais, os jovens da escola privada gostam e se identificam com os aspectos urbanos.

Eu acabei pegando as imagens do campo, da pista e da quadra (da escola) porque eu passei muito tempo da minha vida jogando e fazendo esportes, então o esporte foi uma coisa muito importante para mim e ainda continua sendo, é algo que me alivia, que eu me divirto, algo reconfortante. Essa terceira é a imagem do quiosque da escola, fica próximo as quadras de esporte, eu escolhi essa imagem porque eu passei bastante tempo no quiosque, é um lugar que me relaxa bastante quando estou estressado, simplesmente sentava ou deitava naquele banquinho ali atrás e relaxava. Essa outra imagem é na pracinha do colégio, e para mim esse lugar é muito importante, porque desde criança eu estudei aqui, e essa pracinha me lembra muitas coisas boas na minha infância. Essa imagem também é no colégio, mas era mais limpo, também gostava muito de ficar nesse espaço. Essa imagem é na quadra de basquete, que representa um dos meus esportes favoritos, e onde eu passo bastante tempo aqui. Essa outra imagem é no riachinho da escola hoje, quando eu estava na 1ª série ele era menor e mais bonito, nós fazíamos atividades no matinho e podíamos até tomar banho nele. E eu escolhi essas imagens porque elas são muito importantes para mim, elas removem o meu passado e fazem parte da minha vida. (Jovem 07 E.P/ G./16 anos /Masc.).

### Fotografia 11 - Esporte favorito



Fonte: Participante da pesquisa – Jovem 07 E.P/ G./16 anos /Masc.

### Fotografia 12 - Pracinha do colégio



Fonte: Participante da pesquisa – Jovem 07 E.P/ G./16 anos /Masc.

Muitas delas foram lugares que eu vivenciei quando eu era criança, que eu geralmente ia. São momentos que fizeram parte da minha vida. Essa primeira foto mostra a área do espirobol do meu colégio, no primeiro dia que eu cheguei no colégio, a primeira coisa que eu fiz no recreio foi jogar espirobol (Jovem 10 E.P./ N./15 anos /Masc.).

### Fotografia 13 - Onde tudo começou



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 10 E.P./ N./15 anos

Um participante relembrou momentos importantes de sua infância: o seu avô, hoje já falecido, esteve muito presente no seu dia-a-dia, além de levar e buscar na escola todos os dias, os dois passeavam muito, foram momentos marcantes em sua vida. Além da escola este jovem destacou outras imagens que são importantes, como o parque da Oktoberfest, o monumento em homenagem aos imigrantes, e um dos lugares mais frequentado por ele e seu avô: o Quiosque e a Praça Getúlio Vargas.

Bom, sem falar de que elas já me marcaram bastante né. O meu avô me levava na escola todos os dias e quando ele ia me buscar nós íamos quase todos os dias comer sorvete no Quiosque. A Oktoberfest me marcou bastante porque eu fazia parte do grupo do grupo de danças, todos os anos eu participei do Oktoberfest. A pista de corrida da escola, eu tive que parar de fazer o basquete para entrar na educação física e os 9min na pista que eu nunca vou me esquecer, correr no sol por 9min naquela pista, eu nunca vou me esquecer. O Ginásio que eu jogava basquete e consegui um certificado de jogar com um treinador internacional. A praça desde pequeno me levava na praça para andar com aquelas motinhos. A imagem dos imigrantes, sempre me marcou essa imagem, todas as vezes que eu passava por ela eu ficava olhando para ela, pois ela tem uma história, mostra os imigrantes chegando na cidade. Eu usei essas imagens porque realmente elas me marcaram e me marcam muito, me faz lembrar de coisas boas, momentos bons. (Jovem 09 E.P./F./17 anos /Masc.).

#### Fotografia 14 - Praça Getúlio Vargas



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 09 E.P./F.17 anos /Masc.

Como percebemos nos relatos e assim como diz Abramovay (2009), o jovem contemporâneo não pode ser considerado homogêneo em uma sociedade, ele possui diferentes significados que são construídos ao longo de vários fatores - estereótipos, momentos históricos, classes sociais e entre outros.

A imagem fotográfica representa diferentes concepções. A análise do olhar fotográfico dos jovens entrevistados ainda mais, possibilitando assim novas percepções e significações sociais, ou seja, ela permite perceber detalhes profundos em um conjunto de elementos provocando sensações visuais diferentes em cada indivíduo. Nesse sentido, a temática **laços**

**sociais e afetivos** evidencia importantes representações em relação à família, vizinhos, colegas, animais de estimação entre outros, principalmente em relação ao pertencimento, que leva a questão que foi apresentada aos entrevistados: se alguma imagem provocou um sentimento de pertencimento.

Surgiram vários aspectos que para eles representam uma forma de pertencimento. Os jovens da escola comunitária, por exemplo, apontaram as imagens da família, namorada, animais, casa e conferências como significação.

Da região é eu com a minha namorada, ela é tudo para mim, não importa o tempo eu sempre dou um jeito de estar com ela. E a outra imagem seria a minha família, os meus pais. (Jovem 02 E.C./L. 16 anos/Masc.).

### Fotografia 15 - Namorada



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 02 E.C./L. /16 anos/Masc.

### Fotografia 16 - Família



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 02 E.C./L./ 16 anos/Masc.

A economia e cultura gaúcha são marcadas pela vida no campo, pela criação e reprodução de gado bovino, equino e ovino. O cavalo se destaca por estar ligado à identidade



do gaúcho de maneira indissociável. Para esses dois jovens que tem seus relatos reproduzidos a seguir, a imagem dos animais é aquela que representa o pertencimento, principalmente os bovinos e equinos, que além de serem animais utilizados na propriedade rural e auxiliarem no transporte, representam a cultura gaúcha em si, que está muito presente na região do Vale do Rio Pardo.

(Pertencimento) para mim é a imagem dos animais. (Jovem 03 E.C/L./16 anos/Masc.).

### **Fotografia 17 - Bovinos**



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem03 E.C/L.16 anos/Masc

Seria essa imagem dos cavalos, porque na minha região tem muitos rodeios e cavalos. (Jovem 06 E.C./V. /16 anos/Masc.).

### **Fotografia 18 - Símbolo da cultura gaúcha**



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 06 E.C./V. 16 anos/Masc

O jovem que optou pela Fotografia 19 considera os livros como um modo de pertencimento da região. Segundo ele, os livros possibilitam conhecer e compreender diversas culturas, lugares, pessoas permitindo assim, viajar sem sair de casa.

Com certeza a imagens dos livros, porque é um mundo dentro da nossa casa, nós temos muitas informações, muitas histórias e muitas coisas que não conhecemos pessoalmente e nem sabemos que existe e está dentro da nossa casa (Jovem 04 E.C./ M./ 16 anos/Masc.).

### **Fotografia 19 - O mundo dentro de casa**



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 04 E.C./ M. 16 anos/Masc.

A construção da realidade e as relações humanas acontecem no espaço através das forças de trabalho e pelas relações e modos de trabalho, ou seja, a construção social forma o território, e no momento em que o sujeito participa da construção do território, ele acaba se apropriando e se identificado com o território através da relação social de comunicação, e assim o espaço torna-se o território do sujeito. Desse modo, o espaço torna-se um campo de possibilidades, na qual as relações humanas, políticas, econômicas, sociais e culturais constituem-se facilitando as resoluções mediadas pelos indivíduos, de modo que os interesses sejam articulados no território (RAFFESTIN, 1993).

Percebe-se que o jovem cujo relato vem a seguir participou da construção social, criando laços afetivos se apropriando e se identificando com o seu território, de modo que ele sente-se pertencente a ele, revelando um sentimento de segurança e confiança do local em que ele vive, de se sentir pertencente a aquele território:

A imagem da casa me provoca um sentimento de pertencimento, pelo fato de que é um local seguro, como se percebe nessa foto, tem muitos equipamentos de trabalho dos agricultores da comunidade e da associação, e ninguém mexe, e as pessoas se respeitam eu considero a minha localidade um lugar muito seguro (Jovem 01 E.C./K. /16 anos/Masc.).

### **Fotografia 20 - Lugar seguro**



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 01 E.C./K. 16 anos/Masc.

A jovem da escola comunitária confessa que os interesses políticos, principalmente voltados à sua comunidade e à juventude são muito importantes para ela. Poder participar de conferências e trocar informações com pessoas que buscam o mesmo ideal é maravilhoso. É interessante perceber em diversas falas desta mesma jovem essa preocupação e o interesse demonstra a ligação dela com o seu território e as pessoas que fazem parte desse meio. Constatando uma particularidade que há nessa região, da luta pelos direitos humanos e pelo bem maior, independente das forças hegemônicas.

Independente de ser funcional ou natural, a região procura atender interesses políticos precisos, pois ela é construída socialmente, por práticas sociais de diferentes sujeitos em diversas escalas, através de reflexões teóricas ou por meio de políticas setoriais e por interesses hegemônicos e não-hegemônicos. As peculiaridades são os aspectos que definem uma região, e como essas particularidades influenciam no todo, e o todo influencia nas particularidades, a região é variável (LIMONAD, 2004).

É a imagem da conferência do jovem e da mulher. Como eu gosto de política, dentro da conferência do jovem eu me senti pertencente daquele momento, porque nós discutimos políticas públicas para o jovem e para a mulher jovem, foi muito legal, poder conhecer pessoas diferentes e argumentar e discutir sobre diferentes assuntos de uma forma boa, além de trocar experiências e debater. (Jovem 05 E.C./ S. 16 anos/Fem.).

### Fotografia 21 - Política



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 05 E.C./ S. /16 anos/Fem.

As imagens escolhidas pelos jovens da escola comunitária, sobre sentir-se pertencente a algo, referem-se às coisas que eles se dizem gostar de fazer, dos momentos especiais, e diferentemente dos jovens da escola particular, eles se remetem muito a família. Entretanto os jovens da escola particular escolheram em sua maioria as imagens urbanas para este estudo. Três desses jovens relataram que a escola onde estudam é um local que provoca um sentimento de pertencimento à região, provocando um sentimento de lembranças agradáveis, de relaxamento e calma, e por passarem um bom tempo de suas vidas nela. É interessante perceber que eles não se remetem a família, ou ao lar.

É imagem do quiosque da escola, ela me provoca um sentimento de pertencer à região, porque eu me sinto muito bem ali, e por ser um local que me traz boas lembranças, me relaxa e me acalma. (Jovem 07 E.P./ G./16 anos/Masc.)

### Fotografia 22 - Quiosque da escola



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 07E.P./ G.16 anos/Masc.

Para mim é o colégio, porque é onde eu passo o maior tempo e eu me sinto pertencente a ele. (Jovem E.P./F./17 anos/Masc.)

É a imagem do colégio, porque passo um bom tempo da minha vida nele. (Jovem 10 E.P./N./15 anos/Masc.)

### **Fotografia 23 – Escola: segunda casa**



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 10 E.P/N./15 anos/Masc.

Outra jovem cita dois pontos turísticos de Santa Cruz do sul para identificar a forma de pertencer à região, de acordo com narrativas anteriores estes pontos turísticos representam a região e a ela também. Nesse sentido, Flores (2006) destaca que as estratégias de valorização de produtos locais podem estar associadas ou não na construção social de um território, portanto estes fatores são formados principalmente pelo patrimônio natural e o patrimônio histórico-cultural do território.

Para mim é a Catedral São João Batista e a imagem da Cruz, porque são pontos turísticos. (Jovem 08 E.P./J./15 anos /Fem.)

### **Fotografia 24 - Catedral São João Batista**



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 08 E.P./J./15 anos /Fem.

### Fotografia 25 - A Cruz



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 08 E.P./J./15 anos /Fem.

E por último, um jovem destaca a imagem em que é possível visualizar a cidade, de uma forma ampla, podendo perceber as mudanças ocorridas nos últimos anos no espaço urbano. A paisagem arborizada foi substituída por moradias, prédios e indústrias. O desmatamento é visível e todos os espaços estão sendo ocupados. A percepção que este jovem tem em relação ao local onde vive é semelhante a outros lugares: o desenfreado aumento populacional para as áreas urbanas tem causado muitos conflitos e danos em alguns espaços geográficos, resultando em paisagens superficiais e de certa forma poluídas. Nesse sentido, segundo Souza (2003), a grande cidade capitalista é o lugar privilegiado e ocorrência de uma série de processos sociais, entre os quais há acumulação de capital e a reprodução social tem importância básica. Estes processos criam funções e formas espaciais, ou seja, criam atividades e suas materializações, cuja distribuição espacial constitui a própria organização espacial urbana influenciando decisivamente onde os membros de cada grupo podem viver.

É essa imagem da cidade. No meu tempo livre eu fico observando essa paisagem e dá para ver muitas mudanças que vêm tendo nos últimos anos, por exemplo esses prédios e casas não tinham há uns 5 anos atrás, já tem indústrias por aqui, o desmatamento está bem visível, tinha até gado aqui, agora não tem mais nada, tudo está sendo ocupado por casa e edifícios. É uma coisa que acontece no mundo não só em Santa Cruz. (Jovem 11 E.P./T./15 anos/Masc.).

### Fotografia 26 - Vista da cidade



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem (11E.P./T. 15 anos/Masc.

Na tematização **representação regional**, a que mais se relaciona com o objetivo da dissertação, buscou-se analisar como a região é representada e percebida pelos jovens por meio da fotografia, e como eles gostariam de ver a sua região representada. Procurou-se saber também quais foram às representações encontradas e com o que eles mais se identificam na região e quais as culturas percebidas por eles, se conhecem e frequentam o Vale do Rio Pardo. Foi pertinente ainda, compreender a relação de pertencimento e a inclusão dos jovens entrevistados das duas escolas por meio de fotografias.

A maioria dos jovens da escola comunitária conhece o Vale do Rio Pardo e costuma transitar por ele. Quando fazem as visitas em propriedades rurais, por intermédio da escola, para conhecerem o procedimento de plantio e quando fazem o estágio de vivência numa propriedade rural, quando permanecem alguns dias em uma propriedade diferente da sua casa, para aprender outras técnicas de plantio e conhecer outras diversidades rurais.

Agora na escola que eu estou conhecendo mais, porque eu era muito de ficar em casa, a mãe não me deixava quase sair, era da escola para casa, de casa para a escola e eu pouco saía, agora estou conhecendo lugares novos. (Jovem 02 E.C./L./16 anos/Masc.).

A maioria dos municípios, eu conheço. Mas eu acabei conhecendo a região do Vale do Rio Pardo por meio da escola. (Jovem 05 E.C./S./16 anos/Fem.).

Eu costumo circular pelos municípios do Vale do Rio Pardo, eu participo em muitas festas nas comunidades, até para vir para a escola eu acabo passando por Herveiras, Vale do Sol, por Vera Cruz, por Santa Cruz do Sul. Eu tenho um conhecimento grande nesses municípios. O meu estágio de vivência foi em Rio Pardo, onde eu moro é serra e lá é baixada. Eu percebi muitas diferenças, mas tudo isso são experiências novas que vamos adquirindo. Acabamos indo em muitas conferências e encontros pela EFASC no Vale do Rio Pardo (Jovem 04 E.C. /M. /16 anos/Masc.).

Por outro lado, os jovens da escola particular conhecem pouco o Vale do Rio Pardo, alguns deles apontaram que nunca haviam percebido o fato que não conhecem o entorno do seu município. Muitos deles só conhecem o local onde moram, sendo que a maioria costuma

viajar nas férias de verão para outros lugares, conforme já citado. Todavia, eles alegam que não tem interesse em conhecer de fato a região e que os lugares que já frequentaram o fizeram por meio da escola ou do esporte.

Eu não conheço, eu só conheço Santa Cruz do Sul mesmo, o tempo que eu passei em Santa Cruz foi de casa para o colégio e algumas partes e ir ao shopping Center. (Jovem 07 E.P./ G./16anos/Masc.)

Francamente eu não vou muito ao redor de Santa Cruz do Sul. (Jovem 11 E.P/T./ 15 anos/Masc.)

Por nome eu mais ou menos sei, mas dizer que eu conheço o Vale do Rio Pardo a fundo, não. (Jovem 08 E.P./J./15 anos/Fem.)

Ao falarem sobre suas histórias, foi questionado aos jovens como eles acham que a região do Vale do Rio Pardo é representada. Três deles acreditam que a região é associada à produção do tabaco.

Quando eu penso em Vale do Rio Pardo, eu penso que ela é representada pela cultura do tabaco, quando se fala em Vale do Rio Pardo geralmente falam que os produtores só produzem o Tabaco e não plantam mais nada, só isso! (Jovem 01E.C./K.16 anos/Masc.).

Eu acho que ela é representada pela produção do tabaco. (Jovem 06.E.C./V. 16 anos/Masc.).

Ela é representada pela cultura do Tabaco. (Jovem 03E.C./L. 16 anos/Masc.).

Dois jovens, além de perceberem a predominância do cultivo do tabaco, também perceberam uma grande diversidade cultural na região, compreendendo que nenhum lugar é igual ao outro, cada região possui suas particularidades.

Ela é representada pelo tabaco e por muita diversidade, muitas realidades diferentes, podem ser cidades vizinhas, mas tem muitas coisas diferentes de um lugar para o outro. A cultura, as pessoas, os lugares também, a paisagem, tudo muda, sempre tem alguma coisa diferente, nenhum lugar é igual ao outro. Sempre tem alguma coisa que identifica mais. (Jovem02 E.C./ L./16 anos/Masc.)

As comunidades elegem o tabaco como representação da economia da região, como algo bom. A diversidade também seria uma representação. (Jovem 06 E.C./V./16 anos/Masc.)

E apenas um jovem acredita que a região do Vale do Rio Pardo é vista pela diversidade cultural e de produção de alimentos, e não pela cultura do tabaco. Afirmando também que cada região possui seus gostos, suas tradições e seus costumes.

Eu acho que ela é representada pela diversidade, tanto cultural quanto de produções, relevos de solos e de gostos. As diversas peculiaridades de cada município, eu acho que a diversidade é o que mais representa o Vale do Rio Pardo.(Jovem 04 E.C./ M. /16 anos/Masc.)



Após isso, foi questionado aos jovens da escola comunitária como eles percebem o Vale do Rio Pardo, ou seja, qual é a sua visão em relação a região. Dos seis jovens entrevistados, três percebem e vêem a região representada pela cultura do tabaco, principalmente porque o seu entorno é envolvido pela produção, e a maioria dos moradores dessas localidades são beneficiadas pela produção do tabaco. Segundo o relato de um dos jovens, o agricultor acaba tornando-se prisioneiro da cultura do tabaco, por ser um sistema integrado, dificultando assim, a diversidade nas propriedades:

Eu vejo que a região é representada pelo tabaco, mas eu não vejo ele como uma coisa boa, porque ele é de um sistema integrado que prende o agricultor a cultura, e assim ele não se sente motivado a produzir outras culturas, porque ele não tem esse espaço e nem essa liberdade. (Jovem 05 E.C./S./16 anos/Fem.)

Eu vejo ela também como uma grande produtora de tabaco, principalmente na minha comunidade tem muitos plantadores. (Jovem 03 E.C./L./16 anos/Masc.).

Eu vejo a minha região representada pela cultura do tabaco. Na minha comunidade tem 50 famílias e todos são plantadores de fumo. (Jovem 06 E.C./V./16 anos/Masc.).

Este outro jovem que também se diz produtor de tabaco, considera a sua região não só pela cultura do tabaco, mas também pela diversidade de alimentos:

Eu não vejo a nossa região só pela monocultura do tabaco, eu a vejo como um processo de diversificação, que as famílias estão produzindo outros alimentos, tanto para a sua subsistência, como para a venda. (Jovem 01 E.C./K./16 anos/Masc.)

Os dois jovens que tem as respostas descritas a seguir afirmam que a região do Vale do Rio Pardo é diversificada, tanto culturalmente quanto economicamente. Um dos jovens faz uma crítica em relação a identidade do Vale do Rio Pardo: segundo ele, a região é conhecida e vista por muitas pessoas apenas pela produção de tabaco e pela cultura gaúcha, muitos tentam vender a imagem da região por esses dois aspectos. De acordo com algumas experiências escolares, ele confirma que a diversidade predomina na região, principalmente a diversidade de alimentos, mas sabe que muitos agricultores familiares, inclusive na sua localidade ainda são produtores e são beneficiados apenas pelo tabaco.

Eu vejo o Vale do Rio Pardo diversificada. (Jovem02 E.C./ L. 16 anos/Masc.)

Eu vejo a região do vale do Rio Pardo pela diversidade. Apesar de muitos quererem colocar a nossa diversidade dentro de um saquinho, de um quadrado, querendo passar uma ideia para o resto do Brasil e do mundo que o Vale do Rio Pardo só planta fumo e só tem a cultura gaúcha, mas eu acho que a diversidade nos representa muito e que se formos realmente olhar a diversidade é que denomina. Por que o estágio de vivência é um instrumento

que mostra isso, porque eu sai de Sinimbu e fiquei uma semana em Rio Pardo e mudou tudo, lá não plantam fumo! Então como eu vou dizer que o Vale do Rio Pardo só planta fumo se em Rio Pardo não plantam fumo? Em Rio Pardo eles plantam melancia, arroz e café e em Sinimbu não se planta melancia nem arroz e nem café, o relevo é totalmente diferente e essa diversidade é o mais impressionante. Se eu não me engano o único produtor de café no Rio Grande do Sul estuda aqui na EFASC. Por mais que existem várias rotas alternativas, existe uma grande quantidade de famílias que ainda produzem o fumo, tanto que Venâncio Aires é o segundo maior produtor do Brasil e o maior produtor no Vale do Rio Pardo. Na minha comunidade todas as famílias produzem o fumo. (Jovem 04 E.C./ M. /16 anos/Masc.)

Nessa perspectiva fica evidente a relação que os jovens da escola comunitária encontram entre o tabaco e a região, mas eles articulam que gostariam que a sua região não fosse apenas associada ao tabaco. E como representam o território pelo que é vivido por eles, pelo espaço rural e pela produção primária, eles gostariam de ver a região associada à diversidade. Dos seis jovens entrevistados, dois jovens destacaram que gostariam de ver a região ainda mais diversificada, tanto pela produção, como pela diversidade cultural. Eles destacam que gradualmente a produção de tabaco diminui nas suas propriedades, aumentando cada ano a produção de alimentos e hortaliças. Percebe-se uma mudança tanto dos jovens quanto nos seus familiares em relação aos aspectos sociais e econômicos, onde há uma preocupação e responsabilidade com o uso dos agrotóxicos, e uma busca por uma vida mais saudável é visível, pois muitos deles são responsáveis pelos produtos que vão à mesa do consumidor.

Eu gostaria de ver a minha região mais pela produção de alimentos, do que ser vista pelo tabaco. A minha família produz o tabaco, mas cada ano a produção está diminuindo e aumentando a cada ano a produção de alimentos e hortaliças. O que mais produzimos é alface, repolho, brócolis e algumas frutas. Produzimos para venda e para o nosso consumo. Estamos aumentando a criação de porcos e aumentando a produção de leite pra vender para os vizinhos e depois para o mercado. Antes de entrar na escola eu e minha família não tínhamos o conhecimento que temos hoje sobre o fumo, o que ele causa e o custo dele, hoje não é muito viável para o agricultor plantar o tabaco. Antes nós só trabalhávamos e não participávamos das discussões sobre o plantio do fumo e de outras hortaliças, hoje participamos, perguntamos e damos opinião. Para o futuro pensamos em parar de plantar o tabaco. (Jovem 02 E.C./ L./16 anos/Masc.)

Eu quero ver a minha região ainda mais diversificada, com uma maior produção de alimentos saudáveis, eu acho que é uma visão que todos queremos ter, porque é necessário a gente mudar um pouco o nosso olhar. (Jovem 04 E.C./ M./ 16 anos/ Masc.).

Desde os anos 80, os jovens já se preocupavam com a preservação do meio ambiente, de acordo com Brandão (1992), o desenfreado crescimento industrial, a produção e o consumo material eram os grandes culpados pelas agressões ecológicas, sendo alvo de críticas. Em muitos países periféricos a exploração dos recursos naturais já era percebida,

além do indevido uso de inseticidas e agrotóxicos em alimentos. É possível perceber nas falas destes dois jovens o perigo do uso de agrotóxicos e as consequências de uma região desmatada. Eles estão cientes dos efeitos causados pela produção do tabaco na propriedade e em relação a sua saúde, convencendo aos poucos a família a diminuir a produção para investirem em outras produções tornando-se muitas vezes mais rentáveis.

Eu gostaria de ver a região preservada, com menos desmatamento, com mais agricultura orgânica e um menor uso de agrotóxicos nas plantações e uma agricultura mais diversificada. Hoje sabemos que o fumo dá uma renda boa, mas castiga e judia muito o agricultor. É possível plantar hortaliças sem agrotóxicos, o fumo também, mas plantar fumo orgânico é muito mais trabalhoso e gera mais despesas. Na cabeça do meu pai é só o fumo que dá dinheiro, mas nós sabemos que não é assim, engana muito. Aos poucos estou mostrando para ele que as hortaliças e outros alimentos, podem dar uma boa renda, maior que a do fumo, sem precisar usar agrotóxico! (Jovem 06 E.C/ V. /16 anos/Masc.).

Em primeiro lugar eu gostaria que fosse proibido o uso dos agrotóxicos. Eu conversei com o meu pai, por que ele utiliza agrotóxico, mas ele é “cabeça dura” e não me ouviu, daqui a alguns anos as consequências do uso de agrotóxicos serão muito mais visíveis, todos esses venenos que eles colocam perto de vertentes e que acabamos ingerindo, quais as doenças que vai causar? Meu pai conta hoje que nos anos de 1960, quando o meu pai era criança, não se ouvia falar nessa doença, o câncer. Depois que inventaram os transgênicos e os agrotóxicos pode-se ver o aumento de pessoas doentes por doenças desconhecidas. Hoje, eu ia querer melhorar a saúde. No último seminário da juventude rural que eu fui, eu representei a nossa escola, durante o seminário, aconteceram debates com perguntas e respostas, e teve uma pergunta sobre os transgênicos, onde a resposta foi de que cada ser humano no mundo, mesmo não trabalhando com a agricultura dos transgênicos, consomem 5,2 litros de veneno por ano. Mesmo para quem trabalha com agroecologia, acaba ingerindo de alguma forma algum tipo de veneno. (Jovem 01 E.C./K./16 anos/Masc.)

Observando as narrativas, cabe ressaltar a importância de analisar os aspectos com os quais os jovens rurais relacionam suas percepções às suas vivências, tanto na escola, quanto no lar. Essas percepções que os jovens têm sobre a relação da região com o tabaco convergem a uma das mais destacadas identidades do vale do Rio Pardo, que é a do cultivo e beneficiamento do tabaco. Sendo assim, esses jovens reproduzem nas suas percepções o que tem se convencido como uma das identidades mais marcantes da região, ao lado da identidade germânica. É importante destacar ainda a relação entre uma identidade que se salienta, ligada ao tabaco, e outras que disputam lugar, ou outros temas que tentam se colocar na nossa região, como a produção de alimentos sem agrotóxicos, a diversidade produtiva na agricultura e em outros setores.

Nesse assunto, Flores (2006) afirma que os produtos locais de uma região podem ser formados pelo patrimônio natural e o patrimônio histórico-cultural do território. Podendo estar ou não associados na construção social de um território, resultando em uma possível

formação em rede, interligando com as economias regionais, direcionando assim para as particularidades e diversidades dos territórios.

A jovem da escola comunitária comenta como ela gostaria de ver a sua região diversificada, mas não só pela agricultura, e sim pela diversidade cultural, que considera muito diversificada. Percebe-se uma indignação em relação à cultura alemã, onde ela ressalta que todas as culturas deveriam ser respeitadas e mais valorizadas, pelo fato de terem participado também da construção da região, e que de certa forma foram esquecidas, nesse sentido,

Eu gostaria de ver a região de diversidade, tanto em culturas, pessoas, etnias e respeito. Respeitar as culturas seria respeitar o modo de cada povo, de cada costume, por exemplo; parece que nós somos obrigados a respeitar o que o alemão e o italiano vive, mas ninguém se importa com o quilombola, ou o indígena que já viveram aqui e ninguém também toca nesse assunto, que essas culturas fossem respeitadas e valorizadas como as nossas são. Eu acho que isso é muito importante, porque eles fazem parte da construção dessa região toda e não são valorizados, quase nunca aparecem (Jovem 05 E.C./S. /16 anos/Fem.).

Mais um jovem faz críticas em relação à cultura germânica, porque, segundo ele, existe uma grande diversidade de culturas na região e as festas comemorativas locais não poderiam ser direcionadas apenas à cultura germânica e sim poderiam abranger outras culturas. Percebe-se que este jovem, morador de outro município, associa a cidade de Santa Cruz do Sul como sendo o pólo identificador da região do Vale do Rio Pardo, ou seja, a cidade é uma síntese da representação regional.

Eu gostaria de ver ela mais diversificada, principalmente a cultura. Como eles falam que a Oktoberfest é mais alemã, daí eu já não gosto, só ficam puxando o saco de uma cultura, não é só os alemães que tem em Santa Cruz, tem mais diversidade, eles deveriam dar valor as outras culturas também, pode-se dizer que eles fazem uma festa só de uma cultura, nem todos são alemães, a grande maioria é, mas já mudou muito. (Jovem 02 E.C./L. /16 anos/Masc.)

No Quadro 2 foi explanado como os jovens da escola comunitária pensa, veem e gostariam que a sua região fosse representada.

**Quadro 2 - Percepções dos estudantes da escola comunitária**

Quantidade de Alunos	Como você acha que a sua região é representada?	Como você vê a sua região?	Como você gostaria de ver o seu lugar representado?
3 jovens	Cultura do tabaco	Cultura do tabaco	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diversidade econômica.</li> <li>• Região preservada e livre de agrotóxicos.</li> </ul>
1 jovem	Cultura do tabaco e pela diversidade cultural	Cultura do tabaco e pela diversidade cultural	
2 jovens	Diversidade cultural e econômica	Diversidade cultural e econômica	Diversidade cultural

Fontes: Dados da pesquisa, 2015.

Neste ponto também ficaram visíveis as diferenças entre os discursos dos grupos entrevistados. Apenas um dos cinco jovens que mora na zona rural acha e percebe a região por meio do tabaco e pela produção diversificada, segundo ele, todos os seus vizinhos cultivam e são beneficiados pelo tabaco:

Mais pelo fumo, o símbolo é o fumo. E também é bem marcado pela criação de gado, tenho vizinhos que plantam fumo e criam gado. (Jovem 09 E.P./ F. /17 anos/Masc.).

O segundo jovem percebe a região como um lugar histórico, principalmente por ele perceber uma preservação dos monumentos históricos que a caracterizam dando um charme à região:

Eu acho que ela tem muitos monumentos antigos, é um local meio histórico, que acaba trazendo um certo charme para ela. O colégio também tem bastante área verde. (Jovem 07 E.P./G./16 anos/Masc.).

Estes dois jovens percebem que a região de Santa Cruz do Sul é conhecida pelas festas locais, como a Oktoberfest que representa a cultura alemã e pelo Enart que representa a cultura gaúcha, principalmente por pessoas de outros lugares, que não conhecem a região. Ainda assim eles afirmam que há muita diversidade, que ela também pode ser vista pela Catedral São João Batista, que é considerada a maior catedral de estilo gótico, e por alguns pontos turísticos como a Gruta dos Índios, a Cruz e o Monumento do Imigrante, que relata a chegada dos imigrantes alemães. Ou seja, eles associam a região com as paisagens urbanas.

Bom, geralmente quando alguma pessoa que não conhece Santa Cruz, e se fala de Santa Cruz para ela, ela vai pensar na Oktoberfest, mas Santa Cruz tem muitas opções. Além disso, tanto é que a Catedral é a maior catedral de estilo gótico da América do Sul, e tem vários outros monumentos como a Gruta do Índios, tem a Cruz, a Cruz é como o Cristo praticamente, porque é alguma coisa que simboliza o cristianismo e tem uma vista para toda a cidade. O monumento do Imigrante, eu não sei muito sobre a história desse

monumento, mas acredito que ele esteja retratando os imigrantes alemães que vieram para Santa Cruz do Sul. (Jovem 10 E.P./ N. 15 anos/Masc.).

Eu acho que Santa Cruz do Sul tenta mostrar o máximo da cultural alemã, como por exemplo, a Okberfest, e outras festas que o município realiza, o Enart, também acaba atraindo muitos turistas para a região, são festas realizadas para poder mostrar mais a cultura. Santa Cruz do Sul tem muitos pontos turísticos, mas para quem mora aqui acaba sendo muito normal. Quando eu fui fotografar a Catedral tinha uma excursão de São Leopoldo visitando os pontos turísticos daqui, assim a gente percebe que tem muita gente que dá valor a isso. Eu percebo que a nossa região é bem diversificada, mas eu acho que eles continuam prevalecendo à cultura alemã, eu acho isso muito interessante porque você acaba demonstrando essa cultura e acaba trazendo outras pessoas de diferentes culturas para a região. (Jovem 08 E.P. /J./15 anos/Fem.)

Este outro jovem, conforme transcrição abaixo, percebe a cidade de Santa Cruz do Sul pela cultura germânica, associando a organização e embelezamento da cidade ao seu desenvolvimento, e associa esse a países como a Alemanha, num sentido de distinção de Santa Cruz do Sul em relação a outros lugares do Brasil.

Acho que ela se destaca pela cultura alemã, eu acho a cidade de Santa Cruz bem organizada. É uma cidade muito bonita e florestada. Eu acho que é uma representação da cultura alemã, quem viaja para a Alemanha sabe que é uma sociedade mais desenvolvida, mais avançada. Ela se destaca no Brasil, pelo menos eu percebo, porque acabo viajando para outros lugares e vejo essa diferença. (Jovem 11 E.P./ T./15 anos/Masc.).

Da mesma forma que os jovens da escola comunitária foram questionados sobre a visão da região do Vale do Rio Pardo, foi questionado aos jovens da escola particular como eles veem e percebem a sua região. As respostas são semelhantes às da questão anterior, apenas um jovem considera a região representada pela produção do tabaco e também pela diversificação de hortaliças e criação de gado. O outro jovem continua percebendo a região pelos monumentos históricos. Uma jovem percebe a região diversificada, porém ainda percebe que a cultura alemã predomina.

Eu acho que ela é bem marcada pelo fumo, mas também pela criação de gado e o cultivo de hortaliças. Os meus vizinhos próximos plantam para vender na feira e para os vizinhos, então compramos direto da terra. (Jovem 09 E.P./ F. /17 anos/Masc.).

Eu vejo ela como um local que tem muitos prédios históricos, principalmente quando você for caminhar por Santa Cruz do Sul você verá a formação da cidade com um estilo histórico e muitos prédios antigos. (Jovem 07 E.P./G./16 anos/Masc.).

Eu vejo a nossa região de uns tempos para cá com uma grande diversificação, mas ainda acho que a cultura alemã prevalece. (Jovem 08 E.P. /J./15 anos/Fem.).

Há um jovem que percebe a cultura germânica através de algumas festas comemorativas locais e percebe a cidade por meio da Catedral São João Batista. Considera a cidade de Santa Cruz do Sul desenvolvida, oferecendo muitas oportunidades para as pessoas por meio das indústrias e comércios e também melhorou a infraestrutura das ruas e escolas.

Quando eu penso na minha cidade de Santa Cruz do Sul a Oktoberfest e a Catedral vem na minha cabeça. A Oktoberfest fala sobre a história dos alemães e a Catedral é a maior Catedral da América Latina, esses dois monumentos estão bem presentes na vida das pessoas, porque todos os domingos tem gente na Catedral e durante a semana também, sempre tem alguém rezando. E na Oktoberfest também sempre tem pessoas, principalmente na época dela em outubro é que fica cheia. E também acho que Santa Cruz esta evoluindo demais a cada dia, sempre trazendo novas indústrias, dando mais chances de empregos e também sempre entra empresas novas, a uns dois anos já tem o Mc Donald's, o Big também que veio em 2010/2011, o Subway. Acho que Santa Cruz está crescendo bastante, está evoluindo. As ruas também estão sendo melhoradas, a infraestrutura das escolas também estão de um jeito melhor do que alguns anos. (Jovem 10 E.P./ N. /15 anos/Masc.).

E o quinto jovem continua percebendo a região pela organização e pela cultura germânica.

Tem as exceções, mas no geral eu vejo a cidade de Santa Cruz do Sul como bem organizada, que é uma característica da cultura alemã. (Jovem 11 E.P./ T./15 anos/Masc.).

Depois dos jovens narrarem como acham e percebem da região, a próxima questão verificou como eles gostariam de ver a sua região representada. Dos cinco jovens entrevistados da escola particular, apenas um deles gostaria de ver a sua região representada pelo tabaco, de acordo o jovem, a produção do tabaco é muito importante para a economia da região e para o sustento de muitas famílias que são beneficiadas pelo tabaco. Cabe ressaltar que esse jovem mora na zona rural e passa uma boa parte do seu tempo na zona urbana. Segundo ele, a maioria de seus vizinhos cultiva e depende do tabaco. Pode-se perceber que há uma relação do seu meio com uma identidade forte do cultivo do tabaco.

Eu gostaria que ela fosse vista pelo fumo, porque ela é uma potência grande nesse ramo de plantação de fumo, eu não sei se ela não a capital mundial do fumo, isso é um destaque bom para a cidade, eu acho isso bom. Muitas famílias próximas de onde eu moro sobrevivem do fumo (Jovem 09 E.P./ F. /17 anos/Masc.).

Dois outros jovens da escola particular gostariam que a região continuasse como ela está, mas que os monumentos históricos e os pontos turísticos fossem mais valorizados e preservados, pois a história da região é contada por esses aspectos. Segundo eles, muitos monumentos, assim como a história, estão desaparecendo na região. Outro jovem gostaria que a região oferecesse mais oportunidades para as pessoas e uma boa qualidade de vida. E o

quinto jovem gostaria que a produção de alimentos fosse mais diversificada ao invés de investirem tanto no plantio do tabaco, mesmo sabendo que ele seja considerado um produto econômico central de Santa Cruz do Sul, ele percebe os problemas de saúde causados pelo tabaco, que resultam em grandes prejuízos para a região

Eu gosto dessa região como ela é, pelos prédios históricos, gostaria que fosse um pouco diferente, mas não sei te dizer como. Mas se hoje eu tivesse que sair daqui e ir morar em outro lugar, guardaria boas lembranças. (Jovem 07 E.P./G./16 anos/Masc.)

Eu gosto muito da nossa região assim como ela é, mas eu gostaria que os pontos turísticos da região fossem observados com mais detalhes e fossem mais valorizados, como por exemplo, os prédios históricos que contam a história de Santa Cruz do Sul, e até porque muitos prédios históricos estão desaparecendo, e assim à história também acaba desaparecendo. (Jovem 08 E.P./J./15 anos/Fem.)

Gostaria que ela fosse vista como uma cidade que desse bastante oportunidades para as pessoas, que tenha uma boa qualidade de vida. (Jovem 10 E.P./N./15 anos/Masc.)

Eu acho que a região do jeito que ela está, está bom, só acho que não deveriam investir tanto no fumo, que isso é um problema de saúde muito preocupante, o fumo é o centro econômico de Santa Cruz, mas isso não faz bem para a população, então ao mesmo tempo que ganha com o fumo, vai ter que investir na saúde das pessoas, eu acho que se investisse em outras áreas mais saudáveis para a população seria muito melhor, acho que isso poderia ser melhorado. A agricultura deveria ser direcionada a outras culturas, deveria diversificar e não somente ao cultivo do fumo. (Jovem 11 E.P./T./15 anos/Masc.)

Da mesma forma que as respostas dos jovens da escola comunitária foram apresentadas por meio de um quadro, as respostas dos jovens da escola particular também foram agrupadas no Quadro 3, para que resumidamente as questões fossem compreendidas.

Depois que os jovens responderam as questões sobre a região, eles indicaram uma imagem produzida por eles, que a representaria. As imagens selecionadas por eles apresentaram significativas diferenças de conteúdos. Apareceram plantações de tabaco, animais, paisagens e árvores nativas do local, monumentos, uma das praças centrais de Santa Cruz do Sul e uma das escolas.



**Quadro 3 - Percepções dos estudantes da escola particular**

Alunos	Como você acha que a sua região é representada?	Como você vê a sua região?	Como você gostaria de ver o seu lugar representado?
Jovem 09 E.P./ F. 17 anos/Masc.	Produção tabaco e criação gado	Produção tabaco e diversidade econômica	Produção do tabaco
Jovem 07 E.P./G.16 anos/Masc.	Monumentos históricos	Monumentos históricos	Monumentos históricos
Jovem 08 E.P. /J.15 anos/Fem.	Pontos turísticos e festas típicas	Diversidade econômica e cultural	Maior valorização dos monumentos que representam a região
Jovem 10 E.P./ N. 15 anos/Masc.	Pontos turísticos e festas típicas	Festas típicas e desenvolvimento da região por meio de grandes indústrias	Maior oportunidade de trabalho e qualidade de vida
Jovem 11 E.P./ T.15 anos/Masc.	Cultura alemã associada com organização e desenvolvimento de países Europeus	Relação com a cultura alemã/organizada	Diversificação da cultura agrícola

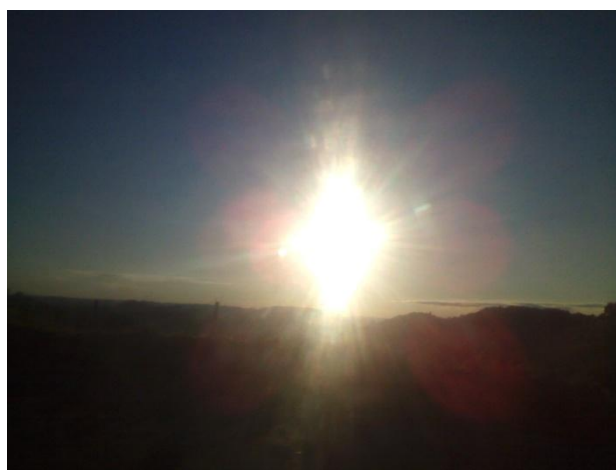
Fontes: Dados da pesquisa, 2015.

As origens, a forma de vivência no espaço, a construção do conjunto social e o relacionamento entre os indivíduos resultam em um conjunto de características do território que formam as identidades. Assim, o espaço é o local em que a diversidade acontece, os fatores se aglutinam, os interesses políticos são facilitados fornecendo o entendimento de princípios e convergência. Esse espaço é conhecido como território (PERICO 2009).

Este jovem da escola comunitária associa uma paisagem que para ele identifica a sua região, reproduzida na Fotografia 27, que só pode ser vista na saída de sua localidade:

Para mim o que mais representa a minha região é a imagem do sol, onde aparece o relevo de Herveiras, que é bem acidentado aparecendo às montanhas. Quando eu saio da minha localidade e entro na RSC 153, eu tenho o privilégio de poder ver essa imagem, para mim ela é linda. É o que me identifica. (Jovem 01 E.C./K./16 anos /Masc.).

### Fotografia 27 - Pôr do sol



Fonte: Participante da pesquisa – Jovem 06 E.C./V./16 anos/Masc.

Apesar de muitos jovens desejarem que a região seja conhecida pela produção diversificada, três jovens da escola comunitária apresentaram imagens da plantação do fumo como sendo a representação da região. Por mais que propriedade dos jovens entrevistados seja diversificada, a predominância ainda é o cultivo do tabaco.

Sendo assim, o sucesso da economia local de uma região é determinado pelos fatores que compõe o sistema socioeconômico e cultural. O desenvolvimento diferenciado de um lugar vai depender das relações dos homens entre si e dos homens com a natureza do local, assim se transformam nos elementos possibilitadores ou limitadores de um desenvolvimento, pois cada região possui diferenças, particularidades e potencialidades (CAPPELO, 2008 *apud* Oliveira2014).

A fotografia que mais representa a região é a imagem do tabaco, do fumo. Porque o Vale do Rio Pardo é o lugar que mais produz fumo, por onde você anda se não é soja é fumo que se tem, é o principal. Nós plantamos 80 mil pés de fumo. Depois que eu entrei na escola eu comeci a plantar hortaliças, temos criação de peixes, bovinos e porcos. (Jovem 02 E.C/ L./ 16 anos/Masc.)

### Fotografia 28 - Produção do tabaco



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 05/ E.C./S./16 anos/Fem.

Outra jovem também afirma que o cultivo do tabaco na propriedade familiar de seus pais prevalece, e a produção de outros alimentos é apenas para a subsistência familiar. Apesar de serem beneficiados pelo tabaco, ela desabafa quando mostra a imagem da família envolvida com a produção do tabaco, que geralmente a família somente se reúne dessa maneira, produzindo o tabaco. Como ela quer diversificar ainda mais a propriedade familiar, ela está resgatando os conhecimentos da produção de chás que sua avó produzia nos anos passados para tentar dar continuidade a essa cultura.

Infelizmente é essa aqui, a do tabaco, e a família presa na produção do tabaco acaba esquecendo a produção de alimento, é o que acontece na maioria das famílias produtoras de tabaco. Hoje o tabaco é a produção principal da nossa propriedade, produzimos alimentos para a nossa subsistência. Eu quero produzir chás e produtos fitoterápicos, a minha ideia é resgatar os conhecimentos dos meus avós. Desde pequena os meus avós falavam dos chás e pomadas que utilizavam para se tratarem, eu tinha muita curiosidade e gostava de conversar sobre isso com eles e depois que eu entrei na escola, passei a me interessar ainda mais. E a minha outra avó fala que a avó dela era chamada de macumbeira, mas que não deveria ser esse nome, ela trabalhava com chás e curava as pessoas com o poder das plantas e isso me interessou bastante. (Jovem 05 E.C./ S. /16 anos/Fem.).

### Fotografia 29 - Família envolvida com o tabaco



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 05 E.C./S./16 anos/Fem.

A fotografia que representa a minha região é a do fumo. (Jovem 06 E.C./V./16 anos/Masc)

Nos relatos a cultura gaúcha foi mencionada em vários momentos, principalmente pelos jovens da escola comunitária. Ela é uma das identidades que mais marcam o Rio Grande do Sul. Assim, as identidades territoriais disputam sentidos entre os sujeitos, ou os sujeitos disputam sentidos ao construírem e se identificarem com certas identidades, neste caso, as identidades coletivas, culturais e territoriais se destacam, podendo se identificar com mais de uma identidade.

O passado do Rio Grande do Sul tem uma história valente e heroica, e a partir do século XIX, a caracterização do gaúcho foi constituída por meio da historiografia e pela literatura que buscou a história dos antepassados, para estabelecer uma identidade no período de demarcação das fronteiras meridionais do Brasil, transformando assim em uma representações de poder. Nesse período, a identidade cultural gaúcha se difundiu, consolidando no século XX uma representação hegemônica surgida no Rio Grande do Sul (FELIPPI, 2009).

A percepção que esse jovem tem da região do Vale do Rio, é associado à cultura gaúcha e aos CTGs, (Centro de Tradições Gaúchas), quando ele se refere ao cavalo e ao seu meio, e também às hortaliças.

Eu acho que a imagem do cavalo, para representar os gaúchos, e porque na região tem muitos gaúchos e a imagem das hortaliças, que vem crescendo cada vez mais na região, muitos agricultores estão plantando além do fumo outros produtos. (Jovem 03 E.P./ L./16 anos/Masc.).

### Fotografia 30 - Cavalo, representação do gaúcho



Fonte: Participante da pesquisa – Jovem 03 E.P./ L./16 anos/Masc.

### Fotografia 31 - Diversidade de produção



Fonte: Participante da pesquisa – Jovem 03 E.P./ L./16 ano/Masc.

Para o próximo jovem, no seu território, a árvore nativa do local é o que mais o identifica, construindo assim articulações locais de acordo com a sua realidade que o contextualiza. Segundo ele, a araucária representa toda a região, e o seu fruto - o pinhão - simboliza a comida típica do inverno e também a cultura gaúcha. Dessa forma, sobre a visão da esfera naturalista, o território é o espaço em que o meio ambiente, o homem, a natureza e a sociedade se relacionam e se manifestam. E sobre o ponto de vista da esfera econômica, o território é um conjunto de recursos que envolvem a inovação, diversificação, a utilização e articulação de recursos locais ou regionais (PERICO, 2009).

### Fotografia 32 - Araucárias



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 04 E.C./M./16 anos/Masc.

Para mim, a imagem que mais representa a região é das araucárias, por ser uma árvore nativa, ela representa praticamente todos os lugares, representa um pouco do pinhão que consumismo no inverno.(Jovem 04 E.C./M./16 anos/Masc.)

### Fotografia 33 - Túnel verde



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem07 E.P./G. 16 anos/Masc.

Para os dois jovens da escola particular, a arborização urbana é uma das características predominantes da região. Para eles essa característica identifica e representa o local onde moram. Além da arborização, o colégio também foi considerado uma representação de sua região, até por ser um local que é constituído por uma ampla área verde:

Para mim essa imagem é a que representa mais a região, principalmente porque na esquina tem o prédio do Colégio, que considero ele antigo, e por causa do túnel que forma com as árvores, eu vejo muito em santa Cruz do Sul, eu acho que é uma característica muito forte na região. (Jovem 07 E.P./G. 16 anos/Masc.).

A jovem a seguir associa o espaço do colégio como representação da região e a cidade, e ressalta que a urbanização de Santa Cruz do Sul aumentou muito, mas quando comparada a outros centros urbanos ainda há uma grande área verde que se destaca, tornando-a mais bonita.

Mesmo não sendo uma imagem de toda a região, eu acho que essa imagem da área aqui do colégio representa a minha região, ela mostra bastante coisas, mesmo que a urbanização de Santa Cruz do Sul está aumentando cada vez mais, mas comparada a outros centros urbanos eu acho que a área verde continua prevalecendo, a natureza, como por exemplo, temos a Gruta dos Índios, o túnel verde no centro da cidade. (Jovem 08 E.P./J. /15 anos/Fem.).

### Fotografia 34 - Área escolar



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 08 E.P./J./15 anos/Fem.

Dois jovens destacaram o Monumento do Imigrante<sup>11</sup> como sendo a imagem que mais representa a região. Eles destacaram essa imagem por ela ter uma história que conta a chegada dos imigrantes alemães para o município de Santa Cruz do Sul.

Essa do Monumento do Imigrante, porque essa imagem representa toda a cidade. (Jovem 09 E.P./ F. /17 anos /Masc.).

Para mim é o Monumento do Imigrante, ele resume a chegada da imigração dos alemães para Santa Cruz e é um lugar muito visto pelas pessoas e é muito visto (Jovem 11 E.P./T. /15 anos/Masc.).

---

<sup>11</sup> O monumento ao imigrante alemão é uma homenagem prestada pela comunidade santa-cruzense aos imigrantes que colonizaram o município.

### Fotografia 35 - Monumento do Imigrante



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 11 E.P./T. /15 anos/Masc.

E por último, a Praça da Prefeitura de Santa Cruz do Sul é a imagem que representa a região para este jovem, principalmente por representar todo o poder executivo de Santa Cruz do Sul.

Para mim a imagem que mais representa a região é a imagem da praça da prefeitura que representa todo o poder de Santa Cruz do Sul, o poder executivo (Jovem 10 E.P./N. /15 anos/Masc.)

### Fotografia 36 - Praça da Prefeitura de Santa Cruz do Sul



Fonte: Participante da pesquisa - Jovem 10 E.P./N. /15 anos/Masc.

Nesse âmbito, são visíveis as diferenças entre os jovens da escola comunitária que identificam as paisagens rurais e os jovens da escola particular que identificam as paisagens urbanas. Além das influências dos meios tecnológicos, da escola e de outras instituições, o meio em que esses jovens vivem e circulam presencialmente é um dos maiores fatores que contribui para compor a identidade territorial.



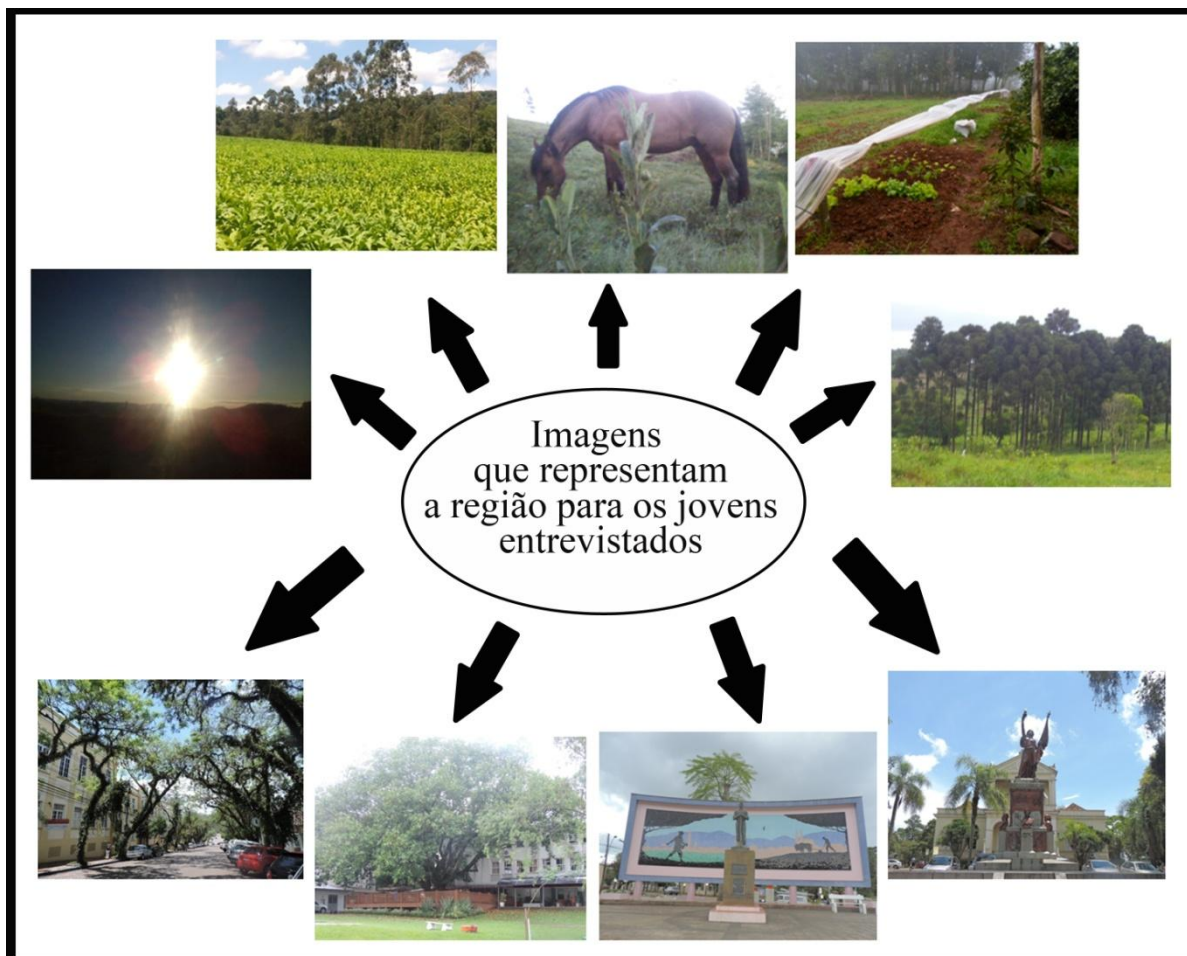
Existem diferentes espaços como: espaço percebido, que seria a prática espacial que determina a continuidade de uma coesão; o espaço concebido, que se dá conforme as representações sociais que tem influência sobre a sociedade; e o espaço vivido pelos habitantes que procuram se apropriar do espaço, através de imagens e símbolos (LEFÉBVRE, 1999).

De acordo com a pesquisa, a produção do tabaco predominou como representação da região, e ao mesmo tempo foi criticada, pois a imagem que muitos idealizam é a da diversidade cultural e econômica. Mesmo que alguns jovens destacaram as imagens de seu cotidiano, como a paisagem rural, os animais e as hortaliças, todos eles percebem que a produção do tabaco está fortemente associada à região.

Já os jovens da escola particular evidenciaram as imagens urbanas de Santa Cruz do Sul como representação da região do Vale do Rio Pardo, percebendo a cultura germânica predominante, principalmente na imagem do Monumento do Imigrante. A imagem da escola também foi um aspecto muito importante considerado por eles, estando presente nas fotografias selecionadas por todos eles. De certa forma ela simboliza a região para os jovens entrevistados, propiciando a abertura e construção de novos horizontes. Alguns pontos turísticos também foram destacados, como a Gruta dos Índios, o Parque da Cruz, a Catedral São João Batista e a Oktoberfest. Portanto, as imagens e as falas destes jovens demonstraram que a região é representada por algumas imagens urbanas que fazem parte do seu convívio, ou que já fizeram, que sintetizam a região. Mesmo que todos eles já residiram em outras regiões do Brasil, as imagens e as falas se cruzam, comprovando assim, que os aspectos locais que estão ao seu alcance e no seu meio sintetizam e simbolizam o seu território.

Nesse sentido, a Figura 06 demonstra sinteticamente como esses jovens percebem a região por meio das fotografias, apontando para, assim, uma grande diversidade entre os dois grupos, mas representando a realidade conforme o seu meio.

**Figura 06 - Imagens representativas dos jovens entrevistados**



Fonte: Dados da pesquisa, 2015

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As identidades são conjuntos de características do território, que se relacionam com suas origens, com a forma de vivência no espaço, com a construção do conjunto social em uma relação recíproca entre os indivíduos (PERICO, 2009).

A partir dessa compreensão, construiu-se a ideia de correlacionar a percepção de identidade com aspectos da cultura dos jovens contemporâneos - o modo como eles se relacionam socialmente, quais as suas perspectivas de futuro e de que modo querem atuar neste futuro. Dentro desse propósito, a pesquisa descrita nesta obra objetivou compreender a percepção identitária e a relação dos jovens com seu território, tomando a fotografia produzida por eles como ferramenta na busca do registro do espaço vivido.

De forma específica, a pesquisa possibilitou identificar as percepções do público juvenil em relação à identidade cultural do território por meio da fotografia; analisar a diversidade das identidades culturais provenientes de várias formações sociais e culturais dos grupos juvenis por meio das manifestações representativas do seu cotidiano; e, também, estabelecer as relações entre a identidade cultural presentes nesses grupos juvenis e o processo de construção da identidade territorial e do desenvolvimento regional do Vale do Rio Pardo.

Através da pesquisa empírica verificou-se que a identidade dos jovens é constituída por um conjunto de fatores contextuais, sejam eles laços afetivos, como família e amigos, pelos aspectos sociais, pelo local que residem e os espaços transitados e também pelos aspectos tecnológicos. Esses fatores contextuais, de acordo com sua apropriação e abrangência, executam um processo contínuo de transformação, contribuindo para a formação identitária dos jovens.

O presente estudo buscou, em um primeiro momento, perceber das diferenças culturais dos jovens no Vale do Rio Pardo, que são, entre outros fatores, reflexos das identidades constituídas no território por eles e pela sociedade. Para o desenvolvimento regional, então, a compreensão dessas identidades e dos atores sociais se torna indispensável. Com o auxílio dos meios de comunicação e das tecnologias, é possível a produção de um conjunto de significados que se relacionam com a identidade cultural da região.

Os dados secundários sobre o Vale do Rio Pardo possibilitaram a verificação de alguns fatores em relação à população da região, como a redução do número absoluto de jovens, alguns indicadores ruins da educação juvenil e a predominância de pessoas residentes no meio urbano.

Também foi foco desta dissertação observar, por meio dos relatos e das imagens dos jovens participantes, a relação de pertencimento deles ao território. Pode-se perceber que

todos eles se sentem pertencentes à região e de certa forma construtores da mesma. Os jovens estudantes da escola comunitária, por exemplo, se identificam e se orgulham muito dos locais onde residem e dos espaços que costumam frequentar. Através das entrevistas foi possível distinguir as particularidades de cada jovem, compreendendo assim o significado que cada espaço do seu território representa para eles.

O componente estudado que mais causou impacto foram, sem dúvidas, as imagens fotografadas pelos entrevistados, que, carregadas de significados, auxiliaram na representação da realidade. Pois, conforme Hall (1997), o significado se dá através dos usos dos objetos, dos conceitos, ideias e dos sentimentos, sendo assim, reconhecer o significado faz parte da nossa própria identidade, por meio da sensação de pertencimento.

Muitas vezes, ao analisar uma imagem fotográfica, percebemos informações que visualmente não se encontram nela. Para Copque (2003), as peculiaridades, a produção de sentidos e a atitude interpretativa que a fotografia provoca no sujeito são capazes de promover diálogos. Nesse sentido, a fotografia é considerada um importante meio de instigar o discurso e analisar representações. Sendo assim, a utilização da fotografia como um dos instrumentos de análise desta pesquisa possibilitou ver além das percepções de território de cada um dos entrevistados.

Foi observado que a maioria dos jovens da escola comunitária se percebe no território e pretende continuar atuando na propriedade familiar. Alguns esperam resgatar os conhecimentos e as culturas dos antepassados e adaptar aos dias de hoje; outros pensam em adquirir novos conhecimentos para diversificar as culturas produtivas; outros desejam contribuir mais com sua comunidade; e outros pensam em desenvolver cultivos de forma menos agressiva, sem interferir tanto na natureza. Os desejos de todos incluem uma participação construtiva na região.

Os jovens da escola privada também se percebem no território, porém com algumas diferenças. Segundo relatos coletados, alguns sentem-se pertencentes à escola onde estudam, destacando que ela transmite boas lembranças, calma, relaxamento - por estar situada em uma área verde ou por ser um local onde muitos deles passam a maior parte do seu tempo.

Cabe ressaltar que durante as entrevistas ambos os grupos se referiram com frequência à escola. Pois pode-se dizer que os jovens da escola comunitária se referiram à ela de forma indireta, lembrando sobre agropecuária, diversificação de plantações e a produção de tabaco, todos eles conteúdos desenvolvidos pela escola.

Através das narrativas os jovens entrevistados se mostraram preocupados com o desenvolvimento de sua região e com as questões sociais, independente do local onde

residem. Entretanto, os resultados também demonstraram que eles sofrem influências de acordo com o meio em que vivem. Já que os jovens rurais identificam paisagens rurais e os jovens urbanos identificam as paisagens urbanas quando questionados sobre elementos que marcam a identidade do seu território. Com isto constatado, pode-se afirmar que a identidade de todos esses jovens é composta - para além do que recebem da mídia, da escola e de outras instituições - pelo lugar onde de fato vivem e interagem presencialmente.

A maioria dos entrevistados testemunhou que as imagens que escolheram fotografar representavam momentos importantes, lugares que eles frequentam ou já o fizeram no passado, atividades que mais gostavam de realizar, aspectos que os interessavam e que faziam parte do seu cotidiano. Os jovens da escola comunitária atribuíram um grande valor aos aspectos familiares, principalmente em preservar e resgatar as imagens e as histórias familiares. Para eles a fotografia tem um significado de relembrar pessoas, momentos, acontecimentos e fatos passados. Já os jovens da escola privada identificaram como momentos importantes principalmente viagens, paisagens urbanas e o esporte, que também está relacionado à escola intermediária dessa atividade. Este último grupo demonstrou também que costuma compartilhar suas fotografias pela internet.

Em suas particularidades, os jovens desta pesquisa revelaram-se sujeitos que não podem ser considerados homogêneos, e nem possuir uma identidade fixa. Mas sim considerados jovens de múltiplas escolhas e ações e que estão em movimento constante. A identidade do sujeito contemporâneo, de acordo com Hall (2001), é considerada fragmentada. Ela se forma e se transforma ao longo do tempo por meio de identidades já existentes, reconstruindo significados e mudando o sujeito. Assim acontece com os jovens contemporâneos: o contato com outros hábitos, o convívio com outras culturas e as diferentes práticas sociais no cotidiano instigam-nos a produzir e a reconstruir novas identidades culturais, sendo impossível de identificar apenas uma identidade, única e estável.

Os jovens que residem na zona rural apresentaram um vínculo muito grande com a principal identidade local - o cultivo do tabaco - e alguns se mostraram vinculados com a cultura gaúcha, forte identidade de nível regional. A maioria destes jovens estão envolvidos com o cultivo do tabaco há vários anos, mas percebem que a região também é diversificada cultural e economicamente. É visível a preocupação deles com os aspectos voltados ao desenvolvimento da região.

Como revelado em suas narrativas, os jovens que residem na zona urbana demonstraram uma grande ligação com a identidade local, percebendo e identificando a região pelos monumentos históricos, pela cultura germânica, a cultura gaúcha, as festas

comemorativas da região e alguns pontos turísticos da região. Eles destacaram a presença maciça da cultura germânica, muitos usando a imagem do Monumento do Imigrante – marco que homenageia a vinda da imigração alemã para a região - que esteve presente na maioria das fotos desses entrevistados, comprovando assim que a cultura germânica é um fator de destaque para estes indivíduos.

Percebeu-se que os jovens entrevistados representam muito a região pelo que é vivido por eles. Eles demonstram uma pluralidade de percepções e de marcas das identidades dos territórios, como a agricultura e os monumentos. Em sua maioria, reiteram a associação da região à produção do tabaco e à colonização germânica, embora nas suas falas reconheçam e apontem para outras possibilidades identitárias: outras etnias, culturas, produtos, ações que ocorrem no território e o caracterizam, demonstrando a pluralidade desse espaço.

Por fim, concluiu-se que existem grandes divergências e grandes semelhanças nas ideias dos dois grupos de entrevistados. Cada indivíduo retrata o que está mais próximo do seu meio, da sua realidade. Os alunos da escola comunitária, de modo geral, relacionaram suas fotografias com o meio rural, com o que produzem, e às atividades de lazer que estão ao seu alcance (animais, hortaliças, tabaco, família, comunidade). Já os alunos da escola particular retrataram em maioria a sua escola e o que ela lhes proporciona, além de outros ambientes urbanos. Pontos turísticos e a cultura alemã foram aspectos enaltecidos e fotografados pelos dois grupos.

Apesar da fotografia ter sido apenas um recurso para identificar as percepções e auxiliar nas narrativas dos entrevistados, foi possível nelas uma forma espontânea de reflexão que estes jovens tiveram no momento de registrar as imagens, tentando transmitir através delas uma fração de quem são eles - qual é a identidade desses jovens, onde eles circulam, o que gostam de fazer, quais são as perspectivas de futuro que projetam, quais são as causas que defendem, o que questionam, quais são as suas preocupações, e, certamente, muitos outros aspectos que não foram possíveis de identificar apenas por este estudo. Foi possível contemplar de maneira ampla quem são esses jovens, quais os sonhos que projetam e como se reconhecem diante si próprio e do local onde vivem, circulam e da qual socializam. Portanto, essas imagens são reflexos de um conjunto de fatores, de hábitos e práticas culturais que os jovens vivenciam no seu cotidiano, representado assim suas identidades culturais e territoriais.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis*. 1. ed. São Paulo: Scritta, 1994.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. nº 5/6. São Paulo: ANPED, 1997.
- ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (Org.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: UNESCO, 2009.
- ANDRADE, Artur L. As representações socioespaciais da relação campo-cidade, rural-urbano na geografia agrária brasileira: análise do período entre 1998 e 2012. *Revista Campo-Território*, Uberlândia, v. 9, n. 17, p. 166-193, abr. 2014.
- ALENTEJANO, P. R. *As relações campo-cidade no Brasil do século XXI*. São Paulo: Terra Livre, 2003.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DO BRASIL. Brasília: PNUD/IPEA/Fundação João Pinheiro, IPEA 2010. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br>>. Acesso em: 16 fev. 2016.
- BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec. 1999.
- BERTÊ, A. M. A.; LEMOS, B. O., TESTA, G., ZANELLA, M.A.R., OLIVEIRA, S.B. Perfil Socioeconômico - COREDE Vale do Rio Pardo. *Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n. 26, p. 984-1024, fev. 2016
- BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (Org.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.
- BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos culturais de juventude*. 9. ed. São Paulo: Moderna, 1992.
- BRANDÃO, Z. *Entre questionários e entrevistas*. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs.). *Família & escola*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BRITTO, Sulamita de (Org.). *Sociologia da juventude*. v. 2. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1968.
- CALVÓ, Pedro Puig. *Introdução*. In: *Pedagogia da Alternância – alternância e desenvolvimento*. Primeiro Seminário Internacional. Salvador: Dupligráfica Editora, 1999.
- CAMARGO, Isaac Antonio. *Reflexões sobre o pensamento fotográfico: introdução às imagens, à fotografia e seu ensino*. 2. ed. Londrina: UEL, 1999.
- CARMO, Paulo Sérgio do. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC-SP, 2001.
- CANDIOTTO, L. Z. P.; CORRÊA, W. K. Ruralidades, urbanidades e a tecnização do rural no contexto do debate cidade-campo. *Revista Campo – Território*, Uberlândia, v. 3, n. 5, p. 214-242, fev. 2014.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

\_\_\_\_\_. *Mercado e Interculturalidade*. A globalização imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2010.

CARTIER, Henri Bresson. *O imaginário segundo a natureza*. Barcelona: GG, 2004.99

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: economia, cultura e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *O poder da identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CASTRO, Gisela. *Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital*. In: BARBOSA, Lúvia (org.). *Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2012. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/screenagers-nova-versao-final-revisada.html>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

CASTRO, G.G.S. *Música, juventude e tecnologia: novas práticas de consumo na cibercultura*. LOGOS 26: comunicação e conflitos urbanos. Ano 14, 1º semestre 2007.

CLARO, Fernanda Perroni. *Meninas, espelhos e fotografias: O edulcore da aparência na Internet*. São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86841/claro\\_fp\\_me\\_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86841/claro_fp_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em 05 nov. 2015.

COELHO, Maria. *O campo da fotografia profissional no Brasil*. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752006000100006#top22](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752006000100006#top22)>. Acesso em: 16 out. 2015.

COLLIER JR., John. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EPU, 1973.

COLTRO, Alex. *A Fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade*. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, V.1, Nº11, 1º trim., 2000.

CONSELHO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO VALE DO RIO PARDO (RS). *Plano estratégico de desenvolvimento do Vale do Rio Pardo*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1999.

COPQUE, Bárbara Andréa Silva. *Meninos fotógrafos ou a fotografia como fonte de conhecimento etnográfico*. 2003. 121f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

CORREA, Roberto Lobato Corrêa. *O espaço urbano*. São Paulo: Ed. Átila, 1996.



CORRÊA, W.K.; CANDIOTTO, L.Z.P. Ruralidades, urbanidades e a tecnificação do rural no contexto do debate cidade-campo. *Revista Campo – Território*, v.3, n. 5, p. 214-242, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/viewFile/11839/6928>>. Acesso em: 20 out. 2015.

COSTA, Rogério H. da. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. *A fotografia moderna no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

DAYRELL, J.; CARRANO, P.C. *Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo*. 2005. Disponível em: <<http://www.emdialogo.uff.br/documento/jovens-no-brasil-dif%C3%ADceis-travessias-de-fim-de-s%C3%A9culo-e-promessas-de-um-outro-mundo>>. Acesso em 21 out. 2015.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ERTHAL, Ana Amélia. O telefone celular como produtor de novas sensorialidades e técnicas corporais. *Revista Contemporânea*. nº8. 2007.1. Disponível em: <[http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_08/05ANAAMELIA.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_08/05ANAAMELIA.pdf)>. Acesso em: 21 out. 2015.

ESTEVES, L.C.G; ABROMOVAY, M. *Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas*. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Org.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: UNESCO, 2009.

ETGES, V. E. *A região no contexto da globalização: o caso do Vale do Rio Pardo*. In: VOGT, Olgário e SILVEIRA, Rogério. *Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

\_\_\_\_\_. *Desenvolvimento Regional sustentável: o território como paradigma*. REDES, Santa Cruz do Sul, v.10, n.3, p.47-55, set/dez. 2005.

ETGES, Virginia Elisabeta; DEGRANDI, José Odím. *Desenvolvimento regional: a diversidade regional como potencialidade*. *RBDR*, Blumenau, v.1, n.1, p. 85-94, abril. 2013.

FACCIN, M. J.; NOGUEIRA, M. A. F.; VAZ, E. (Orgs). *Narrativas da cidade: perspectivas multidisciplinares sobre a urbe contemporânea*. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

Fundação de Economia e Estatística - FEE, 2010. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/> Acesso em: 14 fev.2016.

FELIPPI, Ângela; NECCHI, Vitor (org). *Mídia e Identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: EDUSP, 1993.

FERRARA, Lucrecia D'Alléssio. *Ver a cidade: cidade, imagem, leitura*. São Paulo: Nobel, 1988

FELIZARDO, Luiz Carlos. *A fotografia de Luiz Carlos Felizardo*. Porto Alegre: Brasil Imagem, 2011.

FLORES, Murilo. *A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento - Uma visão do estado da arte*. Santiago, Chile: RIMISP, 2006. Disponível: <[www.rimisp.org/getdoc.php?docid=3702](http://www.rimisp.org/getdoc.php?docid=3702)>. Acesso em: 16 out. 2015

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2011.

GALVÃO, T. V. B. *O papel das transformações sociais e da identidade juvenil na construção de comunidades de sentido*. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

GRAZIANO DA SILVA, J. O Novo Rural Brasileiro. *Revista Nova economia*, Belo horizonte. n. 7, v. 1.maio 1997. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/nea/rurbano/textos/congrsem/rurbano7.html>>. Acesso em 05 nov. 2015.

GOMES, Paulo César C. *O conceito de região e sua discussão*. In: CASTRO, Iná Elias et al (org.). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2000.

GUMES, N.V.C. *Rg: Jovem- culturas juvenis e a formação das identidades da juventude*. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação e Cultura das Minorias, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

GURAN, Milton. *Linguagem Fotográfica e Informação*. 2. ed.. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

\_\_\_\_\_. *Documentação fotográfica: do registro objetivo à descrição visual densa*. In: DOBAL, Susana; GONÇALVES, Osmar (Org.). *Fotografia contemporânea - fronteiras e transgressões*. Brasília: Casa das Musas, 2013.

HAESBAERT, Rogério. *Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão*. In: CASTRO, I. E. et AL. (Orgs). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2004. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/formadores/article/viewFile/455/419>>. Acesso em: 19 out. 2015.

HALL, Stuart. *A questão da identidade cultural*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. *Identidade Cultural e Diáspora*. *Revista do patrimônio Histórico e Artístico Cultural*, nº 24. 1996.

\_\_\_\_\_. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Cultura, Mídia e Educação - Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n 2, p 15-46, jul./dez. 1997.

\_\_\_\_\_. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*. In: SOVIK, Liv. (Org.). *Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HUSSERL, Edmund. *A idéia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2000.

CENSO Demográfico 2010: Banco de dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

HAESBAERT, Rogério. *Região, Diversidade Territorial e Globalização*. Niterói: DEGEO/UFF, 1999.

INTERCOM – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.33, n.2, p. 51-69, jul./dez. 2010.

JACKS, Nilda. *Mídia Nativa: Indústria Cultural e Cultura Regional*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

JACKS, N.et al. *Jovem e consumo midiático: dados preliminares do estudo piloto e da pesquisa exploratória*. Associação Nacional dos programas de Pós-Graduação em Comunicação. XXIII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Pará, 27 à 30 de maio de 2014.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

KARNOPP, Erica. *Desafios e perspectiva para o desenvolvimento de uma agricultura familiar sustentável: O caso da Região do Vale do Rio Pardo, Brasil*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

KEGLER, Jaqueline Quincozes da Silva y FROEHLICH, José Marcos (2011): Midiatização e identidade territorial: pressupostos teóricos para a análise das festividades e seus processos de mediação como construtores da identidade territorial no Brasil Meridional, *Mediaciones Sociales: Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación*, nº 8, pp. 97-124. 2011. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.5209/rev\\_MESO.2011.n8.5](http://dx.doi.org/10.5209/rev_MESO.2011.n8.5)>. Acesso em: 22 nov. 2015.

KLARMANN, Herbert. *Região e identidade regional: um estudo da espacialidade e representatividade regional no Vale do Rio Pardo*. 1999. 189 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional - Mestrado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, 1999.

KLIKSBERG, Bernardo. *Capital social e cultura: chaves esquecidas do desenvolvimento*. In: Falácias e mitos do desenvolvimento social. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

LARA, Marcos Rodriguês. *Jovens urbanos e o consumo das grifes*. In: BORELLI, S. H. S.; FILHO, J. F. (Orgs). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 2008.

LARRAIN, Jorge. El concepto de identidad. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, n. 21, p. 30-42, ago. 2003.

LEFEBVRE, Henri. *O direito a cidade*. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

\_\_\_\_\_. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LENCIONE, Sandra. *Região e Geografia – a noção de região no pensamento geográfico*. In: CARLOS, Ana Fani. *Novos Caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. *Observações sobre o conceito de cidade e urbano*. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, 2008.

LEMOS, A. *Cibercultura: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Porto Alegre, Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura e Mobilidade: a era da conexão*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2015.

\_\_\_\_\_. (org). *Cidade digital*. Salvador: EDUFBA, 2007.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). *Olhares sobre a Cibercultura*. Sulina, Porto Alegre, 2003.

LIMA, E. N. *Novas ruralidades, novas identidades*. In: MOREIRA, Roberto J. (Org.). *Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LIMONAD, Ester et al. *Brasil Século XXI – por uma nova regionalização?* São Paulo: Max Limonad, 2004.

LING, Rich. *The Mobile Connection: the cell phone's impact on society*. New York: Morgan Kaufman, 2004.

LIPSITZ, George. *We Know What Time It Is, Race, Class and Youth Culture in the Nineties, in Microphone Friends – Youth Music Youth Culture*. New York: Routledg, 1994.

MANNHEIM, K. *O problema sociológico das gerações*. In: FORACHI, M. Mannheim. São Paulo: Ática, 1982.

MARGULIUS, Mario (org.). *La Juventud es más que una palabra*. Buenos Aires. Biblos, 1996.

MARQUES, M. I. M. *O conceito de espaço rural em questão*. Terra Livre. São

Paulo, v. 2, n. 19, jul/dez. 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social*. In: SOUZA, Mauro Wilton. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens*. In: BORELLI, S. H. S.; FILHO, J. F. (Orgs). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 2008.

MARTINS, S. Prefácio. In: *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MATTELART, Armand. *Diversidade cultural e mundialização*. São Paulo: Parábola, 2005.

MELUCCI, ALBERTO. *O jogo do eu: a mudança de si mesmo na sociedade globalizada*. Editora Feltrinelli, 1992.

MELUCCI, ALBERTO. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. *Revista Brasileira de Educação*, nº5-6. São Paulo: ANPED, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1994.

MOLANO, Olga Lucía. *La identidad cultural, uno de los detonantes del desarrollo territorial*. Territorios con identidad cultural, 2006. Disponível em: <<http://www.rimisp.org/getdoc.php?docid=3746>>. Acesso em 05 nov. 2015.

MORIN, Edgard. *O Espírito do Tempo*, 2. ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

OBSERVADR - Observatório do Desenvolvimento Regional Disponível em: <<http://observadr.org.br/portal/>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

OLIVEIRA, Giovana Mendes de. *Século XXI: território, estado e globalização*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

OLIVEIRA, Rosana Alves de. *A produção de vídeo por celular e a representação de identidades juvenis: estudo com estudantes participantes do projeto Telinha de Cinema*. Dissertação (Programa de Pós-graduação - Mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/13225>>. Acesso em 06 nov. 2015.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. *Cultura e desenvolvimento*. V Campus Euroamericano de Cooperação Cultural. Almada: 2007. Disponível em: <[http://www.redculturalmercosur.org/docs/Ortiz\\_port.pdf](http://www.redculturalmercosur.org/docs/Ortiz_port.pdf)>. Acesso em: 19 Nov. 2010.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1993.

PAIS, José Machado & BLASS, Leila Maria da Silva (org.). *Tribos Urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004.

PECQUEUR, B. *Le développement territorial : une nouvelle approche des processus de développement pour les économies du Sud*. France: Université Joseph Fourier, 2004.

PECQUEUR, Bernard. *A guinada territorial da economia global*. Política & Sociedade – Revista de Sociologia Política, PPSP UFSC, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewArticle/11615>>. Acesso em: 16 out. 2015.

PERAFÁN, Mireya E. Valencia; OLIVEIRA, Humbert. *Território e identidade*. 2007.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N ° 5 Set/Out/Nov/Dez. 1997.

PERICO, Rafael E. *Identidade e território no Brasil*. 2009.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

RONCAYOLO, Marcel. *La ville et ses territoires*. Paris: Gallimard, 1990.

RONSINI, Veneza V. Mayora. *Mercadores de Sentido: consumo de mídia e identidades juvenis*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. *Identidades culturais: do global ao local*. ACTAS DO III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – Volume II, 2008.

\_\_\_\_\_. *Mercadores de sentido: Consumo de mídia e identidades juvenis*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SALKELD, Richard. *Como ler uma fotografia*. São Paulo: GG, 2014.

SANTAELLA, Lúcia. *As imagens no contexto das estéticas tecnológicas*. 2007. Disponível em: < <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAE0scAD/as-imagens-no-contexto-estetica-tecnologica>>. Acesso em 28 out. 2015.

SANTOS, Milton. *Espaço e sociedade: (ensaios)*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

\_\_\_\_\_. *Território e sociedade*. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: EDUSP. 2002.

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SILVA, M. N. S. Rural e o Urbano: Quantas questões! *Revista Caminhos de Geografia*. Uberlândia v. 12, n. 39 set/2011.

SILVA, Sandra Rúbia da. *Eu não vivo sem celular: sociabilidade, consumo, corporalidade e novas práticas nas culturas urbanas*. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 17, p. 1-17, julho/dezembro 2007.

SILVA, S.R.; Pereira, C.R. *O consumo de smartphone entre jovens de camadas populares*. 2015. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-consumo-de-smartphone-entre-jovens-de-camadas-populares/>>. Acesso em 06 nov. 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, Sandra Rubia. *Vivendo com celulares: identidade, corpo e sociabilidade nas culturas urbanas*. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

SILVEIRA, R. L. L da; CAMPOS, H. A. *Processos Participativos em Experiências Recentes de Planejamento Regional: O Caso do Vale do Rio Pardo (RS)*. In REDES - Revista do Desenvolvimento Regional, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 1, p. 203-216, jan./abr. 2012.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

SOUGEZ, Marie Loup. *História da fotografia*. 1. ed. Lisboa: Dinalivro, 2001.

SOUZA, C. Z. V. G. *Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites*. Última década n°20, CIDPA VIÑA DEL MAR, Jun. 2004.

SOUZA, José Luiz Amado de Menezes e. *Algumas noções sobre o rural*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6., 2004, Goiânia. [Anais eletrônicos...]. Goiânia: UFG, 2004. 1 CD-ROM

SOUZA, Marcelo L. *O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO, GOMES e CORRÊA (orgs.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. *ABC do desenvolvimento Urbano*. In: Rio de Janeiro: Ed Bertrand Brasil, 2008.

SOROKIN, P. A; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. *Diferenças fundamentais entre o mundo rural e franquias baratas brasileiras o urbano*. In. MARTINS, J. S. (Org). *Introdução crítica a sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1981.

TRINDADE JR., Saint-Clair C. *Agentes, Redes e Territorialidades Urbanas*. In: Revista Território, n°5, jul/dez, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.

TUFTE, T. *Juventude, Comunicação e mudança social: negociação, navegação e narração da vida de jovens em uma realidade glocal*. Intercom – *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v.33, n.2, p. 51-69, jul./dez. 2010

\_\_\_\_\_. Juventude, Comunicação e mudança social: negociação, navegação e narração da vida de jovens em uma realidade glocal. *Revista Brasileira de Ciências de Comunicação*. São Paulo, v.33, n.2, p. 51-69, jul./dez. 2010

QUEIROZ, M. I. P. *Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”*. In: VON SIMSON, O. M. (org. e intr.). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v.5, 1988.

UNESCO. *Políticas de/para/com Juventudes*. Brasília: Unesco, 2004.

VOGT, O. e SILVEIRA, R. L. (Org.) Vale do Rio Pardo: (re) conhecendo a região. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

VOGT, Olgário Paulo. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul e o capital social*. Tese (Programa de Doutorado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *Culture is ordinary*. In: GRAY, Ann; MCGUIGAN, Jim. (orgs). *Studyine culture*. London: Arnold, 1993.

\_\_\_\_\_. *Cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org) *Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.



## ANEXO A – Formulário



### Fotografia e identidade regional a partir dos jovens no Vale do Rio Pardo-RS

#### Formulário

1. **Nome:**
2. **Sexo :** ( ) Masculino ( ) Feminino
3. **Qual sua idade?** \_\_\_\_\_
4. **Escolaridade?**  
( ) 1º ano do Ensino Médio ( ) 2º ano do Ensino Médio ( ) 3º ano do Ensino Médio
5. **Estabelecimento de Ensino que frequenta?**  
( ) Particular ( ) Pública ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_
6. **Onde se localiza o estabelecimento de Ensino que frequenta?**  
( ) Zona Rural ( ) Zona Urbana
7. **Mora em residência:**  
( ) Própria ( ) Alugada ( ) Cedida pelo empregador ( ) Com os pais ( ) Com familiares ( ) outros
8. **Em qual município reside?** \_\_\_\_\_
9. **A localização da sua residência é na ?** ( ) Zona Urbana ( ) Zona Rural
10. **De quem é a propriedade que você mora?** \_\_\_\_\_
11. **Referente à sua ocupação, você:**  
( ) só estuda ( ) trabalha e estuda ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_
12. **Onde nasceu?** \_\_\_\_\_
13. **Tempo de residência no município atual?** \_\_\_\_\_
14. **Municípios que já residiu? ( em ordem cronológica)** \_\_\_\_\_
15. **Qual a ocupação da mãe?** \_\_\_\_\_
16. **Qual é a ocupação do pai?** \_\_\_\_\_
17. **Escolaridade da mãe:** \_\_\_\_\_
18. **Escolaridade do pai:** \_\_\_\_\_
19. **Qual é a sua renda familiar?** \_\_\_\_\_
20. **Você costuma viajar? Com que frequência? E para onde?**  
\_\_\_\_\_
21. **Quais os eletrodomésticos que você tem em casa?**  
( ) Geladeira ( ) Freezer ( ) Fogão a gás ( ) Fogão à lenha ( ) Microondas ( ) Forno elétrico  
( ) Lava-roupas ( ) Tanquinho ( ) Lava-louça ( ) Aspirador de pó ( ) Ar condicionado

22. E quantos têm? \_\_\_\_\_

23. Posse de aparelhos de mídia:

( ) TV ( ) Rádio ( ) DVD ( ) Videocassete ( ) Hometheater

( ) Videogame ( ) Telefone fixo ( ) Celular ( ) smartphone ( ) Celular com internet

( ) Computador ( ) Notebook ( ) Tablet

---

24. Quais os meios de comunicação você mais utiliza?

( ) Jornal ( ) TV ( ) Revista ( ) Rádio ( ) Internet ( ) Outro.

Qual? \_\_\_\_\_

25. Possui acesso a internet? ( ) sim ( ) não

26. Em caso positivo, onde acessa? ( ) Somente na escola ( ) Na escola e em casa ( ) Outro. Qual?

\_\_\_\_\_

27. Qual (is) o(s) meio(s) de comunicação que você usa para acessar internet?

( ) Notebook ( ) Smartphone ( ) Celular com internet

( ) Computador ( ) Tablet ( ) Outros

28. Com que frequência utiliza a internet diariamente?

( ) 0 a 3 horas

( ) 06 a 09 horas

( ) 3 a 6 horas

( ) mais de 10 horas

29. Você costuma acessar redes sociais? Quais? Com que frequência? E para que fins?

\_\_\_\_\_

30. Seus amigos das redes sociais são do entorno do Vale do Rio Pardo?

\_\_\_\_\_

31. O que você costuma assistir ou ler dos meios de comunicação?

\_\_\_\_\_

32. Quando você fotografa, qual aparelho normalmente utiliza?

( ) Câmera Fotográfica ( ) Celular/Smartphone ( ) tablet Outros. Qual?

\_\_\_\_\_

33. Com que objetivo costuma fotografar normalmente?

\_\_\_\_\_

34. O que a fotografia significa para você?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

35. Por que você escolheu estas fotografias para a pesquisa?

\_\_\_\_\_

36. Quais foram suas intenções ao produzir essas imagens?

\_\_\_\_\_

37. Você conhece a região do Vale do Rio Pardo?

---

38. Você costuma circular por ela?Quais municípios? E neles, onde vai e para quê?

---

39. Como você acha que a sua região é representada?

---

40. Como você vê a sua região?

---

41. Como você gostaria de ver o seu lugar representado?

---

42. Ao olhar a suas fotografias, quais delas você acha que identifica ou representa mais a sua região?  
Por quê?

---

43. Teve alguma imagem provocou um sentimento de pertencimento? Qual (is)?

---

44. Como você acha que a fotografia pode contribuir para a identificação das diferentes culturas na sua região, ou no lugar onde você mora?

---

---

45. Você acha que a fotografia é um instrumento que ajuda a divulgar a sua região?

---

46. Você acha que a sua região possui diferentes significados culturais, como você percebe esses significados?

---

47. Essas fotografias podem ser consideradas para você como um produto de significação social da sua região?

---

48. Você ou sua família se sentem pertencentes a alguma etnia, origem cultural, geográfica?

---

**ANEXO B – Carta de apresentação às instituições**

Santa Cruz do Sul, 17 de setembro de 2015.

**Ilmo.  
Prof.  
Colégio**

Prezado Senhor

Eu, Elisangela Rüdiger Johann, mestranda do 2º ano do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, estou em processo de construção da minha dissertação de mestrado, cujo título provisório é *Fotografia e identidade territorial a partir da percepção dos jovens na região do Vale do Rio Pardo – RS*. Sendo assim pretendo realizar juntamente com os alunos do Ensino Médio, com a idade entre 15 e 18 anos, alguns encontros, que poderão ser nas dependências da escola, realizando conversas e entrevistas com o grupo de alunos definido. O objetivo é perceber como os jovens identificam a região na qual estão inseridos, utilizando como recurso a fotografia.

Os encontros fazem parte da coleta de dados para a análise do tema proposto para a dissertação de mestrado, e serão realizados nos meses de outubro e novembro de 2015. Para tal, há a necessidade de interagir com alguns alunos de vossa escola para o desenvolvimento do estudo e, por consequência, do consentimento da escola. Posteriormente, em caso de aceite da escola, haverá um documento solicitando o consentimento dos alunos e de seus pais.

O trabalho será orientado pela professora doutora Ângela Felippi, docente da instituição.

Solicitamos sua colaboração neste importante momento do processo de construção de conhecimento e interação social.

Cordialmente,

---

**Elisangela Rüdiger Johann**  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação  
Em Desenvolvimento Regional - UNISC

---

**ÂngelaCristina Trevisan Felippi**  
Docente do Programa de Pós-Graduação em  
Desenvolvimento Regional -UNISC

## ANEXO C – Texto aos participantes

### Visão do mundo através das lentes: O que a fotografia nos revela?

A fotografia, desde o seu surgimento no início do século XIX, foi utilizada como forma de representação pelo homem, dando forma aos seus conceitos de realidade. Registrar momentos, fatos e acontecimentos fazem parte de um contexto histórico que busca eternizar sentimentos e emoções. Descobrir a essência das imagens é buscar a nossa própria essência. Portanto, as imagens são relações dos homens com o mundo, que pretendem representar algo no espaço e no tempo. A fotografia tem sido utilizada como um grande meio de expressão artística, sendo um eficiente contribuinte nas áreas de investigação, planejamento e divulgação, despertando cada vez mais interesse de profissionais de diferentes áreas das ciências humanas, onde a fotografia serve como instrumento de conhecimento, análise e reflexão.

A importância da imagem na vida cotidiana das pessoas vem se tornando cada vez mais relevante, ela permite perceber detalhes profundos em um conjunto de elementos provocando sensações visuais diferentes em cada indivíduo. O conteúdo que ela representa é o resultado de algo, de um objeto, de uma paisagem, uma pessoa que queremos recordar e guardar não só na memória, mas também em um arquivo digital ou em uma fotografia impressa, que nos possa fazer sentir essa presença novamente.

O uso da imagem, muitas vezes, dispensa a utilização de uma teoria, explicação, argumentos e palavras. A imagem tem o poder de dizer sem dizer, ela não precisa se manifestar com palavras, a sua imagem fala por si só. É a maneira de difundir ideologias podendo se tornar referências mundiais e a preservação da memória através de determinados fatos e acontecimentos de épocas passadas e espaços geográficos, auxiliando em fontes de pesquisa para outros estudos.

A imagem é um meio de expressão que pode ser usada de diferentes formas, e com o aumento e aparecimento de diversos produtos destinados à comunicação, como computadores, telefones celulares, aparelhos de DVD e entre outros, ela vem ganhando cada dia mais força e seu fluxo contribui para um consumo ainda maior, invadindo tanto o universo do trabalho quanto o do entretenimento. Ela tem um poder de penetrar em todos os momentos da vida humana, fazendo com que o indivíduo se torne um receptor constante da comunicação visual.

Cada vez mais se percebe a importância das imagens para a divulgação de um território como produto de consumo e divulgação. Muitas cidades constroem sua imagem com a finalidade de ser conhecida como um destino diferenciado e atrativo tanto no espaço regional, nacional e no global. Sua definição envolve vários significados e apropriações do seu uso, o que percebemos em comum é a sua capacidade de informar.

O uso da fotografia é uma mídia cada vez mais utilizada pela sua informação e convicção da veracidade e interesses particulares. Por ser uma mídia de fácil veiculação, ela provoca sentimentos de amor, desejos, dor, sofrimentos, consumismo e outros sentimentos ocultos que são interpretados de formas diferentes em cada indivíduo.

A sensação que a fotografia nos traz quando podemos analisá-la novamente, nos faz reviver e lembrar momentos passados, dando uma condição de presente. Ela nos faz lembrar de nossos antepassados, da nossa infância, de pessoas que não estão mais presentes em nossas vidas, dos nossos animais de estimação, de uma cidade, uma paisagem, lugares que marcaram um momento especial, uma brincadeira, enfim, cada imagem representa um sentimento único, transmitindo uma lembrança boa ou ruim. As fotografias são nossas

memórias, a nossa história geralmente é contada por elas. A fotografia nos oportuniza vencermos o tempo e revivermos emoções. A fotografia é a forma mais verdadeira de se guardar para sempre momentos únicos e importantes da história das nossas vidas.

Nos dias de hoje imaginar uma sociedade, ou uma família sem registros fotográficos é quase impossível, ela se tornou tão importante e tão presente no dia-a-dia do homem, que a fotografia se tornou um instrumento na busca da própria identidade. É por meio dela que capturamos momentos únicos, momentos que jamais se repetirá. A fotografia é a prova de fato, é a existência contida na imagem comprovando o que realmente ocorreu naquele instante.

Você consegue imaginar um jornal sem fotografias? Um noticiário falando sobre a guerra sem imagens? Falar de um lugar, uma cidade, um país apenas por meio de um texto verbal. A sua infância sem registros? Você consegue imaginar seus pais mais jovens sem uma imagem para olhar? Ou uma vida sem fotografias?

A partir desse momento **VOCÊ É O FOTÓGRAFO**, e durante uma semana você poderá fotografar pessoas, lugares, paisagens, animais, objetos, monumentos, enfim, você terá que fotografar algo que te represente que tenha um sentido para você, que seja importante, que provoque um sentimento de pertencimento especialmente a um lugar ou à região em que você mora.

Observação: Cada participante terá que entregar no máximo 10 fotografias digitais, a data para a entrega será combinado com os alunos.



## IDENTIFICAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Titulo da dissertação: Fotografia e identidade regional a partir dos jovens no Vale do Rio Pardo-RS

Aluna: Elisangela Rudiger Johann

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional-UNISC

Linha de pesquisa: Território, planejamento e sustentabilidade

Fotógrafa na empresa Elisangela Johann Fotografias

Orientadora: Ângela Cristina Trevisan Felippi

Professora Pesquisadora do PPG em Desenvolvimento Regional

Subchefe do Departamento de Comunicação Social

Editora da Rizoma

Universidade de Santa Cruz do Sul - RS - Brasil

## ANEXO D – Termo de consentimento aos participantes



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em participar e ser entrevistado(a) na pesquisa de campo referente a dissertação intitulada “ Fotografia e identidade regional a partir dos jovens no Vale do Rio Pardo-RS”, desenvolvida pela mestrandia Elisangela Rudiger Johann no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC.

Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela profa. Dra. Ângela Cristina Trevisan Felippi. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Qualquer dúvida ou esclarecimento que julgar necessário poderei contatar a pesquisadora através do e-mail: [elisangelajohann@ibest.com.br](mailto:elisangelajohann@ibest.com.br)

Estou ciente que minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de imagens que irei fotografar e entrevista semiestruturada, sendo que o acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e o orientador.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Santa Cruz do Sul, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_

Assinatura do (a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) pesquisador (a): \_\_\_\_\_



### Perfil dos jovens entrevistados da escola comunitária e dos jovens da escola privada (2015)

## ANEXO E – Perfil dos participantes

Sujeitos Entrevistados	Escolaridade	Instituição de Ensino	Município onde reside	Municípios que já residiu	Localização da sua residência	Referente à sua ocupação	Ocupação do Pai	Ocupação da Mãe	Escolaridade do Pai	Escolaridade da Mãe	Renda familiar
Jovem 01 E.C (K. 16 anos/masc.)	2º ano do ensino médio	Escola comunitária	Herveiras	—	Zona rural	Trabalha e estuda	Operador de máquinas na prefeitura de Herveiras	Merendeira da Escola São Luis-Herveiras	8ª série	4ª série	2.700,00
Jovem 02 E.C. (L. 16 anos/Masc.)	1º ano do ensino médio	Escola comunitária	Passo do Sobrado	—	Zona rural	Trabalha e estuda	Agricultor	Agricultora	4ª série	4ª série	Não sabe informar
Jovem 03 E.C. (L. 16 anos/Masc.)	2º ano do ensino médio	Escola comunitária	Santa Cruz do Sul	—	Zona rural	Trabalha e estuda	Agricultor e saftista da Philip Morris	Empregada doméstica	Ensino médio completo	4ª série	4.000,00
Jovem 04 E.C. (M. 15 anos/Masc.)	1º ano do ensino médio	Escola comunitária	Sinimbu	Boqueirão do Leão	Zona rural	Trabalha e estuda	Professor	Professora	Ensino superior completo	Ensino superior incompleto	5.500,00
Jovem 05 E.C. (S. 16 anos/ Fem.)	2º ano do ensino médio	Escola comunitária	Vera Cruz	—	Zona rural	Trabalha e estuda	Agricultor	Agricultora e saftista	4ª série	Ensino fundamental completo	Não sabe informar
Jovem 06 E.C. (V. 16anos/Masc.)	1º ano do ensino médio	Escola comunitária	Passo do Sobrado	Rio Pardo	Zona rural	Trabalha e estuda	Agricultor e ferreiro	Agricultora e confeteira	4ª série	8ª série	50.000,00 ano bruto
Jovem 07 E.P. (G. 16 anos/Masc.)	1º ano do ensino médio	Escola privada	Santa Cruz do Sul	Curitiba e Paraná	Zona urbana	Estuda	Trabalha na Uniar	Dona de casa	Não sabe informar	5ª série	Não sabe informar
Jovem 08 E.P. (J. 15 anos/Fem.)	1º ano do ensino médio	Escola privada	Santa Cruz do Sul	Frasburgo	Zona urbana	Estuda	Administrador	Pedagoga	Ensino superior completo	Ensino superior completo	Não sabe informar
Jovem 09 E.P. (F. 17 anos/Masc.)	1º ano do ensino médio	Escola privada	Santa Cruz do Sul-Linha João Alves	—	Zona rural	Estuda	Corretor de imóveis	Contabilista	Ensino superior completo	Ensino superior completo	3.200,00
Jovem 10 E.P. (N. 15 anos/Masc.)	1º ano do ensino médio	Escola privada	Santa Cruz do Sul	—	Zona urbana	Estuda	Contador	Podóloga	Ensino superior completo	Ensino superior completo	Não sabe informar
Jovem 11 E.P. (T. 15 anos/Masc.)	1º ano do ensino médio	Escola privada	Santa Cruz do Sul	—	Zona urbana	Estuda	Fiscal da Receita Federal	Aposentada	Ensino superior completo	Ensino superior completo	Não sabe informar

